



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE - POSLLI

VINÍCIUS MORAES DOS SANTOS

***O AVESSO DA PELE, DE JEFERSON TENÓRIO: UMA LEITURA DO
CORPO/CORPOREIDADE DAS PERSONAGENS***

GOIÁS

2025

VINÍCIUS MORAES DOS SANTOS

***O AVESSO DA PELE DE JEFERSON TENÓRIO: UMA LEITURA DO
CORPO/CORPOREIDADE DAS PERSONAGENS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, como pré-requisito para o título de mestre.

Linha de pesquisa 2: Língua, Literatura e Interculturalidade.

Orientadora: Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade.

GOIÁS
2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: Vinícius Moraes dos Santos

E-mail: vinimsatos@hotmail.com

Dados do trabalho

Título: O AVESSE DA PELE, DE JEFERSON TENÓRIO: UMA LEITURA DO CORPO/CORPOREIDADE DAS PERSONAGENS

Tipo:

Tese

Dissertação

Curso/Programa: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE - POSLLI

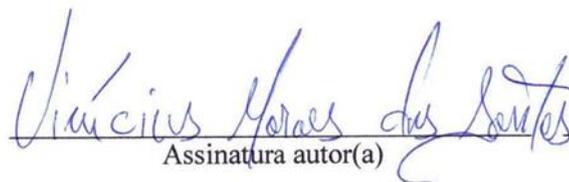
Concorda com a liberação documento

SIM

NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás, 15 de maio de 2025.


Assinatura autor(a)



Documento assinado digitalmente

EMILE CARDOSO ANDRADE

Data: 19/05/2025 19:19:48-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

- S237a Santos, Vinícius Moraes dos.
“O avesso da pele”, de Jeferson Tenório : uma leitura do corpo/corporeidade das personagens [manuscrito] / Vinícius Moraes dos Santos. – Goiás, GO, 2025.
101 f. ; il.
- Orientadora: Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade.
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2025.
1. Literatura brasileira - romance. 1.1. Análise histórico-filosófica. 1.2. Análise de personagem. 1.2.1. Corpo - corporeidade. 1.2.2. Racismo. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.
- CDU: 82.09(81)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu
UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000
Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 02/2025

Aos onze dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco às catorze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Vinícius Moraes dos Santos, intitulado “**O AVESSO DA PELE DE JEFERSON TENÓRIO: UMA LEITURA DO CORPO/CORPOREIDADE DAS PERSONAGENS**”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dr. José Humberto Rodrigues dos Anjos – Presidente (POSLLI/UEG), Dra. Thayza Alves Matos, University of New Mexico (EUA), Dr. José Elias Pinheiro Neto (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo mestrando e seu orientador. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi () aprovada, (**X**) aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver). Cumpridas as formalidades de pauta, às 16h40 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 11 de março de
2025.

Documento assinado digitalmente
 **JOSE HUMBERTO RODRIGUES DOS ANJOS**
Data: 03/04/2025 10:10:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Humberto Rodrigues dos Anjos
Presidente - (POSLLI/UEG)

Documento assinado digitalmente
 **THAYZA ALVES MATOS**
Data: 03/04/2025 14:21:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Thayza Alves Matos
Membro Externo - (University of New Mexico -
EUA)

Documento assinado digitalmente
 **JOSE ELIAS PINHEIRO NETO**
Data: 03/04/2025 10:17:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Elias Pinheiro
Neto Membro Interno -
(POSLLI/UEG)

Dedico este trabalho aos meus pais, em especial, à minha mãe, uma linda mulher que sempre esteve ao meu lado ao longo da minha vida. Uma mulher que nunca me negou afeto, uma palavra incentivadora, um abraço, uma escuta, um olhar consolador e meigo.

Dedico também ao meu pai (in memoriam), um homem, rústico, lavrador, que talvez tenha sofrido com a ausência de afetos e se endurecido diante das tristezas e mazelas da vida, mas que, ainda assim, é o meu pai. Creio que este seja um momento de dedicar algo a ele, um momento em que amadurecemos, crescemos e buscamos ressignificar as ausências.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que sempre manteve um otimismo inabalável em relação ao valor do estudo, transmitindo-me o desejo de buscar o conhecimento e nunca desistir.

À minha esposa, Lídia Artiaga, uma mulher incrível que me ensinou a enxergar a vida de forma mais feminina e sensível. Apaixonada pelas Letras, alfabetizadora maravilhosa, mãe atenciosa, artesã habilidosa, e uma grande incentivadora, que sempre acreditou em mim e na importância de continuar estudando.

Ao meu filho, João Cândido, que chegou ao mundo trazendo a experiência única e imensurável de me fazer pai, transformando minha vida com seu amor e presença.

À minha orientadora, Émile Cardoso Andrade, cuja força e paixão pela literatura tornaram minha caminhada mais acolhedora. Sua postura me fez sentir verdadeiramente abraçado pela Universidade e pelo processo de aprendizado.

Ao professor e coordenador do POSLLI, Samuel Carlos Melo, pelo carinho, atenção e dedicação aos discentes.

À professora Nismária Alves David, pela valiosa colaboração neste trabalho. Minha gratidão também se estende aos demais professores que, com suas contribuições, fizeram parte deste processo enriquecedor.

Por fim, aos meus familiares – irmãs, sobrinhos e todos que me apoiaram de alguma forma – deixo aqui meu reconhecimento e gratidão por cada gesto de incentivo.

Talvez eu seja um sádico, ou um anjo
Um mágico, o juiz ou réu
O bandido do céu, malandro ou otário
Padre sanguinário, franco atirador se for necessário
Revolucionário, insano ou marginal
Antigo e moderno, imortal
Fronteira do céu com o inferno
Astral imprevisível
Como um ataque cardíaco do verso
Violentemente pacífico
Verídico, vim pra sabotar seu raciocínio
Vim pra abalar seu sistema nervoso, e sanguíneo
Pra mim ainda é pouco, Brown cachorro louco
Número 1 dia, terrorista da periferia
Uni-duni-tê, eu tenho pra você
Um rap venenoso ou uma rajada de PT
E a profecia se fez como previsto
1997, depois de Cristo
A fúria negra ressuscita outra vez
Racionais Capítulo 4, Versículo 3

Fragmento - Racionais MC's

RESUMO

O objetivo dessa dissertação é realizar uma leitura histórico-filosófica sobre o corpo/corporeidade no livro *O Averso da Pele* (2020), escrito pelo brasileiro Jeferson Tenório. Os aportes teóricos buscaram conceitualizar a corporeidade na *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty (1999), e avançaram na busca de algumas referências no que diz respeito à construção de corpo/corporeidade no Ocidente, tais como: Platão (1991), Santo Agostinho (1980), Karl Marx (1991), Michel Foucault (1999; 2001) dentre outros. Para subsidiar a pesquisa sobre a corporeidade dos negros, foram considerados os estudos de Frantz Fanon (2020a; 2020b), Achille Mbembe (2014; 2018), Lélia Gonzalez (1980) dentre outros. As indagações se concentram em duas questões principais: a primeira refere-se aos elementos presentes nessas personagens que podem contribuir para a reprodução da reificação social, manifestada corporalmente; e a segunda questiona em que medida essas personagens podem evidenciar a dimensão de um corpo cuja expressividade seja capaz de superar as normas moralmente impostas, subordinadas às relações de poder sobre o corpo. Essas reflexões podem vir a enriquecer o debate sobre o corpo enquanto símbolo de poder, controle e liberdade, alinhando-se aos estudos críticos sobre corporeidade nos Estudos Culturais. Tenório (2020) demonstra que a superação da alienação, embora possível, é um processo árduo e permeado pela resistência. Essa libertação tem um preço alto, pois exige o enfrentamento de preconceitos e desumanização profundamente enraizadas. O autor enfatiza a necessidade de preservar o "averso", ou seja, aquele espaço íntimo protegido dos julgamentos externos, e de valorizar os afetos, frequentemente negados às pessoas negras. Apesar de muitas dessas relações afetivas estarem marcadas por traumas sociais, elas se tornam formas essenciais de resistência. Em suma, a análise desses elementos nas personagens ajudou a compreender como o ajustamento desses corpos é retratado na narrativa e como a figuração das personagens questiona e desafia as normas impostas sobre o corpo. Essas personagens também podem servir como modelos inspiradores de resistência, destacando a importância das diferenças.

Palavras-chaves: Corpo/corporeidade. Racismo. Personagem. Romance.

ABSTRACT

This dissertation proposes a historical-philosophical reading of the body/corporeality in the book *O Avesso da Pele* (2020), written by the Brazilian author Jeferson Tenório. The theoretical framework seeks to conceptualize corporeality based on Merleau-Ponty's *Phenomenology of Perception* (1999). Additionally, we draw on references regarding the construction of body/corporeality in the Western tradition, such as Platão (1991), Saint Augustine (1980), Karl Marx (1991), and Michel Foucault (1999; 2001). To support our research on Black corporeality, we consider the studies of Frantz Fanon (2020a; 2020b), Achille Mbembe (2014; 2018), and Lélia Gonzalez (1980). Our inquiry focuses on two main questions: first, what elements in these characters contribute to the reproduction of social reification as manifested through the body? Second, to what extent do these characters reveal the dimensions of a body whose expressiveness is capable of transcending morally imposed norms, which are subordinated to power relations over the body? These reflections can enrich the debate on the body as a symbol of power, control, and freedom, aligning with critical studies on corporeality in Cultural Studies. Tenório demonstrates that overcoming alienation, while possible, is an arduous process shaped by resistance. This liberation comes at a high cost, requiring individuals to confront deeply rooted prejudices and dehumanization. The author emphasizes the need to preserve the "reverse side," that is, the intimate space protected from external judgments, and to value affections, which are often denied to Black people. Although many of these affective relationships are marked by social traumas, they become essential forms of resistance. Ultimately, the analysis of these elements in the characters can help us understand how the adjustment of these bodies is portrayed in the narrative and how the characterization of the protagonists challenges and subverts the imposed norms on the body. These characters can also serve as inspiring models of resistance, highlighting the importance of differences.

KEYWORDS: *O Avesso da Pele*. Body/corporeality. Racism. Character.

SUMÁRIO

MEU PERCURSO	12
INTRODUÇÃO	17
1. SE QUISEREM CHAMAR DE AUTOFIÇÃO...	32
1.1 Aproximações entre vida e obra	36
2. CORPO E CORPOREIDADE E A TRADIÇÃO OCIDENTAL	50
2.1 Pré-socráticos e Platão – o corpo como males da humanidade	50
2.2 Santo Agostinho – o pecado da carne	51
2.3 Karl Marx – o corpo como ferramenta de trabalho	52
2.4 Frantz Fanon – o corpo negro	54
2.5 Michel Foucault – “docialização” dos corpos	56
2.6 Lélia Gonzalez – o corpo da mulher negra	57
2.7 Joseph Achille Mbembe – corpos descartáveis	59
2.7 Merleau-Ponty – corporeidade	60
3. O AVESSO DA PELE E SEUS CORPOS	66
3.1 Personagem Henrique – Um corpo que não para de morrer	66
3.2 Martha – corpo e salvo conduto	78
3.3 Lúcia – ambiguidade corporal	83
3.4. Saharienne – “mete o pé na porta”	84
3.5 Elisa – corpo mutilado.	86
3.6 Pedro – objetos e memórias	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	98

MEU PERCURSO

“Eu amo a Vovó, só não gosto da cor dela”.
Marcos Vinícius Pereira Moraes, oito anos.
(Meu sobrinho)

No processo de pesquisa e seleção do objeto de estudo, recebi do professor Alexandre Bonafim a sugestão de analisar o livro *O Avesso da pele* (2020). Essa recomendação surgiu após suas observações durante a Aula Magna¹ do Programa de Mestrado, onde o tema se desdobrou sobre a possibilidade de reconstrução decolonial da Universidade e uma aproximação maior da literatura africana. O professor indicou esse livro, notando a minha proximidade com o assunto relevante.

Ao me deparar com a leitura, ficou evidente a minha intimidade com o objeto de estudo, o que suscitou preocupações e levantou questionamentos sobre a viabilidade de elaborar uma dissertação de mestrado. A obra em questão evoca eventos que ressuscitam fantasmas, termo utilizado pelo autor para descrever traumas não resolvidos, não medicados e não analisados. Essa ressonância emocional suscitou-me dúvidas sobre a possibilidade de manter a objetividade necessária para uma dissertação acadêmica.

No entanto, paradoxalmente, essa intimidade também proporciona uma perspectiva para uma compreensão mais profunda do objeto de estudo. De certa forma, me vejo como parte integrante dele, ao me identificar com Henrique e vivenciar experiências semelhantes às abordagens policiais descritas. Além disso, reconheço nas tias de Henrique características que remetem à minha própria mãe e às minhas tias, mulheres negras que enfrentaram a solidão específica da mulher negra, enquanto continuavam a acolher inúmeros filhos e sobrinhos. Essa dualidade entre a proximidade emocional e a compreensão mais ampla do objeto de estudo torna-se um elemento crucial na reflexão sobre a abordagem a ser adotada na pesquisa.

Ao me debruçar sobre esse objeto de estudo, especialmente no campo literário, utilizei a pesquisa como um meio para transcender os desafios e as angústias que emergem, buscando uma compreensão mais densa desses "fantasmas" que me assombam.

Segundo Culler (1999, p. 45), a literatura possui funções que podem parecer conflitantes: ela pode servir tanto como veículo de ideologia, reforçando determinadas perspectivas, quanto como instrumento de anulação, desafiando e desconstruindo essas mesmas perspectivas. Essa ambivalência torna a literatura uma ferramenta respeitável e poderosa, capaz

¹Tema da aula: Inclusão das Diversidades no Sul Global. Com o Professor Dr. Kleber Aparecido da Silva - UnB – Brasília/CNPq. Realizada em: 03/05/2023.

de simultaneamente questionar e validar, o que a torna essencial no processo de compreensão das complexidades humanas e sociais. Em outras palavras, ao explorar a literatura, não apenas confrontamos e acalmamos nossos medos e dúvidas, mas também expandimos nossa visão sobre o mundo, utilizando-a como uma representação que pode vir a transformar nossa realidade.

O livro *O avesso da Pele*, escrito pelo brasileiro Jeferson Tenório, é um romance premiado com o Jabuti de 2021. A obra aborda temas como ausências, relacionamentos, afeto, identidade, pertencimento e luto, todos permeados pela questão racial do negro brasileiro. A narrativa é conduzida por Pedro, um narrador em primeira pessoa, onisciente. O pai de Pedro, Henrique, já falecido, é central na trama, e seu filho reconstrói memórias por meio dos objetos do apartamento paterno na tentativa de aproximar-se dele. Fica evidente a ausência paterna ao longo da vida de Pedro.

O ocutá² é o primeiro objeto que Pedro encontra no apartamento do pai. É curiosa a simbologia desse objeto sagrado do Candomblé, pois permite contar e criar a história de vida de Henrique. A narrativa incide na sensação de que o pai reencarna no filho e, assim, lembranças íntimas vão sendo rememoradas.

Durante o desenvolvimento de nossas pesquisas, em março de 2024, averiguamos a censura do livro *O Avesso da Pele* pelos governos dos estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná³. As secretarias de educação desses estados alegavam que a obra contém "expressões impróprias" para menores de 18 anos, justificando, assim, a necessidade de sua reavaliação ou remoção das bibliotecas escolares. No estado do Rio Grande do Sul, embora a diretora de uma escola tenha solicitado a retirada do título, o governo estadual optou por manter a obra em sua lista oficial de livros recomendados.

Os trechos do livro que tratam de relações sexuais e da sexualização dos personagens são apontados como um dos principais argumentos para a censura da obra, contudo, essa justificativa apresenta falhas. Políticos de direita chegaram a declarar que a obra contém "linguagem pornográfica". O livro tem sido alvo de ataques desde 2022, quando o autor recebeu ameaças de morte após anunciar uma palestra em uma escola em Salvador. Na ocasião, o

² Ocutá é o centro, o imã que atrai o Orixá, o ponto principal entre o Orixá e a pessoa. Geralmente é uma pedra de rio. Disponível em: <https://zeze-de-oxala-centro-africano.webnode.page/ocutas-dos-orixas/>. Acesso em: 09/08/2023.

³ BASÍLIO, Ana Luiza. Tentativas de censura a 'O avesso da Pele' estão alinhadas a um projeto político, diz autor da obra... Carta Capital, São Paulo, SP, 04 de março de 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/tentativas-de-censura-a-o-avesso-da-pele-estao-alinhadas-a-um-projeto-politico-diz-autor-da-obra/>. Acesso em: 17 de outubro de 2024.

escritor relatou ter recebido mensagens anônimas que afirmavam que, caso comparecesse ao evento, ele teria o "CPF cancelado" ou "precisaria deixar o país" para evitar ser atacado.

Essa situação me assustou profundamente, especialmente porque sou professor efetivo da Rede Estadual de Educação de Goiás. Presentemente, estou afastado da sala de aula, desfrutando da licença para aprimoramento, uma oportunidade oferecida pelo Estado de Goiás para que eu amplie meus conhecimentos e, posteriormente, os aplique em sala de aula. No entanto, a ironia é evidente: o objeto da minha pesquisa está sendo censurado pelo próprio governo que financia meus estudos.

Inicialmente, fiquei apreensivo, temendo possíveis retaliações por parte da Secretaria de Educação do Estado. Decidi, então, aguardar os trâmites judiciais e acompanhar as discussões sobre a censura do livro. Felizmente, prevaleceu a racionalidade, e ficou constatado que a censura resultava de posturas autoritárias em alguns estados ou de decisões pessoais de diretoras de escolas que se sentiram no direito de determinar o que os alunos poderiam, ou não, ler. No entanto, tal decisão não cabe a um diretor, especialmente considerando que o livro em questão foi aprovado pelo rigoroso processo de seleção do Ministério da Educação - MEC e faz parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLLD.

Devido a censura, o livro ganhou maior destaque nas mídias sociais e nos noticiários de televisão. O autor participou de várias entrevistas falando sobre a censura de seu livro. Em uma das entrevistas ele argumentou que *O avesso da pele* é um livro sobre a paternidade, sobre pais e filhos e sua difícil relação.

Há também, no livro, uma crítica à precariedade do ensino no Brasil, pois a obra vai tratar da sala de aula, do dia a dia dos professores e dos alunos. Por fim, também vai tratar do racismo estrutural e, conseqüentemente, da violência policial, que são temas muito sensíveis. E isso faz com que algumas escolas e profissionais de educação, sem subsídio, acabem, ao invés de discutir, censurando o livro.

O pensamento de Antonio Candido (1995, p. 175) sobre a literatura como um direito humano ecoa fortemente na obra *O Avesso da Pele*, especialmente no que alude à precariedade do sistema educacional brasileiro, à violência policial e ao racismo. Segundo Candido (1995), a literatura exerce um papel essencial na humanização, atuando no subconsciente e no inconsciente das pessoas, ajudando-as a se reconhecerem como seres completos e complexos. Quando o acesso à literatura é negado, como frequentemente incide nas periferias e nas populações marginalizadas, a humanidade dessas pessoas é, de certa forma, mutilada.

A censura ou o indeferimento do acesso à literatura agrava essa exclusão, perpetuando ciclos de desumanização e carência de oportunidades. *O Avesso da Pele* coloca em destaque os

efeitos dessa exclusão, especialmente no caso de jovens negros que encaram, desde cedo, a precariedade educacional e a violência rotineira. A literatura, nesse sentido, é mais do que um meio de conhecimento ou entretenimento; ela se torna um instrumento de resistência e reconhecimento de si próprio, capaz de delatar as injustiças e de afirmar a dignidade humana.

Negar o acesso à literatura, portanto, é negar às novas gerações a oportunidade de conhecer e interpretar o mundo de forma crítica, inclusive no que diz respeito às violências estruturais que enfrentam diariamente. *O Avesso da Pele* aponta essas violências ao mesmo tempo que afirma a importância da fruição literária para a edificação de uma identidade que não se submete ao racismo e à opressão.

Em uma outra entrevista⁴ Jeferson Tenório ao ser questionado sobre acreditar que seu livro foi efetivamente censurado, responde que no momento em que se impede que estudantes de escolas públicas tenham acesso a uma obra literária, caracterizando-a como uma estratégia típica de governos autoritários. Ele menciona exemplos históricos, como o governo de Getúlio Vargas, que recolheu obras de Jorge Amado, e o regime militar, que censurou Rubem Fonseca. O autor também considera tal ato uma violência contra a cultura. Além disso, aponta que o Brasil ainda não superou grandes problemas históricos, como a escravidão e a ditadura, cujos efeitos perduram até hoje. Segundo ele, o ocorrido com seu livro reflete o cruzamento desses dois eventos trágicos: de um lado, a negação de discutir o racismo e, de outro, os atos de censura. O autor enfatiza a importância de discutir seriamente os limites da censura, alertando que ações como a apreensão de livros podem evoluir para situações mais extremas, como a queima de livros em praça pública.

Na mesma entrevista, por curiosidade, decidi ler os comentários, e achei pertinente citar alguns para ilustrar o quanto ainda estamos imersos em um viés considerado conservador. Esse viés decorre de uma polarização política que utiliza a censura como ferramenta para propagar ideias de cunho ideológico, político e religioso. Além disso, após as últimas eleições presidenciais em nosso país, ficou evidente o caráter eleitoreiro por trás dessas práticas, revelando como essas estratégias buscam manipular a opinião pública em prol de interesses específicos. Comentários como: “recolher tudo e fazer um fogueira em praça pública; Esse cara tem que ser preso isso e pornografia; Em que país estamos? Ensinar sexo em sala de aula. Escola é para dar conhecimento e não ideologia e sexo.” E tem vários outros comentários, extremamente agressivos.

⁴ Autor de 'O Avesso da Pele' fala em censura após livro ser recolhido: 'ato violento contra cultura', [entrevista cedida a] Vera Magalhães e Carolina Morand. 2024. Rádio CBN. (1min39s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8ZYVOWlGNQ>. Acesso em: 08 de out. 2024.

Judith Butler, (2024, p. 19) o fenômeno descrito, no caso censura, envolve a mobilização de medos e ansiedades individuais que, quando aparelhados coletivamente, resultam na formação de identificações políticas tanto em nível macro, envolvendo questões de Estado e políticas públicas, quanto em nível micro, influenciando a vida cotidiana e as relações interpessoais. Essas questões partidárias e ideológicas, muitas vezes são fundamentados em inseguranças e ressentimentos, são moldadas por discursos polarizadores e, em muitos casos, mantidas por desinformação e manipulação ideológica.

Alfredo Bosi (2002, p. 120) em seu livro *Literatura e Resistência*, ressalta que a literatura é um espaço de disputa e crítica frente às forças opressoras da sociedade. Ele pesquisa como a literatura, ao divulgar a subjetividade dos autores e as experiências dos povos marginalizados, se torna uma vulto de resistência cultural e política, especialmente em contextos de coação e desigualdade. Ele conjectura sobre o papel dos escritores que, ao denunciar as injustiças e defender valores humanistas, rompem com o silêncio conferido por poderes dominantes e promovem uma leitura crítica da realidade social e histórica.

A censura surge nesse contexto, como um dispositivo de domínio estratégico, empregado por grupos reacionários para moldar o debate público e limitar a disseminação de ideias contrárias aos seus interesses. Ela se associa a outras práticas, como a distorção de informações, *fake news*, e a manipulação de símbolos culturais e religiosos, instituindo um ambiente de opressão camuflada de proteção de valores. Essa censura não apenas diminui a liberdade de expressão, mas também avigora estruturas de poder que marginalizam grupos vulneráveis e extinguem vozes dissidentes, intensificando ainda mais as divisões sociais.

Na nossa introdução, vamos explorar os questionamentos sobre a censura do livro *O avesso da pele*, tentando entender os motivos por trás dessa proibição. Para isso, fizemos um resumo breve da história da literatura negra no Brasil, mostrando como as relações de poder nesse meio muitas vezes silenciam e negam histórias de personagens negros, como os que aparecem nessa obra. Além disso, procuramos compreender a complexidade da narrativa criada pelo autor, que traz um tom quase autobiográfico, misturando ficção e realidade. A partir de algumas entrevistas que transcrevemos, mergulhamos no processo de criação dos personagens, buscando entender suas camadas e significados. Tudo isso para refletir sobre como a censura pode ser mais uma forma de apagar vozes e histórias negras, levantando dúvidas sobre o que realmente está por trás dessa proibição.

INTRODUÇÃO

Em nossa introdução, iniciamos sintetizando a narrativa do livro *O avesso da pele*, em que o narrador resgata as memórias de seu pai, abordando questões histórico-sociais profundamente enraizadas na realidade brasileira. Entre os temas explorados, destacam-se a desestrutura familiar, a desigualdade social, os desafios estruturais da escola pública, o racismo e a violência policial, elementos que compõem um retrato crítico da sociedade. Na sequência, propomos uma análise breve sobre a construção de personagens negros ao longo da história da literatura brasileira, examinando como essas figuras foram representadas e quais significados carregam em relação ao contexto social e cultural do país. Essa reflexão busca situar a obra em um panorama mais amplo, evidenciando sua relevância para a discussão de temas urgentes e sua contribuição para a ampliação da representatividade negra na literatura.

Em nosso resumo da obra em análise, focaremos nas partes mais relevantes para o trabalho, destacando sua importância para a análise que propomos.

Henrique é professor de uma escola pública em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O narrador Pedro, relata os problemas da escola pública: desinteresse dos alunos, pouca valorização profissional e sobrecarga de trabalho na vida do professor.

Os problemas de saúde sempre estiveram presentes na vida de Henrique. Desde a infância, ele carregava consigo uma úlcera causada pela ansiedade. Por isso, não serviu o exército, mas, mesmo assim, passou por rituais de humilhação. No processo de alistamento, o sargento pediu que ele e outros garotos tirassem as roupas e, depois, que todos ficassem de quatro. No entanto, isso não passou de uma brincadeira, e ninguém precisou realmente fazer aquilo. O sargento limitou-se a dizer que o exército precisava de homens fortes, e não de "mariquinhas magricelas".

Aos quatorze anos, Henrique estava em um ponto de ônibus e foi confundido com um bandido, ele correu e foi xingado de forma racista e espancado por garotos dentro de uma igreja evangélica. Foi salvo pelo pastor que interveio. Henrique foi algemado e levado como bandido para a delegacia. Apenas horas depois, a situação foi esclarecida.

O narrador relembra a história de sua mãe: sua infância difícil, a morte dos pais quando ainda era criança e a separação dos irmãos, além das dificuldades enfrentadas após ser adotada por Madalena. Ele menciona o assédio sexual na adolescência, o casamento precoce com Vitor, a violência doméstica sofrida e a subjugação do corpo da mulher negra.

Pedro recorda a violência sofrida por Henrique na infância, quando suas professoras deliberadamente prenderam seus dedos na porta. Não se tratou de um acidente, mas de uma

ação intencional, como Henrique posteriormente compreendeu, evidenciando um ato de agressão premeditada.

É relevante destacar os relacionamentos conturbados que Henrique enfrenta ao longo de sua trajetória, marcados por questões interseccionais, com ênfase nas dinâmicas raciais. Henrique vivencia olhares de desaprovação em função de seu envolvimento em um relacionamento interracial, além de ser alvo de piadas preconceituosas ao frequentar a casa de sua namorada, Suellen. Essas experiências refletem o impacto do racismo nas relações sociais, culminando em conflitos adicionais quando ele decide apresentá-la à sua própria família.

Em outra parte da obra, o autor expõe de maneira detalhada as diversas abordagens policiais que Henrique sofre ao longo de sua vida, desde a infância até a vida adulta. Essas experiências são retratadas como atravessadas por discriminações raciais, evidenciando a persistência do racismo institucional e suas repercussões nas vivências cotidianas do protagonista.

O casamento entre Henrique e Martha representa um ponto capital na narrativa, revelando o encontro de duas pessoas que, ao lidarem com suas dores e traumas individuais, tentam sustentar a relação. Ao longo da convivência, encaram diversas situações, como ciúmes, inseguranças, dificuldades financeiras, além de discussões e reconciliações. Embora ambos sejam negros, suas experiências e entendimentos acerca das questões raciais diferem, devido às particularidades de gênero e raça. Martha, como mulher negra, possui uma perspectiva distinta da de Henrique, um homem negro, o que gera conflitos adicionais no relacionamento. Apesar dos empenhos para manter o casamento e do medo da separação, o fim da união se torna inevitável, e eles se separam quando o filho ainda tem menos de um ano de idade.

Por fim, a trajetória de Henrique culmina em um desfecho trágico durante uma abordagem policial mal conduzida. Aos 52 anos, exausto de seguir ordens arbitrárias, ele se recusa a obedecer, tentando retirar os trabalhos de seus alunos de uma pasta. Em um ato de resistência, Henrique é alvejado por diversos disparos, resultando em um tiro fatal na cabeça, disparado por um dos policiais. Essa situação evidencia a brutalidade policial e a desproporcionalidade da violência aplicada.

Depois dessa síntese dos acontecimentos, retornamos ao título *O Averso da Pele* que convida o leitor a explorar o que está além da superfície. Este título provoca reflexões sobre o significado da pele e o que está oculto por trás dela. Quais são as implicações desse "averso"? Por que é importante discutir o averso da pele? Em uma entrevista, o autor Jeferson revelou sua perspectiva sobre a escolha do título, destacando a necessidade de abordar as contradições e profundidades que a pele não revela. Essas questões guiam o leitor a uma compreensão mais

profunda das experiências e sentimentos internos das pessoas negras, que não são imediatamente aparentes.

Por isso que o nome do livro é *O avesso da pele*, porque não é a pele que interessa na verdade, o que interessa é o que as pessoas não enxergam nas pessoas negras, e o avesso, são essas contradições que todos nos carregamos, as nossas angústias. E todos esses sentimentos que a pele não diz [...] (Tenório, 2022, 19min 0s, grifo nosso)⁵.

O livro em análise não aborda apenas o tema do racismo; pelo contrário, é permeado por momentos de afetos inseridos nos relacionamentos familiares nas relações de amizade na relação de professores de escola pública com seus alunos. Primeiramente, ao nos depararmos com o objeto de estudo, pode-se incorrer na equívoco de considerar que se trata apenas de mais uma obra que aborda a resistência da comunidade negra no Brasil. No entanto, a narrativa transcende essa perspectiva, uma vez que o livro busca humanizar o povo negro, que historicamente, a escravidão excluiu essa parcela da população de sua humanidade, e as repercussões dessa violência ainda ecoam nos dias atuais. A obra destaca-se ao apresentar um olhar afetuoso sobre essas relações, proporcionando uma visão multifacetada e individualizada de personagens que compartilham a mesma herança étnica. Essas personagens negras, embora dividam uma identidade racial, diferenciam-se uns dos outros em suas experiências, buscando anular estereótipos e noções simplista de que todos os negros são iguais. O livro avulta as vivências e personalidades, oferecendo uma contribuição expressiva para a desconstrução de estigmas e preconceitos associados à comunidade negra.

Ao longo da narrativa, os leitores encontram-se progressivamente envolvidos, estabelecendo conexões pessoais tanto com as personagens quanto com a história. Essa identificação inicialmente suscito-me inquietação, especialmente à luz do viés científico que, muitas vezes, exige uma distância objetiva do objeto de estudo. Mas sempre nessa dualidade de literatura como arte e cientificismo, consideramos as palavras de Barthes (1957, p. 51) quando ressalta que os escritores jamais escreveram por cortes, por fragmentações, mas que eles são apenas lidos, e assim fundou uma crítica de leitura fundamentada no prazer, empenhados na prática homogênea que seria: escorregadia, eufórica, voluptuosa, unitária, jubilatória. E nessas combinações difusas que a literatura proporciona e se estende em ler-sonhar.

Contudo, a obra em questão, ao ser considerada tanto uma militância racial quanto uma expressão artística, expõe a dualidade inerente à experiência literária. Há o risco de transbordar

⁵ TENÓRIO, Jeferson. Jeferson Tenório participa do #SempreumPapo no SESC Vila Mariana. [Entrevista cedida a] Paula Rangel. **YouTube**. 26 de ago. 2022. Vídeo (1h 05min 16s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9rUPFZzszo>. Acesso em 12 fev. 2024. (19 minutos).

emoções na presença da literatura. E este livro, em particular, me provocou um impacto profundo ao desencadear uma efusão de sentimentos ligados a processos históricos marcados por traumas, sofrimentos e alegrias. O livro revela um dos poderes da literatura: a capacidade de apropriar-se de traumas genuínos, destacando como as tragédias no país, particularmente as relacionadas às questões raciais, apresentam notável similaridade.

Através de eventos ficcionais específicos, entendi que a literatura me concedeu uma maior capacidade, melhorando minha competência para lidar com os infortúnios que permeiam minha própria existência. Essa habilidade transformadora destaca a literatura não apenas como um objeto de estudo, mas como uma instrumento eficaz na exploração e superação dos desafios emocionais que enfrentei durante a pesquisa. A reflexão de Jouve (2012, p. 10-11), ao afirmar que, mesmo que a arte pareça ter perdido importância para alguns teóricos, ela ainda é essencial para a maioria dos indivíduos e instituições que moldam nosso cotidiano, reforça esse papel fundamental da literatura. As engrenagens sociais e culturais – como a educação, a mídia e a imprensa – continuam a informar e influenciar a realidade em que vivemos. Nesse sentido, a arte literária é uma força que transcende o campo acadêmico, afetando diretamente a forma como nos dispomos no mundo. A literatura, portanto, não só apresenta como um refúgio emocional, mas também nos capacita a refletir criticamente sobre nossa existência dentro de um contexto mais amplo e institucionalizado.

Em entrevista ⁶ o autor Jeferson Tenório (2024, 1min 0s) enfatiza que sua obra não se esquivava de abordar temas sociais e políticos, sustentando a visão de que todo livro é, intrinsecamente, político, porque, de forma direta ou indireta, ele reflete as relações de poder, as tensões sociais, as normas culturais e as ideologias presentes na sociedade brasileira. Embora essa constatação possa ser uma fonte de desconforto para o autor, ele ressalta categoricamente que sua identidade primordial é a de escritor, preexistindo à sua militância pela causa negra. Nesse contexto, ele habilmente emprega a arte da literatura, um domínio sensível, como meio de explorar e discutir assuntos que permeiam nosso cotidiano.

Também levamos em consideração a importância da literatura que é categorizada como literatura negra no contexto brasileiro, assim como a notável tendência do meio editorial atual em abraçar e lançar obras com uma perspectiva temática negra. Contudo, é crucial não desconsiderar o interesse comercial subjacente a essa tendência, impulsionado pelo aumento significativo do público interessado nessas temáticas. Esse fenômeno pode ser atribuído a

⁶ TENÓRIO, Jeferson. Pílulas Literárias/Jeferson Tenório. [Entrevista cedida a] Lilia Schwarcz. YouTube. 03 de mar. 2021. Vídeo (1h 43min 36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CqW5zuK4U2w>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

diversos fatores como a desenvoltura de escritores como Machado de Assis, Cruz e Sousa, Lima Barreto, em retratar, em suas obras, a condição do negro em suas formas particulares. O Movimento Negro Unificado (MNU), que desde a década de 1970 vem lutando pela pauta dos negros; as políticas públicas de inclusão de negros nas universidades. Esses e outros fatores que resultam em uma maior proximidade desse público com a escrita e a leitura.

Proença Filho (1997, p. 176) sobre essa literatura negra, aborda o resgate dos mitos como um meio de estabelecer uma conexão cultural com a África e prossegue refletindo sobre a presença dessa cultura, evitando distorções estigmatizadas. Ao lado de outros estudiosos que revisitam o período em que a população negra foi escravizada, ele propõe uma reconsideração desse tempo sob uma perspectiva que reconhece a participação desse grupo na construção socioeconômica do país. Essa presença deixa sua marca nos tempos heroicos da formação da nacionalidade, especialmente nas contribuições linguísticas evidentes na língua portuguesa do Brasil. Tais elementos, quando transfigurados na literatura, oferecem uma oportunidade para um conhecimento mais profundo e uma reavaliação da presença do negro na sociedade brasileira. São verdades e valores capazes de confrontar de maneira vigorosa os estereótipos e preconceitos ainda presentes no comportamento de muitos brasileiros.

Como exemplo, o livro em questão adota a perspectiva mencionada anteriormente. Jeferson Tenório inicia citando Shakespeare e, ao longo da narrativa, incorpora arquétipos dos Orixás. Em entrevista⁷, o autor esclarece que pode colocar Hamlet e Ogum no mesmo nível estético e de complexidade. A partir da reunião dessas duas forças, podemos aprender mais com as diferenças. Diante disso, a ideia de excluir um ou outro é uma concepção colonialista.

Esse pode ser um dos objetivos que buscamos, e talvez seja um dos receios do próprio autor ao ser categorizado apenas como escritor negro ou vinculado exclusivamente à literatura negra. Há o risco de sofrer descrédito devido ao racismo sistêmico profundamente enraizado em nosso país. Essa preocupação não é menos relevante quando consideramos nossos ambientes acadêmicos, podem vir a exercer uma certa influência no julgamento do que é considerado literário ou não.

Ao mesmo tempo, o autor expõe de maneira evidente suas convicções militantes e políticas, sobretudo em seus artigos, crônicas e entrevistas. Ele destaca a importância de assumir uma posição assertiva no contexto de sua identidade como homem negro, escritor e professor. É possível observar sua apreciação pelo viés estético e artístico da literatura, revelando-se como um entusiasta e pesquisador dedicado nesse campo. Além disso, o autor ressalta a crença no

⁷ Ibid. (59min 19s)

impacto transformador que a literatura possui na vida das pessoas, sublinhando seu compromisso com a capacidade dessa forma de expressão em gerar mudanças significativas.

Quando abordamos a literatura negra, adentramos em um tema complexo, mas que é fundamental para compreendermos nosso objeto de estudo. Quando retratamos uma literatura negra brasileira, ou mesmo o termo literatura afro-brasileira, consideramos as ideias de Evaristo (2009, p.19-20) para esclarecer como que seria uma das características desse tipo de literatura. Ela ressalta que os personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e pardos são tratados pela literatura brasileira, em geral.

A escassez de personagens negros em papéis protagonistas na literatura brasileira, em contraste com a predominância esmagadora de personagens brancos, suscita reflexões sobre a marcante branquitude que permeia a narrativa literária nacional. O prerrogativa da branquitude na literatura brasileira aparece pela predominância de personagens brancos como protagonistas, avigorando uma visão eurocêntrica e apagando as vivências e perspectivas de pessoas negras e indígenas.

Bento (2002, p. 20) em seu livro *O pacto da Branquitude* denuncia com propriedade como as heranças de uma história mal contada, que oculta a violência passada durante o período escravocrata, reencarna hoje - e é usufruída pelas novas gerações brancas como mérito de seu grupo. Durante o período escravocrata, histórias negras foram sistematicamente desumanizadas, silenciadas e estereotipadas para justificar a violência de um sistema opressor. Ao negligenciar essas narrativas, inclusive na literatura contemporânea, a sociedade perpetua a negação dessa história e de seu impacto nas gerações atuais. Cuti (2002, p. 32) ao apontar a literatura brasileira como "abusivamente branca", destaca o propósito intrínseco de invisibilizar e estereotipar as experiências do negro. Assim, as duas citações em adjacentes revelam como a construção literária convém para prolongar estruturas coloniais, com o supressão das vozes negras na literatura contemporânea avigorando uma hegemonia que ressoa com o passado escravocrata e suas consequências ainda palpáveis.

Adentro de forma breve na história da literatura, Almeida (2001, p. 92) argumenta que o escritor Gregório de Matos, demonstrava grande desconforto em relação à mestiçagem que já se destacava na sociedade brasileira de sua época. Como outros autores contemporâneos, ele manifestava um intenso desagrado em relação aos "mulatos desavergonhados", expressão que

revela o ressentimento de muitos brancos perante o aumento dos mestiços. Esses indivíduos, filhos de senhores, ao serem alforriados, ocupavam uma posição social intermediária, o que gerava incômodo entre a elite branca.

Bosi (1992, p. 125), argumenta também que no Brasil colônia, percebe-se um discurso religioso duvidoso que oscila entre a catequização, a pacificação e o conforto dos africanos escravizados. Em seu *Sermão de Nossa Senhora do Rosário*, Padre Antônio Vieira garante aos escravizados que, embora seu corpo fosse sujeito à escravidão, sua alma conservar-se livre; além disso, ele aprecia os sofrimentos dos escravos, atribuindo um significado sacrificial, análoga ao da morte de Cristo. Vieira encoraja os negros a suportarem as amarguras do engenho e os fardos diários com resignação, pois, obedecendo à vontade do Pai/Senhor, poderiam alcançar um dia a vida eterna, como Cristo, que também sofreu na terra. Enquanto, na poética de Gregório de Matos, os negros são alvo de escárnio ou desejo sexual, em Vieira, eles aparecem como “rebanho a apascentar” para o “Senhor”, isto é, o senhor colonizador.

Um livro modelar, que demonstra esse anseio por eugenia, refletido no desejo de tornar a sociedade brasileira embranquecida é o romance *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães. O autor, incapaz de criar uma protagonista de origem negra, retrata a personagem principal como uma escrava, quase branca, que recebe sua educação de uma sinhá, absorvendo todos os valores de uma formação europeia. Na trama, a protagonista entoava um cântico triste, mas sua Sinhá a proíbe de cantar, argumentando que sua melodia é lamentosa e poderia despertar suspeitas de que ela está sendo maltratada. O diálogo a seguir ilustra essa situação:

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Não de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas, que eu conheço. És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano.[...] – Mas senhora, apesar de tudo isso que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala. – Queixas-te de tua sorte, Isaura? – Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar (Guimarães, 1973, p.13).

A citação reflete a intrincada relação entre os discursos que romantizam a escravidão e as características preconceituosas presentes nesse tipo de literatura. Ao destacar a condição privilegiada de Isaura em relação a outras pessoas escravizadas, a citação tenta abrandar a brutalidade da escravidão, sugerindo que o tratamento afável de alguns senhores de escravos justifica ou atenua a violência do sistema escravocrata. A personagem Isaura é enaltecida por sua educação e beleza, qualidades que a distanciam do estereótipo de pessoas escravizadas e

reforçam a ideia de que ela é uma ressalva dentro desse sistema. Maria Nazareth Soares Fonseca⁸ argumenta que sociedade brasileira que, no século XIX, tanto se condeou das desventuras de Isaura, aceitou-a porque ela era branca e educada.”. O fragmento é relevante porque evidencia que, para uma escrava como Isaura ser a protagonista de um romance desse período, ela não poderia ser negra, ao contrário das outras mulheres que compartilhavam sua condição.

Isso perpetua a ideia de que a escravidão poderia ser aceitável ou até desejável sob algumas circunstâncias, desde que o escravizado receba alguns favores ou mesmo privilégios. Esse contexto desconhece a desumanização intrínseca da escravidão, na qual seres humanos são reduzidos a propriedades, independentemente de sua aparência ou educação. Além disso, a fala de Isaura, ao reconhecer a inutilidade de seus dotes dentro do contexto da escravidão, desponta uma contradição entre a aparente benevolência dos senhores e a realidade imutável de sua condição como escrava.

Na obra *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, temos outro exemplo do estereótipo do negro, que persiste associado à animalização, representado pela personagem Bertoleza.

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo: essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo: pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem (Azevedo, 1974, p.104).

Essa passagem elucida as características preconceituosas presentes em certas representações literárias do período do século de XIX, especialmente no que diz respeito à desumanização das personagens negras. Bertoleza, descrita como uma "crioula suja", é retratada de maneira depreciativa, reforçando estereótipos racistas que a reduzem a uma figura subalterna, destinada a uma vida de servidão e miséria. A descrição dela como alguém "sempre atrapalhada de serviço" e "sem domingo nem dia santo" avigora a ideia de que sua existência se resume ao trabalho incessante, sem qualquer perspectiva de dignidade ou descanso, o que reflete a visão preconceituosa de que pessoas negras são naturalmente destinadas a uma vida de subjugação.

Proença Filho (2004, p. 168) argumenta que, até o final do século XX, os personagens negros ou pardos em predomínio são representados de forma estereotipada, podendo

⁸ FONSECA, Maria Nazareth Soares. Fada? Anjo? Deusa? Escrava. Miolo de livro. 1 ago. 2016. Disponível em: <https://miolodelivro.blogspot.com/2016/07/fada-anjo-deusa-escrava.html>. Acesso em: 22 de out. 2024.

desempenhar o papel de elemento perturbador do equilíbrio familiar ou social. Eles oscilam entre seres apresentados como heróis negros, humanizados, amantes, força de trabalho produtiva, vítimas de sua ascendência ou elementos tranquilamente integradores da diversidade brasileira em termos de manifestações culturais. No entanto, nota-se que figuras como Zumbi e a saga quilombola não recebem o destaque merecido nesse contexto, pois não se encaixavam nas narrativas tradicionais e idealizadas da sociedade da época.

Na sequência, apresentamos outros exemplos para compreendermos que a literatura brasileira foi construída sob um viés excludente ou mesmo estereotipado que emergido em um contexto histórico e cultural de relação de poder, bem como marcado pelas distorções desumanas. Compreendemos que a literatura pós-colonial vem desvinculando os personagens negros do enraizamento nesse processo histórico-cultural, buscando transformar o paradigma em torno da representação do negro. Nessa perspectiva, uma das passagens intrigantes do livro *O avesso da pele* ressoa como o racismo pode ser cruel com o indivíduo. Em um momento de reflexão oriundo de seus problemas conjugais, Henrique questiona a posição de um sujeito negro em meio às relações sociais:

[...] Você só queria ser honesto consigo mesmo, porque nunca sabemos se somos suficientemente bons ou quando somos incapazes de fazer algo, não pela nossa cor, mas porque simplesmente não conseguimos fazer, você pensa. [...]. Quando uma pessoa branca nos elogia, nunca saberemos se aquilo é sincero, ou apenas uma espécie de piedade, ou para não se sentir culpada, ou mesmo para não ser acusada de racismo. Não sabemos avaliar nossos fracassos. Porque é tentador atribuir todas as nossas fraquezas e nossas falhas ao racismo[...] (Tenório, 2020, p. 85).

Sobre essa questão de reconhecimento a partir do olhar, do “elogio” do outro, Fanon (2020, p. 227), afirma que o homem só se torna humano na medida em que busca ser reconhecido pelo outro. Este reconhecimento é fundamental para a construção de sua identidade e existência. No caso da pessoa negra, esse processo é mediado por uma relação de poder histórico, em que o olhar do outro, majoritariamente branco, é carregado de preconceitos, estigmas e exotizações. Esse olhar não apenas nega um reconhecimento pleno, mas reduz a pessoa negra a um objeto de ação, um "tema", em vez de um sujeito autônomo. Assim, Tenório expande essa problemática ao apontar os dilemas internos vividos por pessoas negras diante desse olhar racializado. Ele expõe a dificuldade de discernir entre um elogio genuíno e um gesto carregado de condescendência ou culpa racial. Esse cenário revela um conflito interno: será que a crítica (ou o elogio) reflete um julgamento verdadeiro ou está impregnada de motivações raciais?

Assim, temos esse impasse no processo histórico da literatura brasileira, pois o Brasil é um país assolado pelo racismo sistêmico, assombrado por um processo histórico extremamente violento sobre a população negra. E o que isso influencia na construção de personagens e narrativas na nossa literatura? Ao abordar essas questões e o processo estético da literatura, compreendemos que:

[...] Isto nos indica a necessidade de evitar também a redução sociológica, que, no limite, levaria a interpretar o texto a partir de fatores externos a ele, como a cor da pele ou a condição social do escritor. No caso presente, é preciso compreender a autoria não como um dado “exterior”, mas como uma constante discursiva integrada à materialidade da construção literária. Por esta via se descobrem ângulos novos tanto na poesia de Cruz e Souza quanto na obra de Machado de Assis, em especial, nas crônicas publicadas sob pseudônimo (Duarte, 2018, p. 4).

Nessa perspectiva, temos a figura de Machado de Assis (1839-1908) que é inquestionavelmente um mestre em driblar a estereotipação do negro literato e que também defendia ideias abolicionistas. É também uma das inspirações do escritor Jeferson Tenório (2021, 58min 24s) que, em entrevista⁹, argumenta que Machado me ensinou a ser como um capoeirista, saber a hora certa de atacar e defender. Machado habilmente lidou com uma elite intelectualizada em um Brasil que estava no processo de fim da escravidão, enfrentando o racismo de maneira sofisticada e transformando sua obra em uma das mais respeitadas do país.

Outro exemplo é Lima Barreto (1881-1922), que, de maneira mais incisiva e até mesmo militante, introduziu seus textos de forma ousada ao confrontar certas hipocrisias sociais e raciais em nosso país. Suas denúncias são diretas, sem os conflitos gerados dentro da elite literária, tornando sua obra mais contundente. Seu romance *Clara dos Anjos*, que começou a ser escrito em 1904 e só foi concluído entre 1920 e 1922, conta a história da filha de um carreteiro do subúrbio, iludida, traída e sofrida por causa de sua cor. Um texto que expõe a discriminação, onde as palavras finais da personagem, que se sente impotente diante da injustiça, causam impacto devido ao tom desanimador. Barreto (1978, p. 77) diz: “– Nós não somos nada nesta vida”.

Em nossa pesquisa, enfatizamos esses pontos na introdução para destacar o aspecto estético do livro *O Avesso da Pele*, uma característica que será valorizada e preservada ao longo de todo o nosso estudo. Durante nossa investigação, notamos o cuidado do autor em não ser simplesmente rotulado como um autor negro, mas sim como um escritor. Mesmo ao

⁹ TENÓRIO, Jeferson. Pílulas Literárias/Jeferson Tenório. [Entrevista cedida a] Lilia Schwarcz. YouTube. 03 de mar. 2021. Vídeo (1h 43min 36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CqW5zuK4U2w>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

fragmentarmos o livro de maneira sistemática para nos aproximar de uma compreensão sobre a construção do corpo/corporeidade das personagens. Ao longo da obra, a estrutura narrativa e o estilo literário revelam uma sensibilidade artística que vai além de um discurso militante. A estética do texto é cuidadosamente elaborada, evidenciando a profundidade literária e a complexidade.

Dessa forma, destacamos a literatura pós-colonial, uma produção que se desenvolveu, em grande parte, após o término da colonização portuguesa. Autores como Machado de Assis (1830-1908), Cruz e Souza (1861-1898), Lima Barreto (1881-1922), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Conceição Evaristo (1946), Eliane Alves Cruz (1966), Ana Maria Gonçalves (1970), Itamar Vieira Júnior (1979), Ruth Guimarães (1920-2014), Joel Rufino dos Santos (1941-2015), entre outros, criaram personagens negros que introduziram novas narrativas e histórias que, anteriormente, talvez não fizessem parte dos relatos predominantes, geralmente moldados por uma elite intelectual.

De acordo com Culler (1999, p. 125), desde a década de 1980, um corpus cada vez maior de textos discute questões sobre a relação entre a hegemonia dos discursos ocidentais e a possibilidade de resistência na formação dos sujeitos coloniais e pós-coloniais. O texto da nossa pesquisa visa debater essas questões conflitantes, adentrando nessa teoria literária pós-colonial na tentativa de compreender os problemas causados pela colonização europeia e suas consequências.

Milton Santos (2007, p.82) explora como as migrações afetam as pessoas, tirando parte de sua identidade e forçando-as a se adaptarem duramente a novos lugares. Ele associa a desterritorialização à alienação e ao estranhamento, ligando-as à perda cultural. Isso destaca a dor das rupturas e a perda da cultura como guia para interações sociais e conhecimento. Cada indivíduo enfrenta sua própria jornada de adaptação em ambientes marcados por semelhanças e diferenças, trazendo à tona um trânsito entre mundos. O luto e a perda são parte desse processo, temas que a Psicanálise aborda. Após perder sua cultura de origem, o sujeito pode construir uma nova que faça sentido na nova realidade em que vive.

Em nosso estudo sobre o livro *O avesso da pele*, as relações de conflito cultural permeiam boa parte da narrativa, atravessando diferentes momentos da vida do protagonista, desde sua infância até sua morte aos 52 anos de idade. Esses conflitos estão relacionados à exploração colonial, à diáspora africana para o Brasil e à construção do mito da democracia racial em nosso país.

O narrador de *O Avesso da Pele*, filho do protagonista, compartilha os momentos de dor e sofrimento vividos por seu pai como parte de sua busca pela identidade e pela compreensão

da complexidade de ser negro no Brasil. Essa investigação, que começa de forma simples, ao explorar a intimidade entre seus pais e suas relações pessoais e profissionais, transforma-se em um processo histórico de inquirição sobre a identidade negra. Ao longo da narrativa, o autor aborda a experiência de ser negro no Brasil, destacando o constante processo de apagamento histórico que permeia essa vivência.

De certa forma, há uma oportunidade de nos aproximarmos de outras culturas quando mergulhamos em histórias de origem afro-brasileira, afastando-nos da imposição da cultura eurocêntrica branca. Ao buscar novas perspectivas históricas e explorar diferentes culturas de maneira intuitiva, podemos romper com a hegemonia da elite literária do país, que frequentemente ignora as contribuições das minorias.

Um dos nossos objetivos adjacentes, nesta dissertação, é reconhecer a trajetória da literatura negra, explorando suas diversas sondagens de personagens, perspectivas históricas e sociais. Buscamos dar continuidade a essa trajetória, destacando o trabalho significativo desses escritores. Embora a história do negro no Brasil seja marcada por complexidades, observamos que a luta por reconhecimento e representação continua. Livros como *O Avesso da Pele* representam um exemplo, abordando afetos e humanidade, aspectos que foram frequentemente marginalizados na tentativa de despojar a etnia de sua identidade.

Nesse contexto, o objetivo principal deste estudo é analisar a relevância da palavra "corpo" em diversos contextos no livro *O Avesso da Pele*, escrito por Jeferson Tenório. Pretendemos traçar uma reflexão histórico-filosófica sobre o uso e a contextualização dessa palavra ao longo da obra. A narrativa em questão é de fácil acesso, facilitando a leitura e interação com o leitor. No entanto, quando o autor introduz a palavra "corpo", evidenciamos um entrelaçamento de complexidades filosóficas e sociais. O texto aborda de maneira envolvente a intrincada temática do racismo no Brasil, cuja influência se manifesta nos corpos das personagens, permeando suas interações cotidianas.

Ao longo da narrativa, adentramos na intimidade das personagens e percebemos como o racismo permeia as relações sociais, impactando significativamente as dinâmicas sociais. Conforme Almeida (2019, p. 31), as instituições sociais desempenham um papel crucial na reprodução das condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social. Sua atuação está condicionada a uma estrutura social preexistente, englobando todos os conflitos inerentes a ela.

O autor acrescenta também que:

[...] se há instituições cujos padrões de funcionamento redundam em regras que privilegiem determinados grupos raciais, é porque o racismo é parte da ordem social. Não é algo criado pela instituição, mas é por ela reproduzido. Mas que fique a ressalva já feita: a estrutura social é constituída por inúmeros conflitos – de classe, raciais, sexuais etc. –, o que significa que as instituições também podem atuar de maneira conflituosa, posicionando-se dentro do conflito (Almeida, 2019, p. 32).

Em consonância com Fanon (2020) nossas reflexões se embasam principalmente nos efeitos do colonialismo na construção dos corpos das personagens do livro *O avesso da pele*. Fanon (2020) em seu livro *Pele negras máscaras brancas*, examina como o racismo internalizado e a opressão colonial moldam a identidade dos negros, levando a uma alienação profunda dos próprios indivíduos negros e de sua cultura. Ele ressalta que os colonizados são levados a adotar as características culturais e comportamentais dos colonizadores brancos na tentativa de se integrarem e serem aceitos. Ainda ressalta a inferiorização a desumanização do negro, pois o colonizador continua a ver o negro como “o outro”, enquanto o colonizado sente-se dividido entre ser aceito e a sua própria identidade cultural. O autor também enfatiza as dinâmicas de poder, nas construções raciais e as patologias sociais que sustentam o colonialismo, e defende a necessidade de libertação dessa amarras colonialistas, para que o negro possa emancipar-se.

Para adentrarmos em um dos nossos questionamentos da pesquisa, iremos conceituar a questão da reificação social. Segundo Marx (1996, p. 201), a reificação social é um processo onde os indivíduos se coisificam perante as relações entre as coisas. Na sociedade capitalista, as mercadorias deixam de ser apenas objetos e passam a ter valores de troca que escodem as relações sociais de produção. O autor, ainda afirma que esse é um processo de alienação, onde os indivíduos perdem a consciência de si, e são absorvidas por esses processos sociais de trocas, que fogem do controle do ser em si. Isso leva a desumanização dos indivíduos e consequentemente fortalecem a dominação do sistema capitalista.

Outro autor que explorou essa questão da reificação social foi Georg Lukács (1885 – 1971):

A metamorfose da relação mercantil no objeto dotado de uma “objetivação fantasmática” não pode, portanto, limitar-se à transformação em mercadoria de todos os objetos destinados à satisfação das necessidades. Ela imprime sua estrutura em toda a consciência do homem; as propriedades e faculdades dessa consciência não se ligam mais somente à unidade orgânica da pessoa, mas aparecem como “coisas” que o homem pode “possuir” ou “vender”, assim como os diversos objetos do mundo exterior. E não há nenhuma forma natural de relação humana, tampouco alguma possibilidade para o homem fazer valer suas “propriedades” físicas e psicológicas que não se submetam, numa proporção crescente, a essa forma de objetivação [...] (Lukács, 2003, p. 222-223, grifo do autor).

Percebemos nessa perspectiva que existe uma crítica à mercantilização da existência humana sob a lógica do capitalismo. A capacidade de transformar tudo em mercadoria, ultrapassa o domínio das necessidades materiais e passa a moldar também a consciência humana. Assim, as qualidades e habilidades que antes pertenciam à esfera íntima e orgânica do sujeito são reconfiguradas como propriedades externas, passíveis de posse, troca ou venda, tal como os bens materiais. Essa "objetivação fantasmática" não apenas redefine as formas de interação humana, mas também impõe uma lógica de alienação crescente, onde até mesmo as dimensões mais subjetivas e naturais da vida se submetem ao mercado. O resultado é uma desumanização progressiva das relações sociais, em que o valor do indivíduo é mediado pela sua capacidade de "possuir" ou "comercializar" suas próprias características e potencialidades.

Portanto, nossa preocupação central neste estudo reside em entender: quais são os elementos presentes nessas personagens que podem contribuir para a reprodução da reificação social, manifestada corporalmente; e em que medida esses personagens podem evidenciar a dimensão de um corpo cuja expressividade seja capaz de superar as normas moralmente impostas, subordinadas às relações de poder sobre o corpo.

Com o objetivo de aprimorar a organização das análises e delimitar o tema, a abordagem adotada priorizou a palavra "corpo" conforme sua aparição ao longo do livro. Foram realizadas análises individuais de cada personagem, considerando a relevância histórica e filosófica dessa palavra para a pesquisa. Em determinadas citações, no entanto, o termo "corpo" aparece de forma trivial, sem um peso teórico significativo, o que justificou sua exclusão do escopo principal da investigação. Para viabilizar esse método, foi utilizada uma ficha de roteiro, que permitiu registrar e sistematizar aspectos específicos relacionados à concepção e representação do corpo em diferentes contextos narrativos. Essa estratégia de especificar cada personagem proporcionou uma análise mais detalhada e criteriosa, facilitando a identificação de padrões e variações significativas na abordagem do tema ao longo da obra.

A contribuição deste estudo para a literatura se dá no âmbito dos Estudos Culturais, uma vez que essa abordagem não compreende a literatura apenas como uma manifestação estética, mas a valoriza como prática social, conectada à produção e reprodução de valores que refletem as estruturas sociais. Dessa forma, nossos questionamentos se alinham a essa perspectiva. Como destaca Cevasco (2008, p. 148), essa abordagem rejeita a ideia de que os produtos culturais sejam meros objetos, tratando-os, em vez disso, como práticas sociais cujas condições precisam ser investigadas, indo além da simples elucidação de seus elementos internos.

Assim, temos o entendimento que nossa pesquisa explora a relação entre reificação social e corporeidade, a pesquisa amplia o entendimento de como o corpo é representado na

literatura como um campo de resistência ou submissão as normas sociais e políticas impostas. Isso enriquece o debate sobre o corpo enquanto um símbolo de poder, controle e liberdade, e isso alinha-se aos estudos críticos sobre corporeidade. E também, ao aproximar-se temas como reificação, poder e corporeidade, a pesquisa dialoga com áreas como filosofia, sociologia e estudos culturais, gerando uma abordagem interdisciplinar que fortalece o campo dos Estudos Culturais, possibilitando novas perspectivas de análise. Outro ponto salutar é que nossa pesquisa no contexto da literatura pós-colonial ou crítica social, ela pode auxiliar e evidenciar como certos autores e obras expõem e interrogam formas de opressão e marginalização, colaborando para uma visão mais crítica e transformadora da literatura.

No primeiro capítulo, faremos um paralelo, a partir do viés autoficcional, entre o autor e algumas passagens do livro *O Averso da Pele*. Durante nossa pesquisa, identificamos peculiaridades no livro que se alinham à vida do autor, e acreditamos que essas semelhanças possam contribuir significativamente para nossos objetivos de pesquisa. O segundo capítulo consistirá na construção da ideia de corpo, abordando alguns aspectos históricos e filosóficos em nossa sociedade ocidental. Paralelamente, exploraremos referências de corpo numa perspectiva negra. No terceiro capítulo, dedicaremos nossa análise às passagens que abordam o corpo, investigando como esses corpos se conformam diante das injustiças, adaptando-se às imposições sociais, e, ao mesmo tempo, como conseguem transcender certas regras impostas pelas relações de poder.

1. SE QUISEREM CHAMAR DE AUTOFIÇÃO...

O avesso da pele retrata a vida de Pedro, cujo mundo é desvendado através dos objetos deixados por seu pai, recentemente vítima de uma morte brutal pelas mãos da polícia. Ao explorar o quarto e os pertences do falecido, Pedro mergulha em uma jornada de memórias que revelam não apenas a história pessoal de seu pai, mas também os eventos sociais, econômicos e familiares que moldaram sua própria vida. No entanto, este mergulho no passado é permeado por uma aura de melancolia e pessimismo, já que Pedro enfrenta um momento de luto e confronta as dolorosas lembranças entrelaçadas com questões raciais, destacando assim as complexidades das relações familiares e os combates sociais que transcendem gerações.

Este capítulo terá como principais referências as entrevistas concedidas pelo autor ao longo dos anos de 2021, 2022 e 2023, realizadas após ele ter sido agraciado com o Prêmio Jabuti na categoria de melhor romance.

No âmbito deste estudo, sentimos a necessidade de incluir dados biográficos sobre o autor do livro, Jeferson Tenório. Ao longo de nossas pesquisas, observamos diversas aproximações entre situações e personagens da obra e a vida do autor. Optamos por desvendar essas aproximações por levar em consideração: contexto histórico do livro; as experiências pessoais do autor que tem influência na construção da narrativa; motivações pessoais que se caracteriza com uma subjetiva do autor; estilo literário que ele opta e suas influências; a crítica do público e sua identificação com o livro; e a suas várias conexões intertextuais de músicas, filmes e livros que consta no decorrer do romance.

Na autoficção, o autor não escreve sobre a sua vida seguindo, necessariamente, uma linha cronológica. Em contraponto com a autobiografia tradicional, a autoficção também não tenta dar conta de toda a história de vida de uma personalidade. A escrita autoficcional parte do fragmento, não exige início-meio-fim nem linearidade do discurso; o autor tem a liberdade para escrever, criar e recriar sobre um episódio ou uma experiência de sua vida, fazendo, assim, um pequeno recorte no tempo vivido (Faedrich, 2014, p. 24).

Embora a história de vida do autor possa enriquecer a leitura de um romance, é importante lembrar que a interpretação literária é subjetiva e que os livros muitas vezes têm camadas de significado que vão além das experiências pessoais do autor. Percebemos que no *O Avesso da pele* a narrativa vai além de simplesmente imitar a realidade; ela representa uma recriação de uma existência, construída e moldada pelas palavras. Cada relato do livro, não busca ser uma cópia exata do vivido, mas uma nova variante da vida, reinterpretada, enriquecida e ressignificada pelo ato de narrar. Dessa forma, o escritor transforma a experiência em algo

excepcional, trazendo à tona diferentes perspectivas e nuances que só a linguagem pode proporcionar. Barthes (1988, p. 70) defende a ideia de que é viável abordar o autor como um elemento literário, uma consequência do texto. A noção de autoria adquire uma dimensão como uma instância sugerida pelo texto e ajustada pelo leitor, na qual se forma uma entidade percebida como organizada.

Diante desse cenário, adotamos uma abordagem que abraça a autoficção e nos aproximamos da vida do autor como um meio para compreender sua produção literária. Essa decisão é respaldada pela própria visão do autor do livro. Em entrevista, ao ser perguntado se o livro é baseado em uma história real, o autor responde:

Pedro, sou eu. O Henrique também sou eu, e a Martha também sou eu. Todos aqueles personagens que estão ali fazem parte da minha biografia, da minha vida. É impossível você conseguir escrever um livro e um livro também tão próximo da realidade que não tem a ver com a minha vida. Então, são personagens inspirados na minha trajetória (Tenório, 2021, 9min 0s)¹⁰.

Em outra entrevista mais recente, a jornalista pergunta sobre o que o livro tem de autobiográfico: Ele responde que *O avesso da pele* é um livro muito próximo de mim. Ele é um livro muito próximo da minha biografia. E se as pessoas querem chamá-lo de autobiográfico ou autoficção, não tem problema não. Não tem como controlar a recepção das pessoas; elas leem o que querem.” (Tenório, 2022, 10min).¹¹

É notável que as entrevistas apresentam uma diferença temporal de quase um ano, o que possibilita a observação de que, após um aumento significativo no número de leitores que entraram em contato com o livro, Jeferson Tenório passa a ironizar alguns deles. Essa atitude surge em virtude da percepção desses leitores, que interpretam a obra como sendo autobiográfica, enquanto Jeferson insiste em destacar que uma parte substancial dela é fictícia. Nesse ínterim, a narrativa se entrelaça a ponto de o autor admitir sua dificuldade em distinguir claramente o que é real e o que pertence à esfera da autoficção.

O livro apresenta uma característica distintiva relacionada à escolha do tipo de narrador. Em entrevista, Jeferson revela o processo de construção desse narrador e como surgiu a ideia. Inicialmente, ele menciona ter pensado em *O avesso da pele* cerca de seis a sete anos antes do lançamento do livro no dia 25 de agosto de 2020, admitindo que, na época, não se sentia

¹⁰ TENÓRIO, Jeferson. 'O Avesso da Pele': Jeferson Tenório, vencedor do Prêmio Jabuti 2021 UOL Entrevista (30/21). [Entrevista cedida a] Fabiola Cidral. YouTube. 30 de nov. 2021. Vídeo (1h 2min 35s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5hkW8PCknGw> Data de acesso em: 09 de fev. 2024.

¹¹ TENÓRIO, Jeferson. Jeferson Tenório participa do #SempreumPapo no SESC Vila Mariana. [Entrevista cedida a] Paula Rangel. YouTube. 26 de ago. 2022. Vídeo (1h 05min 16s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9rUPFZzszo>. Acesso em 12 fev. 2024.

preparado para escrevê-lo. Isso pode ter sido devido à falta de experiência de vida ou à ausência de instrumentos teóricos necessários para desenvolver o tipo de personagem e narração desejados. Jeferson destaca a necessidade de desconstruir algumas bases teóricas para criar o narrador ideal para a história, indicando um processo reflexivo e uma evolução ao longo do tempo.

O que acabou me inspirando foi encontrar a única voz possível nesse romance. Era a única forma de ser contada essa história [...] É um livro que ele acaba escolhendo a única forma de ser contada, e essa forma é em primeira pessoa, enganando um pouco o leitor, porque aparece uma voz em segunda pessoa, mas na verdade é o Pedro que narra essa história, contando a vida para o pai e ao mesmo tempo contando a vida para o leitor. Então, foi encontrar essa voz, um jeito de narrar um pouco mais complexo que os outros livros, porque essa história pedia essa complexidade (Tenório, 2020, 33min 40s)¹².

Durante nossas investigações, surgiram dúvidas sobre o tipo de narrador utilizado. Só após analisarmos entrevistas com o autor, ficou evidente a experimentação narrativa proposta por Jeferson Tenório, que, mesmo em busca de um ideal expressivo, explora a multiplicidade de vozes. Ele destaca a necessidade de desconstruir algumas bases teóricas para criar o narrador ideal para a história, indicando um processo reflexivo e uma evolução ao longo do tempo.

O fato de ter estudado teoria literária, a teoria da literatura e também a teoria de narração de personagens, tipos de personagens, e até mesmo tentar é, de certo modo, quebrar um pouco da teoria literária no que diz respeito ao tipo de narrador, ou seja, algumas regras que afirmam que o narrador em terceira pessoa é onisciente e que o narrador em primeira pessoa é mais limitado. O que eu fiz ali foi justamente esse jogo de dar onisciência a esse narrador em primeira pessoa e dizer que sim, é possível trabalhar com essas questões mais formais da literatura (Tenório, 2023, 28min 46s)¹³.

Umberto Eco (1988, p. 38) assegura que a leitura é um artifício de cooperação e criação em que autor e leitor partilham a responsabilidade pela constituição dos sentidos, destaca a natureza interativa da interpretação textual. O escrito não contém um significado único e estático, mas apresenta pistas e possibilidades que só se concretizam plenamente no encontro com o leitor. Esse artifício de cooperação sugere que o autor organiza e codifica suas ideias em uma estrutura que exige decodificação ativa do leitor, que traz consigo seu repertório cultural, histórico e emocional. De tal modo, a leitura transcende a simples decodificação de palavras

¹² TENÓRIO, Jeferson. 'O Avesso da Pele': Jeferson Tenório, vencedor do Prêmio Jabuti 2021 UOL Entrevista (30/21). [Entrevista cedida a] Fabiola Cidral. YouTube. 30 de nov. 2021. Vídeo (1h 2min 35s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5hkW8PCknGw>. Data de acesso em: 09 de fev. 2024.

¹³ TENÓRIO, Jeferson. Jeferson Tenório no TVE entrevista com Bob Fernandes/28/09/2023. [Entrevista cedida a] Bob Fernandes. **YouTube**. 28 de set. 2023. Vídeo (56min 44s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DiXSKrHLxsA>. Acesso em: 14 de fev. 2023.

para se tornar uma ação criativa, no qual sentidos são construídos de maneira dinâmica na interação com o texto.

Uma outra peculiaridade sobre o narrador é que ele traça um perfil de como era seu pai. Na maior parte do romance, ele utiliza o pronome de tratamento você: “Certa vez quando eu tinha nove anos, você me perguntou quem era Deus [...]; [...] No entanto, eu sei que você estava me preparando [...]. Lembro que você fazia um grande esforço para ser entendido por mim [...]” (Tenório, 2019, p. 60 - 61). Predominantemente em todo o livro, é utilizado o pronome de tratamento você, como uma forma do narrador aproximar-se desse pai e, ao mesmo tempo, um recurso utilizado para, também, aproximar o leitor dos acontecimentos que perpassam pela narrativa.

Com isso, a narrativa caminha com oscilações atemporais de memória, que fogem da realidade. Mesmo em determinados momentos do livro, o narrador deixa claro que suas lembranças são histórias que seus familiares contaram sobre as personagens. O narrador mergulha de forma muito profunda na infância de seus pais, esmiuçando acontecimentos sociais, econômicos e psicológicos que permeiam a vida dessas personagens. Com isso, aproxima o leitor do livro, adentrando nas intimidades do seu pai para expô-lo ao público leitor. Logo na página inicial, esse experimentalismo de um narrador onisciente e em primeira pessoa, comenta:

[...] Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio esses mesmo objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar [...] (Tenório, 2019, p. 13).

Faedrich (2014, p. 19) afirma que, no campo do romance, o compromisso com a realidade não é uma exigência fundamental, permitindo ao autor explorar a imaginação sem o ônus de comprovar a veracidade de suas afirmações. Diferente da autobiografia, onde o autor assume um “pacto de veracidade” e se torna responsável legal pelo conteúdo, no romance predomina o princípio da invenção, o que concede ao autor a liberdade de criar situações e personagens sem a necessidade de corresponder à realidade. Esse distanciamento do compromisso com a veracidade, que podemos observar em obras como *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório, estabelece uma não-identidade entre o autor e o narrador, permitindo que este último seja uma construção narrativa independente. Essas características afastam o romance de compromissos legais ou éticos de veracidade, constituindo-o como um espaço onde a subjetividade e a criatividade predominam.

As interconexões entre o livro e a vida do autor são notavelmente intensas, exigindo, portanto, uma análise mais aprofundada da construção dessa narrativa. Como o próprio autor reconhece, trata-se de uma narrativa em primeira pessoa onisciente. Dessa forma, buscamos imergir na criação dessas personagens que, de maneira significativa, refletem aspectos da vida pessoal do autor, contribuindo assim de maneira relevante para a nossa pesquisa.

1.1 Aproximações entre vida e obra

Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro, em 1977. Radicado em Porto Alegre, graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e atua como professor de língua e literatura na rede pública de ensino de Porto Alegre. Em 2013, ele defende sua tese de Mestrado pela mesma instituição com a dissertação “Em busca do outro pé e outros niilismos na obra de Mia Couto”. Centrado numa perspectiva pós-colonial, toma como objeto “O outro pé da sereia”, do autor moçambicano, para efetuar a desconstrução dos arquétipos enraizados no imaginário ocidental sobre África e seus povos. Atualmente é doutor em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, com a tese *A autópsia de um imaginário em ruínas: a memória nas narrativas de regresso em 4 autores portugueses* e, novamente, toma como questões centrais: colonialismo, pós-colonialismo, identidade e diáspora africana na pós-modernidade. Outra questão que o trabalho acadêmico de Tenório traz é uma problematização e desmistificação do continente africano como um lugar de regresso em busca de suas raízes.

Apesar de Jeferson Tenório afirmar que foi um leitor tardio, e que começou a ler livros de literatura depois dos 20 anos, ele perpassa por esse momento de uma literatura pós-colonial, ou a literatura feita pelos remanescentes das diásporas africanas. Outro ponto fundamental a ser ressaltado é o das políticas públicas afirmativas que são as políticas de cotas. Jeferson Tenório é o primeiro aluno cotista¹⁴ na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao analisar a trajetória de Jeferson Tenório como: seu nascido em 1977; a mudança de paradigma da literatura a partir da década de 1980; sua experiência como cotista negro durante a graduação; e durante o mestrado e doutorado seus estudos sobre a temática paterna nas literaturas luso-africanas. Essa trajetória transitória na literatura negra encontra eco em seus

¹⁴ ARRAIS, Amauri. Jeferson Tenório: ‘sem cotas eu não teria a carreira que tenho’. Revista Gama, São Paulo/SP, 31 de outubro de 2022. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/formato/depoimento/jeferson-tenorio-sem-cotas-eu-nao-teria-a-carreira-que>. Acesso em: 15 de fev. 2024.

escritos, onde os temas abordados refletem diretamente sua vivência e engajamento com as questões raciais, ampliando a compreensão do leitor sobre a interseção entre sua vida e obra.

Outra questão que envolve o livro e a biografia do autor e sua aproximação com a psicanálise. Segundo Culler (1999, p. 123), que apesar de algumas controvérsias entre psicanálise e sua aproximação com a teoria literária, podemos fazer uma aproximação com o nosso livro em análise. Como é uma narrativa de memória, a todo momento, durante o desenrolar da trama, podemos perceber essas lembranças como uma forma de aventurar-se a compreender o personagem protagonista e as relações que desembocam para seu fim trágico. No livro o autor escreve:

[...] Você tinha um ano de idade quando seu pai sumiu no mundo. Sua mãe se viu obrigada a dar um jeito nas coisas. Não havia tempo para lamentações. Aos quatro anos de idade você ainda não sabia o que era superação e que essa seria uma condição permanente de sobrevivência [...] (Tenório, 2019, p. 69).

Em entrevista¹⁵, Jeferson Tenório é questionado sobre as questões de psicanálise e terapia que aparecem em sua narrativa. Ele explica que, desde a infância, sempre foi uma criança introspectiva e tímida, o que preocupava sua mãe. Tenório relata que iniciou a terapia aos dez anos de idade, embora tenha feito uma pausa posteriormente. Já na vida adulta, ao retomar as sessões, costumava afirmar que a questão relacionada ao seu pai estava resolvida. Em outra entrevista sobre o mesmo tema, ele aprofunda sua reflexão sobre aspectos de sua vida pessoal.

A minha mãe percebeu muito cedo que eu era uma criança muito introvertida, quieta e que falava pouco. Desde pequeno, aos dez ou doze anos, comecei a fazer terapia. Isso foi intermitente, parava por um tempo e depois continuava. Na vida adulta, passei a fazer de forma mais consistente. É curioso eu mencionar que faço psicanálise e terapia, pois estive em Portugal no mês passado participando de um festival. Em uma livraria, comentei que fazia terapia. Depois que a conversa terminou, algumas pessoas vieram me cumprimentar e disseram que fui muito corajoso ao falar sobre fazer terapia. Em Portugal, os homens geralmente não costumam admitir que fazem terapia, quase como se fosse uma vergonha ou fraqueza (Tenório, 2021, 25min 30s)¹⁶.

¹⁵ TENÓRIO, Jeferson. Agora é minha vez: Entrevista com Jeferson Tenório. ZCultura: Revista do programa avançado de cultura contemporânea. [Entrevista cedida a] Beatriz Resende, Jorge Amaral e Lucas Bandeira. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ano XVI 01. P. 02-08. 1º semestre 2021. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/agora-e-a-minha-vez-entrevista-com-jeferson-tenorio/>. Acesso em: 14 de fev. 2024.

¹⁶ TENÓRIO, Jeferson. 'O Avesso da Pele': Jeferson Tenório, vencedor do Prêmio Jabuti 2021 UOL Entrevista (30/21). [Entrevista cedida a] Fabiola Cidral. YouTube. 30 de nov. 2021. Vídeo (1h 2min 35s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5hkW8PCknGw> Data de acesso em: 09 de fev. 2024.

Na citação abaixo do *O avesso de pele*, podemos perceber as aproximações até mesmo da idade que o pai abandona o filho. Outra característica encontrada é a questão da terapia.

[...] Então você chorou, e nem sabia bem por quê; na verdade sabia: você estava com os olhos cheios d'água porque tinha lembrado da primeira vez em que foi a um terapeuta, depois de ter um ataque de ansiedade por causa da história da explosão do sol e daquela maldita marca de tiro no assoalho da casa de sua avó. Quem te levou foi sua mãe [...] (Tenório, 2020, p. 87)

Alguns temas são complexos de narrar, pois remetem a eventos que ainda não foram devidamente processados mentalmente e permanecem latentes em cantos da mente. Lembrando que o narrador do livro tem vinte e dois anos; e aproximar-se desses assuntos complexos implica um embate com a linguagem e uma desenvoltura bem elaborada do autor, para aprofundar em diferentes camadas psicológicas das personagens e as complexidades sociais que os cercam. E talvez, pensando dentro de uma perspectiva real, um jovem de vinte e dois anos, atentaria para problemas tão complexos para poder lidar e argumentar? Estamos falando de uma ficção e essa abertura do romance moderno permite essas inclusões. Bakhtin (2002 p. 75) argumenta sobre a diferença do romance para os outros gêneros. O romance se formou e se desenvolveu precisamente das condições de uma ativação aguçada do plurilinguismo interior e exterior. Esse é seu elemento natural. É por isso que o romance encabeçou o processo de desenvolvimento e renovação da literatura no plano linguístico e estilístico. Apesar da tenra idade do narrador do livro em análise, podemos perceber o plurilinguismo dominado pelo autor, como: aproximações com questões sociológicas, filosóficas e psicanalíticas.

Em matéria jornalística escrita por Macieira (2021)¹⁷, é ressaltado como Jeferson Tenório se conecta com suas personagens, utilizando o termo "escrevivências", cunhado por Conceição Evaristo, para descrever a forma como escritores negros revelam em suas obras suas experiências de vida pessoais. Nesse contexto, Jeferson Tenório afirmou que, ao se posicionar dentro da literatura negra brasileira, atende a certos requisitos, como a expectativa de que um autor negro aborde temas relacionados ao universo negro, incluindo a ancestralidade, as religiões de matriz africana, a memória africana e o colonialismo, o que os insere na categoria de literatura afro-brasileira.

A narrativa cativa o leitor, mesclando tragédia e comoção de maneira que ressoa profundamente. Em entrevista, o autor Jeferson Tenório comenta que nunca teve a intenção de

¹⁷ MACIEIRA, Luana. O jogo de tensão da identidade do negro dura a vida toda', afirma Jeferson Tenório. **Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte – MG, 29 de junho de 2021. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/o-jogo-de-tensao-da-identidade-do-negro-dura-a-vida-toda-afirma-jeferson-tenorio>. Acesso em: 21 de agosto 2023.

que *O avesso da pele* fosse meramente uma reflexão sobre a brutalidade racial no Brasil. O próprio romance reivindica o direito dos indivíduos de ascendência negra a serem vistos para além de sua cor de pele. As narrativas apresentadas revelam a normalidade do cotidiano, explorando temas como relações familiares, amores inter-raciais, educação e dinâmicas conjugais. Essas experiências comuns permitem que os leitores se identifiquem com as personagens em diferentes momentos da obra, enxergando suas próprias vivências refletidas nas páginas do livro. Sobre essa questão da brutalidade do racismo, é uma situação preponderante na narrativa, Jeferson responde quando ele começou a ter essa consciência racial em sua vida:

Eu devo tudo à Dona Sandra, minha mãe, que desde muito cedo nos preparou para esse mundo difícil, conduzindo nossa educação. Não tínhamos muitos livros em casa, mas minha mãe tinha uma percepção do que precisávamos estudar e ler. Lembro-me dela dizendo que deveríamos escutar música clássica, como Beethoven, embora não ouvíssemos isso em casa. Ela tinha uma visão clara do caminho que deveríamos seguir. Ao longo do tempo, encontrei pessoas importantes na minha vida, especialmente professores, e depois, amigos que me ajudaram a desenvolver essa consciência racial. No entanto, minha consciência racial começou a se formar principalmente por meio da leitura, quando me tornei um leitor literário, especialmente após os 20 anos. Foi nesse ponto que comecei a ter uma compreensão mais profunda das questões raciais e percebi o quão grave é ser negro no Brasil. A situação é tão séria que se tornou uma questão de sobrevivência. Por exemplo, sair para ir ao supermercado não é uma tarefa fácil, pois muitas coisas podem acontecer nesse caminho. Basta observar o que aconteceu no ano passado com o rapaz negro que foi assassinado no Carrefour. Portanto, sabemos que é muito difícil, e eu descobri que o racismo na escola é algo que a maioria das pessoas negras acaba percebendo na infância (Tenório, 2021, 15min 15s)¹⁸.

No livro *O avesso da pele*, identificamos uma passagem que aproxima dessa ideia acima, a dolorosa descoberta do racismo no ambiente escolar.

A creche é retratada no livro como uma instituição social que evoca uma sensação de profunda melancolia. Após a separação dos pais, a mãe de Henrique se vê obrigada a conciliar a responsabilidade de prover o sustento da família com os cuidados de um bebê com menos de um ano de idade. Consequentemente, Henrique é matriculado em uma creche, uma solução necessária para viabilizar o trabalho de sua mãe.

[...] Toda sua vida se resume naquele pedaço de seu corpo que agora grita. Na hora você não sabia, mas mais adiante saberá que aquela dor foi provocada. Saberá que as professos da creche prenderam seus dedos apenas por maldade. Queriam ver até onde você aguentava. E no fim, também mais adiante, encontrará pessoas dispostas a saber até onde você vai. Até onde você suporta [...] (Tenório, 2020, p. 70).

¹⁸ TENÓRIO, Jeferson. 'O Avesso da Pele': Jeferson Tenório, vencedor do Prêmio Jabuti 2021 UOL Entrevista (30/21). [Entrevista cedida a] Fabiola Cidral. YouTube. 30 de nov. 2021. Vídeo (1h 2min 35s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5hkW8PCknGw>. Data de acesso em: 09 de fev. 2024.

Outra passagem do livro que coaduna com a biografia de Jeferson é a ausência do pai em sua vida. Tanto na obra quanto em sua própria história, ocorre o abandono paterno quando a criança tem cerca de um ano de idade.

Eu sou filho de pai branco, e ele foi embora quando eu tinha um ano de idade. Não tive convivência com ele e, por coincidência do destino, ou sei lá, há cerca de três anos, eu o reencontrei. Depois de quarenta anos, tivemos duas ou três conversas, mas não nos falamos mais. Então, acho que *O Avesso da Pele* também traz essa ideia da ausência de um pai fantasma. Não é à toa que eu abro o livro com Hamlet, que trata justamente desse fantasma do pai que está sempre presente (Tenório, 2021, 18 min 0s, grifo nosso)¹⁹.

Tenório cria um narrador que procura não omitir nada, com uma linguagem simples, ele entra na intimidade das personagens. Dá voz as personagens, utilizando recursos como a letra itálica, e também, digressões temporais de diferentes personagens. Sua escrita assume uma liberdade comprometida com uma denúncia das instituições racistas do Brasil. O narrador toma a responsabilidade de controlar o texto, guiando o leitor de acordo com sua perspectiva. Se o leitor se identifica com uma determinada ação de um personagem, o autor influenciará o leitor a apoiá-lo, mesmo que a ação do personagem seja questionável.

De acordo com Culler (1999, p. 93 e 94), os romances são um mecanismo poderoso de internalização das normas sociais. Mas as narrativas também fornecem uma modalidade de crítica social. Expõem a vacuidade do sucesso mundano, a corrupção do mundo, seu fracasso em satisfazer nossas mais nobres aspirações. Expõem a difícil situação dos oprimidos, em histórias que convidam os leitores, através da identificação, a ver certas situações como intoleráveis. E essa aproximação do leitor com essa narrativa almeja um alento para o protagonista, enormemente injustiçado na história. Na biografia de Jeferson Tenório ao ser questionado sobre a sua profissão de professor de escola pública e a situação que esses profissionais se encontra ele argumenta que:

Na minha infância, tornei-me leitor e escritor, apesar da escola. Digo "apesar da escola" devido à estrutura educacional precária que vivenciei na infância e adolescência. Tudo indicava um caminho diferente, não voltado para a cultura da educação, mas para a subalternidade. Frequentei o ensino médio com foco na preparação para o trabalho, mantendo esse viés. No entanto, tive a sorte de encontrar bons professores, excelentes profissionais que transformei em personagens presentes nos meus livros. Posteriormente, ao me tornar professor, busquei vingar-me dessa precária estrutura educacional. Esforcei-me para ser o melhor professor possível. Até o início deste ano, lecionei em escolas públicas e particulares. Tive que deixar essa função em decorrência das minhas atividades como escritor. Durante duas décadas,

¹⁹ Ibid.

dediquei-me ao ensino em escolas públicas, sempre procurando ser o melhor professor que poderia ser. Isso representava minha forma de vingar-me da má educação que o Estado me proporcionou (Tenório, 2021, 34 min 48 s, grifo nosso)²⁰.

A escola pública desempenha um papel proeminente ao longo do livro, pois o protagonista, Henrique, atua como professor de literatura no ensino médio na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Diversas passagens no romance retratam de maneira vívida nesse ambiente escolar, trazendo à tona as complexidades e desafios que permeiam esse cenário educacional específico.

[...]Já mandaram chamar alguém da limpeza, mas você sabe que vai demorar, porque aquela é uma escola pública da periferia de Porto Alegre há poucos funcionários ali. Há poucos recursos. Os alunos estão inquietos e tudo que querem é que você cancele a prova. Mas é preciso ser duro. Você tem trinta anos e precisa mostrar que é um professor experiente e durão [...]. (Tenório, 2020, p.16).

Segue outra passagem do livro de Jeferson Tenório que se aproxima de suas experiências biográficas como professor da rede pública:

[...] Você estava na sexta série e tinha doze anos, sentou-se diante do diretor e da supervisora e eles queriam saber por que você tinha começado a gritar feito um doido na aula de ciências, *você assustou todo mundo, sabia?* E você até quis dizer que na noite anterior seu Tio, o Zé Carlos, quase tinha matado a sua tia com um tiro, mas ele atirou no chão e ficou aquela marca no assoalho. E, então, para piorar as coisas, veio o professor de ciências e disse que a porra do sol ia explodir. Mas, como sempre você calou. Eles achavam que você passava fome, porque era magro demais. Então a supervisora da escola te trouxe umas bolachas Maria e um copo de leite com alguma coisa que lembrava o sabor morango. Pessoas brancas nunca pensam que um menino negro e pobre possa ter outros problemas além da fome e das drogas. Eles te perguntaram o que estava acontecendo. Você não respondeu. Você se guardou. Escondeu o tumulto vital que eles nunca iriam compreender [...] (Tenório, 2020, p. 83, grifo do autor).

No decorrer da narrativa, o autor menciona diversas instituições, como o sistema de justiça, os hospitais, o casamento, a família e a religião. Essas instituições desempenham um papel central como base de sustentação da trama, contribuindo para a construção e transformação das personagens ao longo do enredo. Esse realismo narrativo reflete de maneira contundente a realidade vivida nas instituições. Além disso, é possível estabelecer uma conexão entre a ficção e a biografia do autor, especialmente em relação às instituições de justiça e às abordagens policiais que Jeferson Tenório, na vida real, foi submetido e que são descritas em

²⁰ Ibid.

O Averso da Pele. Primeiramente, vamos citar a abordagem policial sofrida por Jeferson Tenório.

Também houve um momento que me levou a começar a escrever o romance, ou seja, um acontecimento ocorrido em 2014, quando eu esperava uma van para ir trabalhar. Foi aí que fui abordado por dois policiais. Esses policiais então perguntaram o que eu estava fazendo ali. E eu disse que estava esperando uma carona para ir poder trabalhar. Ai, então, eles pediram minha documentação, ligaram para central. Me descreveram como suspeito. E viram que eu não tinha nada. Me entregaram a documentação. Me desejaram bom dia e foram embora. E, a partir desse episódio, eu já contabilizava mais de dose abordagem em Porto Alegre. Eu pensei que deveria escrever alguma coisa. Eu senti uma indignação tão forte naquele momento, por não ter reagido, por não ter dito nada, por não ter questionado por eu estar sendo abordado pela polícia (Tenório, 2021, 22 min 37s)²¹.

Agora a abordagem policial que é narrada por Pedro no *O avesso da pele*.

Na manhã do dia vinte e um de agosto de dois mil e dezesseis, você foi abordado pela polícia. Você estava na frente de seu prédio esperando uma corona para ir trabalhar. Você tinha cinquenta anos e não pensava que ainda teria que passar por isso. Enquanto você conferia a hora no seu relógio, dois policiais em motocicletas, da brigada militar se aproximaram de você e perguntaram o que fazia ali parado. Você demorou alguns segundos para responder, na verdade queria se recusar a responder, pensou em confrontá-los, perguntar porque estava sendo abordado, mesmo que soubesse a resposta. Você estava cansado daquilo. Cansado de ter que dar explicações para a polícia. Por fim, você acabou respondendo que estava ali parado na esquina esperando uma carona para ir trabalhar. [...] um deles te perguntou onde você trabalhava. *Numa escola. Sou professor*, você respondeu. Depois, educadamente, eles te solicitaram os documentos[...]você teve de ouvir a sua própria descrição através de uma voz feminina vinda da central policial: *o suspeito é negro, natural do Rio de Janeiro, estatura mediana, casaco preto. Se já revistou pode liberar ele está limpo*. [...] Eles sorriram. Te desejaram um bom dia, subiram em suas motos e foram embora (Tenório, 2020, p. 142 e 143, grifo do autor).

Na entrevista, podemos perceber que Jeferson Tenório é mais sucinto, ele vai direto ao ponto com as palavras. E o sentimento de fraqueza, frustração em não confrontar os policiais no momento da abordagem, ele sente depois que reflete sobre o ocorrido. No livro, ele descreve esse mesmo pensamento de frustração, mas isso acontece no momento da abordagem. A personagem não expõe o porquê está sendo abordado, apenas pensa sobre o porquê que aqueles policiais o estão abordando, mas, mesmo assim, ele só fica em pensamentos, pois ele já sabe a resposta.

Algumas correspondências entre o livro e a biografia apresentam semelhanças que sugerem situações cotidianas. No entanto, ao realizar uma análise comparativa e examinar as

²¹ TENÓRIO, Jeferson. Pílulas Literárias/Jeferson Tenório. [Entrevista cedida a] Lilia Schwarcz. YouTube. 03 de mar. 2021. Vídeo (1h 43min 36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CqW5zuK4U2w>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

entrevistas, é perceptível que Jeferson Tenório adota uma postura sucinta, muitas vezes evitando aprofundar-se em detalhes sobre determinadas situações que, aparentemente, o perturbam em virtude de experiências marcadas pelo preconceito. Um exemplo notável dessas semelhanças é observado nas trajetória profissional de Henrique, personagem do livro, e Jeferson Tenório, ambos tendo desempenhado o papel de *office boy* em um escritório de advocacia durante a juventude. Nas entrevistas, essa conexão é evidenciada da seguinte maneira:

Quando eu comecei a ler, comecei a ser orientado quanto à leitura, eu entrei numa espécie de desespero intelectual, digamos assim, porque eu comecei, desesperadamente, a comprar livros. Na época, eu trabalhava como *office boy* em um escritório aqui em Porto Alegre. Era um escritório de advogados em um bairro nobre da cidade, e eu ganhava, então, um pouco mais de um salário mínimo, que era o que eu pagava na minha faculdade. Mas, em um dado momento, eu parei de pagar a faculdade (Tenório, 2021, 14min 0s).²²

No livro, a passagem está assim: Tenório (2020, p. 19 e 20) [...] e você só frequentou uma faculdade porque trabalhou como *office boy* durante um ano num escritório de advocacia, no bairro Moinho de Vento em Porto Alegre [...]. No livro essa passagem segue com o personagem sofrendo racismo escancarado durante a entrevista de emprego. O entrevistador que na verdade é o dono do escritório de advocacia deixa bem claro que não gosta de negros.

A literatura atual reflete uma estrutura que remonta à era moderna. A profundidade psicológica das personagens e a complexidade persistem, mas agora é evidente uma abordagem narrativa mais subjetiva e imprevisível. Essa tendência se manifesta em tramas sem desfechos definitivos e enredos fragmentados. A profundidade psicológica das personagens não aparece de forma explícita, o narrador de forma simples, vai tecendo as histórias das personagens, construindo essa profundidade gradativamente. Tenório²³ revelou que inicialmente planejava escrever três livros distintos, abordando a vivência escolar, a relação entre pais e filhos, e a violência policial. No entanto, ao avançar na escrita, percebeu que esses temas poderiam ser integrados de forma harmoniosa em uma única obra. Tenório aborda três temas centrais de forma fragmentada, mas ligando os enredos.

De acordo com Benjamin (1987, p. 204), nada facilita a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva de uma análise psicológica. Quanto maior a naturalidade

²² Idem.

²³ AMARAL, Jorge; BANDEIRA, Lucas, RESENDE, Beatriz. Agora é minha vez: Entrevista com Jeferson Tenório. ZCultura: Revista do programa avançado de cultura contemporânea. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ano XVI 01. P. 02-08. 1º semestre 2021. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/agora-e-a-minha-vez-entrevista-com-jeferson-tenorio/>. Acesso em: 14 de fev. 2024.

com que o narrador renuncia as sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará a sua própria experiência e mais irresistível ele cederá a inclinação de recontá-la um dia.

Por esse motivo, a literatura atual adquiriu uma posição significativa, particularmente em sua singularidade em comparação com a literatura moderna. Dessa forma, as técnicas de narração, a perspectiva do narrador, a estrutura da narrativa, a falta de linearidade e a subjetividade presentes na obra são elementos distintivos que diferenciam a literatura moderna da contemporânea. Sobre essas características, vamos elucidar alguns pontos pertinentes da teoria da narrativa moderna que coadunam com *O Averso da pele*.

Do ponto de vista ficcional, Cândido (2021, p. 38) pressupõe que a grande obra de arte literária nos restitua uma liberdade, o imenso reino do possível, que a vida real não nos concede. A ficção é um lugar ontológico privilegiado: um lugar onde o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e onde se torna transparente a si mesmo.

Pedro, o narrador de *O Averso da Pele*, no início do livro, de forma nostálgica, busca vestígios de afeto do pai falecido. Eles não tiveram muito contato em vida, mas o narrador tenta se confortar da dor da perda desse pai, resgatando suas lembranças para si mesmo. Chega a se transformar, imaginariamente, nele, percorrendo e vivendo a trajetória do pai. O narrador distancia-se de si mesmo e, em certo momento, desdobra-se no pai.

E isso traz o aspecto do nosso herói da narrativa, Bakhtin (1987, p. 136) argumenta sobre um dos interesses dos leitores pelo romance em detrimento da literatura épica. O distanciamento do narrador faz com que o sujeito não se conheça. Já o romance especula sobre as categorias da ignorância, das falhas do protagonista como um ser próxima ao leitor. Assim, o autor pode utilizar os excessos no enredo na elaboração para a conclusão fundamental da representação do homem. O herói em questão é demasiadamente humano.

Nessa mesma ideia Schuller (2000, p. 6), menciona que os leitores de romance ao se desprenderem da oralidade medieval adquiriram novos hábitos. O romance criou núcleos e não sujeitos ao púlpito, veículo privilegiado de ideias e centro de coesão social. A desorganização psicológica, expressa através de uma estrutura fragmentada da linguagem e da ausência de linearidade temporal na narrativa, tornou-se um reflexo da tumultuada realidade vivida pelas pessoas naquele período histórico. Essas mudanças estruturais não eram meros caprichos literários, mas sim uma resposta artística às transformações profundas que afetavam os pilares econômicos, sociais, familiares e políticos.

Ao desafiar as convenções das narrativas tradicionais, o romance expandiu suas fronteiras, permitindo uma representação mais autêntica e matizada das experiências humanas. Os conflitos internos e as contradições sociais encontraram eco nas páginas dessas obras inovadoras, revelando as fissuras ocultas da realidade contemporânea. Com isso, os romancistas conseguiram capturar não apenas histórias individuais, mas também a alma coletiva de uma época em constante agitação e transformação.

Com base nas ideias supracitadas, sobre a teoria da narrativa, o livro *O Averso da pele*, explora uma variedade de situações por meio de espaços e perspectivas distintas. Ele tece conexões com a música, evidencia situações de subemprego e discute a dinâmica do mercado de trabalho. Além disso, a trama perpassa por várias instituições sociais, como as complexidades das relações matrimoniais, o contexto escolar e aspectos relacionados à religião, enfim, a obra consegue captar essa perspectiva de uma narrativa considerada moderna.

Para explorar melhor essas ideias do romance moderno, e ao mesmo tempo autoficção, vamos destacar a influência das canções que aparecem no *O avesso da pele*. Pedro, o narrador destaca artistas como Racionais MC's, Tim Maia, Jards Macalé, Luís Melodia, Itamar Assumpção e Milton. Embora não se aprofunde nas canções específicas dos Racionais MC's e de Tim Maia, o narrador ressalta sua importância nos bailes durante a adolescência da personagem principal. No entanto, ao mencionar os demais artistas, o narrador não apenas apresenta seus nomes, mas também detalha as músicas associadas a eles. Esse contraste na abordagem revela-se como um recurso estilístico do autor, que complementa de maneira estética e informativa os sentimentos e as emoções que o narrador busca transmitir. Jeferson Tenório ao ser questionado sobre a importância das canções na sua construção como sujeito, ele responde:

A referência é importante porque ela dialoga com as personagens, com a história. Então, quando coloco ali o Jards Macalé e o Itamar Assumpção, são músicas que, enfim, fazem parte do meu repertório pessoal, mas acabam também dialogando com esses personagens. O Chico César, que também aparece, é citado com o nome de uma música chamada *Saharienne*, que é muito bonita. O próprio Tim Maia aparece, assim como os Racionais. Esses músicos negros me ajudaram a me constituir como pessoa, não só para construir meu gosto pessoal, mas para minha formação como indivíduo. E há outras referências que vão aparecendo, que não são apenas músicas, mas também vêm do teatro e do cinema. (Tenório, 2021, 48min e 50s)²⁴.

²⁴ TENÓRIO, Jeferson. Pílulas Literárias/Jeferson Tenório. [Entrevista cedida a] Lilia Schwarcz. YouTube. 03 de mar. 2021. Vídeo (1h 43min 36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CqW5zuK4U2w>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

Para compreender esse recurso criado pelo autor vamos explorar apenas uma das dessas referências citadas.

A música *Abundantemente Morte*, presente no álbum *Pérola Negra* (1973), fecha os acontecimentos do tópico 2, do subtítulo *A Pele*. Em resumo, essa parte do livro descreve diversos acontecimentos vivenciados por Henrique ao longo de sua vida. Esses eventos incluem situações como um incidente em que um aluno vomita em Henrique na escola quando ele era professor; a ansiedade persistente que causa dores de estômago e o acompanhada por grande parte de sua vida; o desenvolvimento de úlceras; a realização de uma endoscopia em um hospital público, que causa desconforto devido à pouca anestesia; um episódio de agressão na adolescência, quando foi confundido com um bandido, sendo espancado, algemado e levado para a delegacia; uma entrevista de emprego em um escritório de advocacia, na qual o proprietário expressa abertamente seu preconceito racial; pessoas próximas envolvidas com a criminalidade; o afastamento de sua fé religiosa; dificuldades econômicas e de sucesso com relacionamentos amorosos na adolescência; além de seu orgulho em não conseguir perdoar um antigo amor.

Após essas lembranças, que abrangem desde a infância até a meia-idade de Henrique (dos 12 aos 52 anos), ele coloca os fones de ouvido e começa a escutar a canção.

Abundantemente morte

Sou peroba
Sou a febre, quem sou eu?
Sou um morto que viveu
Corpo humano que venceu

Ninguém morreu
Ninguém morreu
Ninguém morreu

Tabuleta
Grandes letras feito eu
Abundantemente breu
Abundantemente fel

Ninguém morreu
Ninguém morreu
Ninguém morreu

Conforme fiquei, o tempo me embalava
Se a chuva é mais forte, a enchente levava
Colete de couro com fios de nylon
No dia seguinte, o seguinte falhou

A dança da morte ninguém frequentava
A cruz a distância, do povo de nada
Um morto mais vivo de vida privado
No dia seguinte, o seguinte falhou

(Luiz Melodia)²⁵

Abundantemente Morte é um título provocativo que enfatiza o tema da morte e sua presença onipresente na experiência humana. Experiência que autor descreve da vida de Henrique que desde os 12 aos 52 anos, rompe com as dificuldades de ser um homem negro no Rio Grande do Sul. E esse recurso da musicalidade aguça a curiosidade, pois predominantemente, o leitor mais atento irá escutar pesquisar e escutar a canção para poder fazer a ligação com a leitura. E no caso, poderia ser qualquer canção, independente das imagens construídas através da leitura que antecede a canção, mas, no caso do livro, as referências servem como complemento de construção da narrativa.

Além das canções existem outras referências no livro como alguns filmes e peças de teatro. Na entrevista abaixo, Tenório fala um pouco sobre essas referências e de forma íntima fala sobre seu apreço pelo cinema e pelo filme *Os Incompreendidos*.²⁶

Eu gosto muito de falar sobre as referências que aparecem e também falar dessa personagem que é a Saharienne. A Saharienne é uma música do Chico César. Aliás, quem não conhece é uma música belíssima. E quando eu escutei essa música eu pensei assim, um dia eu vou ter uma personagem com esse nome Saharienne. [...] e a cena dos *Incompreendidos* é uma cena que me comove muito. Eu sou uma pessoa que choro muito fácil com cinema [...] mas o cinema é algo que é muito importante e que acabou entrando no *O avesso da pele*, não de maneira gratuita e esse era um receio que eu tinha. Colocar referências que não parecessem arrogantes que não parecesse que o narrador estava querendo se exibir quer se mostrar que era muito inteligente e que tinha várias referências. Mas era fazer com que as referências fossem orgânicas e que tivessem uma justificativa para elas estarem ali (Tenório, 2021, 37min 48s, grifo nosso)²⁷.

No livro em questão, o narrador sutilmente tece uma trama intrincada que não só explora a complexidade humana, mas também lança luz o racismo arraigado nas diferentes instituições sociais. A narrativa, cuidadosamente entrelaçada com nuances de crítica social, revela uma miríade de cenários nos quais o preconceito racial se enraíza de maneira insidiosa e desumana.

Em *O avesso da pele*, Jeferson Tenório distancia-se da intenção de criar um romance, informativo ou de aconselhamento. Ao contrário de seus livros anteriores, *O Beijo na parede*

²⁵ AMBUDANTEMENTE MORTE. Luís Melodia. Compositor: Luís Melodia. In PÉROLA NEGRA, Luís Melodia. Rio de Janeiro: Polygran, 1973. LP/CD sonoro. Faixa 5, (3min 27s).

²⁶ Os Incompreendido é um filme dramático Francês de 1961. Dirigido por François Truffaut. Roteiro François Truffaut. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-62178/>. Acesso: 21 de fev. de 2024.

²⁷ TENÓRIO, Jeferson. Pílulas Literárias/Jeferson Tenório. [Entrevista cedida a] Lília Schwarcz. YouTube. 03 de mar. 2021. Vídeo (1h 43min 36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CqW5zuK4U2w>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

(2013) e *Estela sem Deus* (2018) nos quais é perceptível um viés pedagógico, neste romance o protagonista engaja-se na busca por soluções para os desafios apresentados, procurando resolver os impasses que permeiam a trama. As tensões e traumas explorados no enredo adquirem uma tonalidade próxima à autoficção, sugerindo que possivelmente refletem as angústias vivenciadas pelo próprio autor.

Nos outros romances, eu estava trabalhando com crianças e adolescentes, ou seja, meus personagens eram crianças e adolescentes. Eu posso dizer que eram romances de formação; esses personagens não tinham o compromisso de resolver determinadas situações. Eram personagens que estavam apontando os problemas do mundo, mas não tentavam resolvê-los. O *Avesso da Pele* também não resolve, mas há uma tentativa de resolução. E, quando há essa tentativa, é necessário que os personagens sejam tão complexos quanto o modo como são narrados. Então, era necessário que eu utilizasse uma voz complexa, um pouco mais sofisticada, para acompanhar também essa complexidade do que estava sendo contado ali [...] (Tenório, 2021, 34min 48s)²⁸.

Nessa perspectiva, a literatura torna-se uma extensão da própria vida do autor, um lugar onde experiências, memórias e emoções pessoais se entrelaçam com a ficção. Ao trazer do íntimo as histórias que deseja contar, o escritor decompõe vivências em narrativas, imaginando cenários e personagens que, embora fictícios, carregam traços de sua realidade. Esse artifício criativo é uma forma de expressão artística que reflete não apenas a imaginação, mas também as inquietações, perspectivas e valores do autor.

Ainda, não poderíamos deixar de mencionar, nesse capítulo que *O Avesso da Pele*, alcançou amplo destaque tanto no meio literário quanto em outras formas de expressão artística. Além de conquistar o Prêmio Jabuti de Melhor Romance Literário, ele foi também finalista dos Prêmios Oceanos e São Paulo de Literatura. Também teve notável repercussão com edições já lançadas em Portugal e na Itália, além de futuras publicações no Reino Unido e no Canadá²⁹. A história foi adaptada para o teatro pelo Coletivo Ocutá, com direção de Beatriz Barros, estreando em São Paulo em março de 2023, com sessões esgotadas no SESC e uma apresentação no emblemático Theatro Municipal em novembro³⁰. O livro também chamou a atenção do cinema, com os direitos já adquiridos para uma adaptação, e apareceu recentemente na lista dos mais vendidos da revista *Veja*, consolidando sua importância cultural e artística.

²⁸ Idem.

²⁹ GABRIEL, Ruan de Sousa. O Globo cultura. Rio de Janeiro, RJ, 21 de jan. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/jeferson-tenorio-com-premiado-avesso-da-pele-que-ganhou-mundo-vai-virar-filme-autor-sobe-ao-primeiro-escalo-da-literatura-brasileira-25360784>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

³⁰ AMADO, Guilherme. Peça baseada em “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório, terá turnê. Metrôpoles. Brasília, 01 de jan. 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/peca-baseada-em-o-avesso-da-pele-de-jeferson-tenorio-tera-turne>. Acesso em 03 de janeiro de 2025.

Após analisarmos os vínculos entre o autor e sua obra, tentamos explorar como essas relações contribuem para compreender a corporeidade construída por Jeferson Tenório em suas personagens, seguimos aprofundando nossa investigação. No próximo capítulo, abordamos autores fundamentais para a compreensão da construção da corporeidade no Ocidente, apresentamos conceitos essenciais que embasam o tema e ampliam nossa perspectiva sobre o corpo.

2. CORPO E CORPOREIDADE E A TRADIÇÃO OCIDENTAL

Neste capítulo abordamos referências histórico-filosóficas que contribuem para a compreensão da corporeidade no Ocidente. Merleau-Ponty (1999), enfatiza a interconexão entre corpo e percepção, destacando como a experiência corporal é fundamental para a constituição da realidade e da subjetividade. Com essa base fenomenológica sobre corporeidade, exploramos as diferentes concepções filosóficas sobre o corpo ao longo da história, desde a antiguidade até os tempos modernos, proporcionando um panorama diversificado das teorias que influenciaram a percepção do corpo na cultura ocidental.

A inquirição abrangerá desde as ideias dos Pré-socráticos, Platão, passando pelas contribuições medievais, iluministas até algumas teorias contemporâneas que dialogam com a questão do corpo. Essa abordagem permitirá uma compreensão aprofundada das transformações nas concepções de corporeidade, preparando o terreno para análises críticas e bem fundamentadas sobre o corpo, sua representação e experiência na filosofia ocidental.

No entanto, ao longo da história, o corpo negro tem sido frequentemente marginalizado, privado de direitos, vontades e da própria humanidade, sendo relegado a um papel de objeto servil em uma sociedade marcada pelo racismo. Diante desse cenário, buscamos ampliar nossa compreensão sobre a corporeidade negra, analisando o livro *O avesso da pele*, que de forma sensível retrata personagens cujos corpos são imbuídos de características humanas. Parece irônico, mas a humanidade tem sido negada ao homem negro, enquanto Jeferson Tenório apresenta o oposto, explorando as relações cotidianas e a sensibilidade do negro em diferentes esferas da vida.

E para fazer nossas leituras sobre esses corpos das personagens vamos ressaltar nesse capítulo algumas diferentes concepções de corpo difundidas por diferentes pensadores, afim de termos uma maior dimensão e complexidade no caminho desse corpo ao longo da história para podermos aproximarmos da construção desses corpos das personagens criadas pelo autor Jeferson Tenório.

2.1 Pré-socráticos e Platão – o corpo como males da humanidade

Desde o período pré-socrático, já existem relatos que estabelecem distinções de valores sobre o corpo, como os presentes na fase mítica. Um exemplo disso são os escritos nas Epopeias, poemas que narravam a organização da Pólis arcaica na Grécia e que refletiam concepções culturais e sociais sobre o corpo. Os mais famosos desses eram a *Ilíada* e a *Odisseia*.

Tendo como temática as aventuras de Ulisses ou Odisseu, escritos entre o século X e o VII a.C., atribuídos a Homero. E sobre a concepção de corpo, relata que, “Em geral, significa força e destreza dos guerreiros ou dos lutadores, valor heroico intimamente vinculado à força física.” (Reale; Antiseri, 1996, p. 11) e que a dualidade corpo e alma que é atribuída a Platão já se faziam presente neste momento em Homero.

Homero parece participar da crença, comum a várias culturas primitivas, de que o homem vivo abriga em si um "duplo", um outro eu. A existência desse "duplo" seria atestada pelos sonhos, quando o outro eu parece sair e realizar peripécias, inclusive envolvendo outros "duplos". A essa concepção de uma dupla existência do homem — como corporeidade perceptível e como imagem a se manifestar nos sonhos — está ligada a interpretação homérica da morte e da alma (psyché). A morte não representaria um nada para o homem: a psyché ou "duplo" desprender-se-ia pela boca ou pela ferida do agonizante, descendo às sombras subterrâneas do Erebo. (Reale; Antiseri, 1996, p.12, grifo do autor).

As epopeias homéricas retratam um mundo radiante, onde os valores da vida presente são celebrados. Esses ideais não só refletem os princípios tradicionais da época, mas também indicam o progresso de um processo de racionalização e secularização cultural, que eventualmente levará a uma visão filosófica e científica de um universo governado pela razão.

Para Platão, o objetivo do filósofo na busca pela verdade é se libertar ao máximo das limitações do corpo e transcender a esfera terrena. Deve levar uma vida guiada pela razão, evitando prazeres, desejos e dores, que são formas de apreensão do mundo consideradas incertas em sua teoria. O corpo é visto como tão prejudicial que seus desejos podem ter consequências drásticas para a humanidade. Platão (1991, p. 119) argumenta que o corpo e seus desejos são fontes de grande tumulto e conflito. As guerras, as dissensões e batalhas surgem principalmente devido às concupiscências do corpo. A busca incessante por bens materiais, que é a raiz de todas as guerras, é motivada pelos desejos do corpo, ao qual somos escravizados. Assim, Platão vê o corpo como uma fonte de destruição e miséria, pois suas necessidades e impulsos levam a comportamentos que resultam em grandes males para a humanidade. E, sugere que a prática filosófica envolve um distanciamento gradual das influências e desejos do corpo.

Platão (1991, p. 115), busca a verdade e a compreensão através da razão, o que requer a superação das distrações e necessidades corporais. Esse processo de desapego é comparado a uma preparação para a morte, na medida em que a alma se liberta das limitações físicas e se aproxima de uma existência puramente intelectual e espiritual.

2.2 Santo Agostinho – o pecado da carne

As ideias platônicas sobre o corpo influenciou fortemente o desenvolvimento da teologia cristã, notadamente através das contribuições de Santo Agostinho (354-430 d.C.), bispo de Hipona e um dos mais atuantes filósofos e teólogos da Igreja Cristã. Agostinho adaptou as ideias de Platão ao cristianismo, difundindo o corpo como um instrumento pecaminoso e um caminho para o mal, centralizando-o na doutrina do pecado original. Ele desenvolveu a noção de culpabilidade e angústia associadas ao corpo, estabelecendo uma base para a vida monástica, onde o desapego dos prazeres corporais e a busca pela pureza espiritual eram vistos como caminhos essenciais para a salvação e a aproximação de Deus.

Santo Agostinho (1980, p. 256), em suas reflexões, ecoa a mensagem do livro bíblico de Mateus 6:33, destacando um profundo anseio espiritual. Ele implora ao Senhor por compaixão e por ouvir seu desejo, sublinhando que este anseio está desprovido de qualquer ambição terrena, como riquezas materiais, honrarias, prazeres carnis ou necessidades corporais. Agostinho enfatiza que esses elementos mundanos são secundários, meros acréscimos àqueles que buscam prioritariamente o reino dos céus e a justiça divina. Esta passagem sugere que a verdadeira essência do desejo humano deve estar voltada para o espiritual e o divino, e não para os bens terrenos.

Frequentemente, este autor expressava um profundo menosprezo pelos prazeres carnis, os quais ele via como distractivos e corruptores da verdadeira busca pela santidade e pelo conhecimento de Deus. Para ele, o apego excessivo aos prazeres do corpo criava um círculo vicioso de culpa e vergonha. Isso porque, em sua perspectiva, tais prazeres afastavam as pessoas da virtude e da conexão com o espiritual. Conhecer, ou mesmo explorar o próprio corpo, era sinônimo de culpa, já que o corpo era visto como uma forma de ceder aos desejos carnis e outras tentações, o que se opunha à busca pela experiência espiritual e moral. Essas ideias e pensamentos de Agostinho marcaram profundamente a maneira como a fé enxergava o corpo e também a sexualidade. E isso resultou na valorização do autocontrole e da renúncia aos prazeres terrenos, instigando as pessoas a uma vida de dedicação à devoção e à contemplação.

2.3 Karl Marx - o corpo como ferramenta de trabalho

Karl Marx (1818-1883), é fundador da concepção materialista da história, distinguiu a história como produto dos indivíduos reais, suas realidades concretas de vida e suas ações. Seu aporte para o estudo da corporeidade apareceu da concepção do mundo e do homem como concretos e submetidos à estrutura de uma sociedade, onde a infraestrutura é formada pelos

elementos de ordem econômica e a superestrutura pelas ideologias e instituições. Ele também compreende o trabalho como elemento mediador entre o ser humano e a natureza, compondo a própria consciência do homem. A elaboração do trabalho e a formação da consciência advêm em uma relação dialética entre homem e natureza, sendo que Marx sinaliza a origem dessa relação nas condições objetivas, ou seja, nas condições materiais de existência. Para Marx, o trabalho é responsável não apenas pela elaboração da consciência, mas também pela construção ontológica do ser humano, contribuindo em última análise para a constituição do corpo.

Marx (1996, p. 297) sugere que a existência humana só pode ser compreendida através do corpo, pois existe uma influência entre o corpo, o humano e a natureza. O corpo concebe a materialidade e a espiritualidade da vida humana, sendo o agente basal de todas as transformações realizadas no mundo natural. Só é possível intervir na natureza com a ação corporal. É por meio do uso dos ossos, músculos e nervos que o ser humano se constitui e se inclui no meio ambiente. E, afirma que é pelo trabalho que o homem se confronta com a natureza, movimentando todos os seus órgãos, sentidos e capacidades para se apropriar dos recursos naturais necessários à sua sobrevivência. Esse método de trabalho não só permite a sustentação da vida, mas também molda a consciência e a própria essência do ser humano.

Marx (2004, p. 113), parte da premissa de que a relação entre o homem e a natureza é capital para a existência humana, porque, assim como os animais, o ser humano está enlaçado diretamente a natureza inorgânica para sua sobrevivência. No entanto, o que diferencia o homem é sua universalidade, tanto em termos de capacidade de modificar e utilizar os recursos da natureza quanto na sua capacidade de interação com o meio ambiente. Esse atributo torna a relação do ser humano com a natureza mais complexa e abrangente, refletindo sua singularidade enquanto espécie que não apenas consome, mas também molda o mundo natural, expandindo sua esfera de influência sobre o ambiente.

O apoio físico do homem, ou seja, seu corpo orgânico, está acoplado a natureza inorgânica para sobreviver. A existência física humana é mantida por um metabolismo contínuo, onde o homem interage e extrai nutrientes essenciais dos elementos naturais externos. Essa relação é essencial, pois sem a extração desses nutrientes, a vida física não seria viável. Por meio do trabalho e da interação com a natureza, o homem não só nutre seu corpo, mas também amplia sua consciência e capacidade de pensamento. Assim, a afinidade metabólica entre o homem e a natureza inorgânica é terminante tanto para a sobrevivência física quanto para a formação da consciência humana.

A tensão incessante entre homem e natureza, assim como entre o corpo físico e os elementos inorgânicos, permite compreender a historicidade do corpo. Essa tensão ilustra que

a história é moldada pelas relações sociais de produção, ou seja, pela materialidade da vida. As interações metabólicas entre o homem e a natureza, onde o corpo retira nutrientes essenciais para a sobrevivência, são um espelho da dinâmica histórica e social. A extensão histórica tanto da natureza quanto do próprio homem constitui a base fundamental sobre a qual esse relacionamento metabólico se desenvolve. Através dessas interações, o corpo humano não só se mantém fisicamente, mas também participa ativamente na construção da história, evidenciando que a corporeidade é intrinsecamente ligada aos processos históricos e materiais que definem a existência humana.

O trabalhador não apenas transforma a forma material da natureza, mas também concretiza, nessa matéria, um objetivo consciente. Marx (1996, p. 298) reconhece que sua atividade é guiada por leis naturais e sociais que determinam a espécie e o modo de seu trabalho, exigindo que subordine sua vontade a essas leis. Essa subordinação, porém, não é um ato isolado, mas um processo contínuo e intrínseco ao trabalho. Assim, o trabalhador participa de uma dinâmica histórica e social onde suas ações individuais estão sempre ligadas a um contexto mais amplo de produção e transformação material.

O corpo formado pelo trabalho é, simultaneamente, um produto da produção e seu próprio criador. Inserido dialeticamente no processo produtivo, o corpo atua como idealizador e criador, além de ser a principal criatura desse processo. Assim, a estrutura e a forma do corpo refletem as necessidades do seu período histórico e as maneiras pelas quais a vida é produzida no contexto geral.

2.4 Frantz Fanon - o corpo negro

Em 1925 nascia Franz Omar Fanon no Fort de France, na Martinica. Ele foi um intelectual, psiquiatra, revolucionário e filósofo político. Seus obras tornaram-se influentes nos campos dos estudos pós-coloniais, da teoria crítica e do marxismo. Ele se dedicou a estudar a psicopatologia da colonização e as implicações humanas, sociais e culturais da descolonização. Veio a falecer de uma severa leucemia em 1961 na cidade de Bethesda em Maryland –EUA. Um dos nossos principais aportes teóricos será seu livro *Peles negras, máscaras brancas* (2020).

Gordon³¹ (2008 p. 17), no prefácio de *Peles negras, máscaras brancas*, argumenta que Fanon esteve presente no norte da África durante a Segunda Guerra Mundial, lutando contra as forças nazistas como soldado francês. Neste livro, Fanon principalmente relata suas observações sobre o racismo na Martinica e na França, enquanto suas reflexões sobre o colonialismo em solo africano apareceriam somente em obras posteriores. Fanon, que até então se considerava francês, experimentou o racismo antinegro não apenas no exército, mas também nas ruas das cidades francesas. Após a vitória sobre a Alemanha nazista, soldados franceses negros foram preteridos em favor de prisioneiros de guerra italianos pelas mulheres europeias. Essas experiências pessoais foram fundamentais para suas reflexões sobre o colonialismo e seus efeitos, bem como para o repensar de sua própria identidade.

Fanon (2020, p. 186) afirma que “onde quer que vá, um negro permanece negro” estabelecendo um dos argumentos centrais em seu livro *Peles negras, máscaras brancas* é a epidermização do racismo, um processo pelo qual o racismo se infiltra na pele e na identidade do indivíduo negro. Quando confrontado com o racismo, o negro internaliza um complexo de inferioridade, começando um processo de autoilusão na tentativa de se conformar aos padrões e comportamentos da cultura branca dominante. Este esforço para falar, pensar e agir como branco representa uma tentativa de escapar da discriminação e do estigma racial. No entanto, essa autoilusão é interrompida quando o indivíduo negro se depara novamente com o olhar fixador do branco, um olhar que reitera sua diferença e inferioridade percebida, destruindo assim a fachada criada. Ele argumenta que esse ciclo de autoilusão e desilusão é um mecanismo fundamental do racismo, que perpetua a opressão psicológica e social dos negros.

Nessa colonização violenta, onde as imposições de dominação se estendem por vários aspectos, o corpo negro ganha outra dimensão na perspectiva de Fanon (2020, p. 126) argumenta que diante do olhar branco, fomos obrigados a encarar uma opressão fora do comum, um peso que parecia esmagar nossa existência. Nesse embate, o mundo real invadia e disputava constantemente nosso espaço, impondo desafios significativos à construção de nossa identidade corporal. No contexto do mundo branco, o homem de cor enfrenta enormes dificuldades em elaborar seu esquema corporal, pois o conhecimento de seu corpo se transforma em uma atividade puramente negacional, como se sempre fosse visto e julgado por terceiros. Esse

³¹ Lewis R. Gordon é presidente da Associação Filosófica Caribenha, e professor de Filosofia, Religião e Estudos Judaicos na Universidade Laura H. Carnell e diretor do Instituto para o Estudo do Pensamento Racial e Social do Centro de Estudos Afro-Judaicos da Universidade de Temple. O professor Gordon escreveu muitos livros influentes, incluindo *Fanon and the Crisis of European Man* (Routledge, 1995) e *Her Majesty's Other Children* (1997), que recebeu o prêmio Gustavus Myer para Livros Excepcionais sobre Direitos Humanos. Seu livro mais recente é *An Introduction to Africana Philosophy* (Cambridge University Press, 2008).

conhecimento, portanto, se dá em terceira pessoa, envolto por uma atmosfera de incerteza e dúvida, onde a própria percepção do corpo se torna turva e insegura.

Seguindo essas ideias o autor ilustra essa experiência ao descrever ações cotidianas, como pegar um pacote de cigarros ou fósforos, que são executadas não por hábito, mas por um conhecimento implícito e automatizado. Esse processo de construção do eu enquanto corpo acontece lentamente, dentro de um contexto espacial e temporal, criando um esquema corporal. Esse esquema não é imposto externamente, mas é uma estruturação definitiva do eu e do mundo. Sugere que existe uma dialética efetiva entre o corpo e o mundo, uma interação contínua e dinâmica que define a experiência corporal e a identidade do indivíduo.

2.5 Michel Foucault – “docialização” dos corpos

Michel Foucault (1926 – 1984), Pensador e epistemólogo francês, contribuiu para o movimento antipsiquiátrico e antipedagógico. Utilizamos como referência suas obras intituladas *Microfísica do Poder* (2001) e *Vigiar e Punir* (1999). Focamos na maneira como Foucault (1926-1984) analisou o corpo, considerando-o dominado pelo poder que, em qualquer sociedade, prende o corpo dentro de restrições rígidas, impondo-lhe limitações, proibições e obrigações.

Na obra *Vigiar e Punir* (1991), Foucault delinea a concepção dos corpos dóceis, cuja emergência teórica remonta aos séculos XVII e XVIII. Foi por intermédio da disciplina corporal que esses corpos se tornaram subservientes, não implicando a inexistência de disciplina prévia, mas assinalando um período em que a disciplina se configurou como uma forma abrangente de dominação, aplicada em múltiplos âmbitos: instituições educacionais, hospitais, organizações militares, medicalização da sexualidade, oficinas, e no seio familiar. Foucault discorre sobre o controle minucioso do espaço, do tempo e dos movimentos, sob uma vigilância constante, internalizada pelos indivíduos. Ele caracteriza essa estrutura como uma micromecânica do poder, originada da classe burguesa emergente no final do século XVI e início do século XVII, que demandava novos métodos de disciplinarização para excluir aqueles considerados incapazes e improdutivos para o trabalho.

[...]A burguesia compreende completamente que uma nova legislação ou uma nova constituição não seriam suficientes para garantir sua hegemonia; ela compreende que deve inventar uma nova tecnologia que assegurará a irrigação dos efeitos do poder por todo corpo social, até mesmo em suas menores partículas [...] (Foucault, 2001, p. 218).

A burguesia, percebendo que uma simples reformulação legislativa ou uma nova constituição não seriam suficientes para consolidar sua hegemonia, entende a necessidade de criar uma nova tecnologia de poder. Essa tecnologia deve permear todo o corpo social, alcançando até as suas menores partículas. Exemplificando: as escolas, são instituídas normas rigorosas de comportamento e cronogramas detalhados que disciplinam os estudantes desde a infância, moldando-os conforme os valores burgueses. Nos hospitais, a vigilância constante e o controle minucioso dos corpos dos pacientes garantem não apenas a saúde, mas a conformidade com padrões normativos. Nas organizações militares, a disciplina e a obediência são reforçadas para criar soldados que não apenas lutam, mas internalizam a submissão ao poder. Nas oficinas e fábricas, a divisão meticulosa do trabalho e a supervisão incessante dos trabalhadores asseguram a máxima eficiência e produtividade. Até mesmo nas famílias, práticas de controle e normatização das condutas sexuais e comportamentais consolidam a penetração do poder burguês, tornando cada indivíduo um agente e um alvo dessa nova micromecânica do poder.

Ao retratar a submissão do corpo à disciplina, apresenta a disciplina como um tratamento do corpo em massa, como se fosse uma unidade indissociável. Ele descreve a coerção exercida sobre o corpo por meio de movimentos, gestos e atitudes, configurando um poder infinitesimal sobre o corpo ativo. Portanto, essa coerção é ininterrupta e constante, ajustando o corpo em seu tempo, espaço e movimentos, permitindo um controle minucioso do corpo.

[...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, “corpos dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo. [...] (Foucault 1991, p.119, grifos do autor).

Portanto, a questão de disciplina na concepção de Michel Foucault, vem de uma maior sistematização dos aparelhos e instituição desde a ascensão do sistema capitalista, mas antes mesmo dessa determinada ideologia econômica, o corpo já vem sendo submetido a uma vigilância para aumentar sua eficácia em relação ao poder.

2.6 Lélia Gonzalez – o corpo da mulher negra

Em nossos levantamentos sobre a corporeidade das personagens em nossas pesquisas, nos deparamos com algumas personagens femininas, tanto negras e outras sem uma definição específica de raça. E para nos subsidiar na pesquisa, nos apegamos a autora Lélia Gonzalez.

Nascida em 1935 em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, ela é considerada uma das principais referências no que tange os estudos de raça, gênero e corporeidade no Brasil. Ela também foi tradutora, professora, antropóloga, filósofa, militante antirracista. Veio a falecer em 1994 no Rio de Janeiro.

As organizadoras do livro *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020) Rios e Lima³² afirmam que Lélia Gonzalez foi uma intelectual importante no Brasil durante as lutas contra a ditadura militar e pela democratização. Ela fundou o Movimento Negro Unificado (MNU) e ajudou a formar partidos de oposição ao regime militar. Participou das mobilizações brasileiras contra o apartheid na África do Sul e criou a organização Nzinga — Coletivo de Mulheres Negras. Além disso, colaborou com deputados negros durante o processo constituinte (1986-88) e fez parte do primeiro Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

Ainda, segundo as autoras, Lélia Gonzalez foi uma intelectual pública plural, com uma vasta produção intelectual ao longo de diferentes períodos de sua carreira. Ela utilizou diversas áreas de conhecimento, abordando questões complexas e usando variadas referências, sempre atenta tanto às transformações globais quanto aos acontecimentos nacionais. Certamente, pode ser considerada uma intelectual engajada no sentido mais amplo da palavra. Esse engajamento fez com que seus trabalhos se concentrassem em determinados temas. Embora amplamente reconhecida por tematizar a mulher negra em suas obras, outros temas são igualmente centrais e recorrentes em seus escritos, tais como a democracia racial, o feminismo, o movimento negro, a questão nacional, a cultura brasileira, a democracia, o racismo, o sexismo, as resistências sociais, culturais e políticas, a organização coletiva e a crítica ao eurocentrismo.

Para nosso estudo, focaremos na produção da autora sob a perspectiva da construção do corpo da mulher e suas influências histórico-sociais. Analisaremos o abarcamento da escravidão, destacando como a herança desse período moldou a percepção e o papel da mulher negra na sociedade. Pesquisaremos a figura da mulher negra doméstica, explorando como essa posição social prejudicou a identidade e as oportunidades dessas mulheres ao longo do tempo. Abordaremos a imagem da negra, considerando como a sexualização e a exotificação colaboraram para a constituição de estereótipos e expectativas em torno do corpo feminino negro. Por fim, abordaremos a questão da solidão da mulher negra, indagando os fatores

³² Flávia Rios é Doutora pela Universidade de São Paulo, foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e Visiting Student Researcher Collaborator na Universidade de Princeton. É coautora, com Alex Ratts, de Lélia Gonzalez, o primeiro livro já publicado sobre a trajetória de vida da autora. Márcia Lima é pós-doutorada na Universidade Columbia e foi Visiting Fellow no Afro-Latin American Research Institute (Alari) do Hutchins Center for African and African American Studies, na Universidade Harvard. Tem pesquisado e publicado nas áreas de desigualdades raciais, gênero, raça e ações afirmativas.

históricos e sociais que levam a essa experiência particular, incluindo a marginalização e a discriminação que perpetuam o isolamento e a exclusão.

2.7 Joseph Achille Mbembe – corpos descartáveis

Estudioso de Fanon e de Foucault, Achille Mbembe³³, nasceu em 1957, e é considerado um dos mais importantes pensadores da atualidade. De notável erudição histórica, filosófica e literária, vira do avesso os consensos sobre a escravidão, a descolonização e a negritude. É um dos poucos teóricos que consegue pensar o contexto mundial contemporâneo a partir da provincialização da Europa.

Sobre as diferentes obras do autor iremos nos atentar a algumas ideias dos livros *Necropolítica* (2018) e *A crítica da razão negra* (2014). O primeiro livro explora as maneiras como o poder político moderno nasce através do controle sobre a vida e a morte. Mbembe alarga a ideia de "necropolítica" como uma extensão e superação do conceito de "biopolítica" de Michel Foucault, averigua como certos grupos sociais são submetidos a condições de existência marcadas pela violência, precariedade e abandono. A necropolítica menciona ao poder de determinar quem deve viver e quem deve morrer, englobando a criação de zonas de morte, onde vidas são sistematicamente expostas a condições desumanas.

Mbembe (2018, p. 26) analisa o colonialismo, o apartheid, os campos de refugiados e as áreas urbanas segregadas para mostrar como a necropolítica se aparece em diferentes contextos históricos e geográficos. Ele argumenta que o colonialismo, com suas práticas de desumanização e exploração, é uma das raízes da necropolítica contemporânea. Além disso, a obra explora o uso da violência e do medo para submeter populações inteiras, tratando os corpos como objetos descartáveis e provocando um estado de guerra perpétua que destrói qualquer possibilidade de dignidade humana.

Enfim, o livro *Necropolítica* destaca como essas “zonas de morte” está presente nas sociedades atuais, onde estruturas de dominação criam "vidas matáveis" ou "mortos-vivos", principalmente entre grupos marginalizados e racializados. O autor chama a atenção para os efeitos psíquicos e sociais desse processo, que transforma pessoas em alvos de políticas de controle que vão além do simples exercício do poder, expondo-as à morte em suas diversas formas.

³³ Nota sobre o autor (2018, p. 62) *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte* / Achille Mbembe; traduzido por Renata Santini. - São Paulo: n-1 edições, 2018.

Sobre o livro *A crítica da razão negra* (2014), o autor realiza uma análise histórica, filosófica e política sobre o conceito de negritude e sua construção ao longo dos séculos, sobretudo no contexto do colonialismo e do racismo global.

[...] Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológica, o mundo dos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única figura, a da loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmagórica, a raça tem estado, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes e terá sido a causa de devastações físicas inauditas e incalculáveis crimes e carnificinas (Mbembe, 2014, p. 11).

O autor argumenta que a raça foi uma invenção utilizada para justificar a exploração econômica e a exclusão social, sobretudo a partir do tráfico transatlântico de escravizados. Ele busca entender como o racismo se transformou em um instrumento essencial para a formação do capitalismo global, fundado na exploração de corpos negros, na extração de riquezas do continente africano e na criação de hierarquias sociais baseadas na cor da pele.

Apesar de seu tom crítico, o livro também explora caminhos para superar essas opressões. O autor defende a necessidade de transcender os limites impostos pelas categorias raciais e sugere a criação de um "cosmopolitismo de reparação", no qual as relações humanas sejam reconstruídas com base na igualdade, no reconhecimento mútuo e na justiça histórica.

Compreendemos que essas duas obras o autor, tem uma relação muito próxima como o que almejamos em nossa pesquisa quando adentramos sobre o racismo estrutural e pensar formas de resistência, transformação, os debates sobre colonialidade, identidade e as possibilidades de emancipação no mundo pós-colonial.

2.7 Merleau-Ponty – corporeidade

Para concluir este capítulo sobre a construção do corpo no Ocidente, basearemos nossa análise nas ideias de Maurice Merleau-Ponty (1908–1961). Optamos por não apresentar este autor em sequência cronológica com os demais mencionados anteriormente, pois nosso objetivo é explorar uma conceituação da "corporeidade" que permita ampliar nossas análises no terceiro capítulo.

Conforme Merleau-Ponty (1999, p. 1), “[a] fenomenologia é o estudo das essências, e todos problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo.”. Emerge como um tratado sobre a natureza fundamental das coisas. Reflete uma versão da morte de Deus, pois somos compelidos a ficar no cerne do

fenômeno e não o reduzimos a lógicas metafísicas, e onde todos nós, de certa forma, nos vemos como condenados, aprisionados no fechamento da caverna, conforme expresso por Platão. Nessa concepção, somos compelidos a permanecer neste espaço, pois a essência, segundo a visão platônica, é "a coisa mesma, segunda ela mesma", e escapar das meras aparências é uma impossibilidade. A fenomenologia, nesse contexto, reduz todos nós a fenômenos, buscando encontrar um modelo não intrusivo de subjetividade. Husserl (2006, p. 258-259), por sua vez, discorre sobre o esvaziamento da consciência, destacando a pura performance do ser. A essência dessa doutrina reside na tentativa de suspender qualquer papel que constitua o sujeito em suas experiências, buscando, assim, um modelo de subjetividade que não seja invasivo.

O início da fenomenologia consiste na redução da consciência à pura performance de si mesma, à pura execução. Quando você suspende todas as suposições, opiniões, teorias e concepções, encontra-se com essências. Isso ocorre porque você se depara radicalmente com aquilo que constitui as experiências no campo da realização das mesmas.

Na tradição da fenomenologia, argumenta-se que para compreender as coisas, é necessário suspender as experiências relacionadas a elas, a fim de alcançar precisamente o ser que está além da fenomenalidade constitutiva dessas experiências. A fenomenologia busca nos situar no local onde as experiências ocorrem, porém, esse retorno não se refere ao lugar onde EU constituo as experiências. Pelo contrário, trata-se de regressar ao ponto onde o Eu não interfere na constituição daquilo que é experienciado.

Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 1 e 2), “[...] [é] a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer [...]”. As experiências ocorrem por si mesmas. A consciência não pode transgredir o domínio de autoadoção dos fenômenos. Portanto, o paradigma fundamental na fenomenologia é o da consciência não invasiva. Ela não pode penetrar no domínio de autoadoção dos fenômenos. Assim, é necessário suspender posicionamentos e teorias, e simplesmente acompanhar o modo como as coisas se dão por si mesmas. Ao fazer isso, a experiência que se tem não é a experiência desejada, preparada ou construída, mas sim a experiência que simplesmente se manifesta.

[...] O real é um tecido sólido, ele não espera nossos juízos para anexar a si os fenômenos mais aberrantes, nem para rejeitar nossas imaginações mais verossímeis. A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas [...] (Merleau-Ponty, 1999, p.6).

A fenomenologia propõe a experiência direta e imediata das coisas em si mesmas, sem mediação conceitual ou pré-conceitos. Essa abordagem busca uma compreensão autêntica dos fenômenos, onde o sujeito se restringe estritamente ao que é experimentado, sem interferir na autoadoção dos objetos de experiência. Em outras palavras, a fenomenologia busca a apreensão das coisas em sua pura manifestação, tal como se apresentam na experiência consciente, sem distorções ou influências externas. Por isso, ela é uma doutrina das essências, porque ela está sempre acompanhando o modo de ser das coisas, tal como as coisas se mostram no horizonte de manifestação das coisas. Não é o horizonte que Eu empresto para elas é o horizonte de manifestação delas. As essências são as coisas tal como elas são.

Merleau-Ponty (1999, p. 15) tenta exemplificar uma ideia geral da fenomenologia ele cita Kant, em sua obra *Crítica do Juízo*, que há uma unidade entre a imaginação e o entendimento, uma unidade entre os sujeitos antes do objeto, e que na experiência do belo, por exemplo, eu experimento um acordo entre o sensível e o conceito, entre mim e o outro, que é ele mesmo sem conceito. Nesse contexto, o sujeito tem a experiência sensível que é o de se deparar com o belo, mas para ele definir o que é belo, ele já tem um conceito aprendido anteriormente do que é o belo. Mas o belo se dá por ele mesmo, sem o conceito. Assim, há uma mudança na concepção do sujeito, Merleau-Ponty argumenta que, ao contrário da visão tradicional de Kant, onde o sujeito é visto como o pensador universal que impõe ordem ao mundo através da razão e do entendimento, na experiência estética o sujeito se percebe como parte integrante da natureza, agindo de acordo com as leis do entendimento de forma espontânea, em vez de impor essas leis ao mundo externo.

A consciência fenomenológica, como concebida por Merleau-Ponty, é caracterizada por uma peculiaridade fundamental: sua natureza aparentemente vazia de conteúdo. Nesse contexto, a consciência não é simplesmente desprovida de elementos perceptíveis ou cognitivos, mas sim pragmática em sua essência, direcionada para a constante realização de si mesma. Em contraste com concepções tradicionais de consciência como um receptáculo passivo para dados sensoriais e conceituais, a perspectiva fenomenológica ressalta a dinâmica ativa da consciência na construção e interpretação do mundo ao seu redor. Essa visão enfatiza a importância da experiência direta e imediata, onde a consciência se engaja em um processo contínuo de interação com seu ambiente, moldando e sendo moldada por suas próprias atividades perceptivas e interpretativas. Assim, a consciência fenomenológica emerge como um fenômeno complexo e dinâmico, cuja compreensão transcende noções simplistas de consciência como um receptáculo passivo de conteúdo.

Após esboçar uma base dos conceitos da fenomenologia, Merleau-Ponty amplia a concepção da consciência do mundo, levando sua pesquisa a outro patamar. Compreendemos que a fenomenologia não se limita apenas ao mental ou à consciência; ela também existe de um ponto de vista corporal. Portanto, o corpo também representa uma intencionalidade; em outras palavras, o corpo é consciente. Ele apresenta uma série de tecnologias sensoriais, que são os nossos cinco sentidos: visão, audição, paladar, olfato e tato. Esses cinco sentidos se articulam com nossa mente para dar significado ao mundo.

A teoria do esquema corporal é implicitamente uma teoria da percepção. Nós reaprendemos a sentir nosso corpo, reencontramos, sob o saber objetivo e distante do corpo, este outro saber que temos dele porque ele está sempre conosco e porque nós somos corpo. Da mesma maneira, será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo. Mas, retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção. (Merleau-Ponty, 1999, p. 278)

O próprio Merleau-Ponty (1975, p. 279) introduziu a expressão "senciente" para descrever a consciência dos sentidos. Ele explora o enigma do corpo humano que é simultaneamente "vidente" (aquele que vê) e "visível" (aquele que é visto). O corpo tem a capacidade de observar o mundo ao seu redor e, ao mesmo tempo, pode se observar, reconhecendo-se como um objeto entre outros objetos. O corpo não apenas vê, mas também se vê vendo; não apenas toca, mas também sente-se tocando. Dessa forma, ele é ao mesmo tempo um sujeito ativo na percepção e um objeto passivo dessa mesma percepção.

O autor segue as ideias dizendo que o ponto acima é um primeiro paradoxo e enfatiza que o corpo é, ao mesmo tempo, um objeto entre outros objetos no mundo (visível e móvel) e um sujeito que percebe (vê e se move). Enquanto objeto, ele é parte da "contextura" do mundo. Entretanto, como sujeito perceptivo, ele organiza o mundo ao seu redor, integrando as coisas como extensões de si mesmo. O corpo, portanto, incorpora o mundo em sua própria definição. A visão e a percepção emergem do próprio meio das coisas, onde o corpo, sendo visível, também é capaz de ver. Este paradoxo ilustra a fusão contínua entre o senciente (aquele que sente) e o sentido (o que é sentido), onde a percepção e o mundo estão indissolivelmente entrelaçados.

E para chegarmos a uma conceituação de corporeidade, Merleau-Ponty (1999, p. 53) deixa as análises clássicas³⁴ da percepção e traz a perspectiva da análise desse corpo em movimento. Merleau-Ponty (1999, p.149) argumenta que o espaço do corpo e o espaço exterior formam um sistema prático. O espaço do corpo serve como base a partir da qual o espaço exterior pode se destacar, ou como um vazio onde os objetos aparecem como alvos de nossas ações. Ele afirma que a espacialidade do corpo se concretiza na ação, e que ao analisar o movimento em si, podemos entender melhor essa relação. Observando o corpo em movimento, percebemos mais claramente como ele habita o espaço (e o tempo). O movimento não apenas se ajusta ao espaço e ao tempo, mas os assume ativamente, resgatando seu significado original, que tende a se perder na rotina das situações cotidianas.

Os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais.

Esse conceito de percepção só é possível porque Merleau-Ponty (1999, p. 452) rompe com a noção de corpo-objeto, parte extrapartes e com as noções clássicas de sensação e órgãos dos sentidos como receptores passivos. Reforça que a teoria da percepção é fundada na experiência do sujeito encarnado, do sujeito que olha, sente e, nessa experiência do corpo fenomenal, reconhece o espaço como expressivo e simbólico.

[...]Entre minha consciência e meu corpo tal como eu o vivo, entre este corpo fenomenal e aquele de outrem tal como eu o vejo do exterior, existe uma relação interna que faz outrem aparecer como o acabamento do sistema. A evidência de outrem é possível porque não sou transparente para mim mesmo, e porque minha subjetividade arrasta seu corpo atrás de si[...] (Merleau-Ponty, 1999, p. 472)

Ousamos conceituar de forma palatável o que Merleau-Ponty define como corpo e corporeidade. Para ele, a corporeidade não reduz o corpo a um mero objeto secundário em relação à mente ou à consciência; ao contrário, reconhece o corpo como uma entidade dotada de capacidade sensório-motora, presente e atuante no mundo. O corpo não é simplesmente um objeto no mundo, mas se relaciona de maneira efetiva com ele, sendo mais

³⁴ Merleau-Ponty (1999, p. 53) argumenta que a discussão dos prejuízos clássicos foi conduzida até aqui contra o empirismo. Na realidade, não é apenas o empirismo que nós visamos. E preciso mostrar agora que sua antítese intelectualista situa-se no mesmo terreno que ele. Um e outro tomam por objeto de análise o mundo objetivo, que não é primeiro nem segundo o tempo nem segundo seu sentido; um e outro são incapazes de exprimir a maneira particular pela qual a consciência perceptiva constitui seu objeto. Ambos guardam distância a respeito da percepção, em lugar de aderir a ela.

do que uma ferramenta que sustenta a razão ou a consciência. Merleau-Ponty vê o corpo como uma forma de consciência inteligente, integrando todo o nosso aparato sensitivo e afetivo. Merleau-Ponty (1999, p. 203) ressalta que “a experiência do corpo nos faz reconhecer uma imposição do sentido que não é a de uma consciência constituinte universal, um sentido que é aderente a certos conteúdos”. Assim, ele propõe um deslocamento da visão tradicional da consciência – da interioridade para a corporeidade – destacando a corporeidade como reveladora da subjetividade humana.

[...] Temos a experiência de um mundo, não no sentido de um sistema de relações que determinam inteiramente cada acontecimento, mas no sentido de uma totalidade aberta cuja síntese não pode ser acabada. Temos a experiência de um Eu, não no sentido de uma subjetividade absoluta, mas indivisivelmente desfeito e refeito pelo curso do tempo [...] (Merleau-Ponty, 1999, p. 296).

Uma das discussões que surgem na abordagem fenomenológica é sobre o ato de pintar. Que para nossa compreensão pode ser esboçada como um exemplo. Merleau-Ponty (1975, p.278) argumenta sobre a experiência do pintor Cézanne é a reflexão do próprio artista sobre sua atitude ao pintar. De fato, não é possível imaginar um espírito pintando. Ao emprestar seu corpo ao mundo, o pintor transforma o mundo em pintura. Para entender essas transsubstanciações, é necessário redescobrir o corpo operante e atual, que não é apenas um pedaço de espaço ou um conjunto de funções, mas um entrelaçamento de visão e movimento.

Nessa perspectiva, sugere que nossa experiência do mundo é mediada de maneira essencial pelo nosso corpo, que não só sente e age, mas também pensa e compreende. E o movimento é fundamental na intencionalidade desse corpo. Pois o curso do tempo remete ao movimento ao deslocar-se desse corpo para a percepção desse mundo.

Depois de explorarmos algumas concepções históricas e filosóficas sobre a construção do corpo no Ocidente e mergulharmos na fenomenologia para entender o corpo em sua ampliação para a teoria da corporeidade, o terceiro capítulo será voltado à análise do corpo e da corporeidade no livro *O Avesso da Pele*. Rememorando que nossos questionamentos da pesquisa são: quais elementos nos personagens podem contribuir para a reprodução da reificação social, manifestada corporalmente? E em que medida esses personagens podem evidenciar uma dimensão de corpo cuja expressividade ultrapasse as normas moralmente impostas e subordinadas às relações de poder sobre o corpo?

3. O AVESSO DA PELE E SEUS CORPOS

Neste capítulo, nosso objetivo é analisar a relevância da palavra "corpo" em diversos contextos no livro *O avesso da pele*, escrito por Jeferson Tenório. Pretendemos traçar uma reflexão histórico-filosófica sobre o uso e a contextualização dessa palavra ao longo da obra. A narrativa do livro em pesquisa, apresenta uma linguagem acessível, o que facilita tanto a leitura quanto a interação com o leitor. No entanto, quando o autor introduz a palavra "corpo", evidenciamos um entrelaçamento de complexidades filosóficas e sociais. O texto aborda de maneira envolvente os afetos de pessoas em sua maioria negras, cuja influência se manifesta nos corpos das personagens, permeando suas interações cotidianas.

3.1 Personagem Henrique - Um corpo que não para de morrer

Abrimos nossa análise como o narrador personagem dentro do apartamento do seu pai, esse já falecido e enterrado. Seu pai não foi muito presente em sua vida. E nas primeiras páginas da narrativa, Pedro fala:

[...] Hoje, prefiro pensar que você partiu para regressar a mim. Eu não queria apenas a sua ausência como legado. Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste. E apesar de tudo nessa casa, nesse apartamento, você será sempre um corpo que não vai parar de morrer. Será sempre um pai que se recusa a partir. Na verdade você nunca soube ir embora. [...] (Tenório, 2020, p. 13).

Lembramos que Pedro, o narrador que fala sobre esse corpo, essa memória afetiva do pai. O narrador traz a ideia da presença contínua do pai falecido, destacando como a falta pode ser transformada em uma forma dolorosa e persistente de presença. O luto é uma experiência viva e constante, onde a memória do pai se recusa a partir, permanecendo como um "corpo que não vai parar de morrer". Essa exposição sugere uma inter-relação consecutiva entre a ausência física e a presença emocional e psicológica, onde a perda não é um evento final, mas um processo contínuo.

Na perspectiva da consciência fenomenológica, oferece uma estrutura útil para entender essa experiência. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 15), a consciência não é apenas um receptáculo passivo, mas um agente ativo que constrói e interpreta o mundo ao seu redor. Na experiência do narrador Pedro, que lida com a perda, que também está em luto a sua consciência está ativamente engajada em manter a presença do pai através da memória e da interpretação

contínua dessa ausência. A presença do pai é continuamente "moldada e sendo moldada" pela experiência perceptiva e emocional do sujeito, tornando-se um fenômeno dinâmico e complexo. Pedro entra no mundo do pai, representado pelo o apartamento, levando essa interação entre a consciência e os objetos que o circundam, fazendo essa leitura dessa consciência desse mundo sensível.

Na análise platônica dos dois reinos – o mundo sensível e o mundo das formas – também pode ser aplicada. O pai falecido de Pedro, no mundo sensível, deixou de existir fisicamente. No entanto, no "mundo das formas", ele persiste como uma ideia ou uma forma eterna na mente e no coração do sujeito. Para Platão (1965, p. 188), o verdadeiro conhecimento e a realidade mais elevada são encontrados no mundo das formas, que é eterno e imutável. Assim, a memória do pai, apesar de sua ausência física, adquire uma espécie de imortalidade no mundo das ideias e emoções do sujeito. O pai, como uma forma, prossegue a existir de maneira transcendente, eternizada na memória e na consciência do filho.

Sob a perspectiva da fenomenologia, a consciência do sujeito se engaja ativamente com a memória do pai, sustentando-se presente de maneira ativa e contínua. No aspecto platônica, essa memória transcende a existência física, situando-se no reino das formas eternas. Assim, a análise histórico-filosófica dessas citações manifesta-se uma interseção profunda entre a experiência subjetiva da perda e as estruturas filosóficas da percepção e da realidade.

A ausência e a memória do corpo de Henrique, de forma consciente, moldam e são moldadas pelas experiências de Pedro, transformando a ausência física em uma presença contínua em sua vida. Ao analisarmos essas dinâmicas, percebemos que tanto a ausência quanto a memória não representam apenas vazios, mas potências criativas que reafirmam a complexidade e a profundidade da experiência humana.

A próxima citação aborda o corpo em relação ao personagem Henrique em um momento de recordação. Henrique, professor de uma escola pública em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, relembra uma situação em que se aproximou de um aluno que aparentava não estar passando bem. Nesse instante, “o menino projeta o corpo para frente e vomita em cima de você” (Tenório, 2020, p. 15).

[...] Nesse momento, você recorda das vezes em que teve ânsia de vômito na escola. Foram muitas, aliás. O estômago sempre foi a parte mais sensível do seu corpo. Quando você tinha doze anos sentiu, pela primeira vez, aquilo que anos mais tarde você aprenderia a chamar de ansiedade. No início era apenas um incômodo, mas logo surgiu um sudor nas mãos, os tremores, os calafrios e por fim a náusea [...] (Tenório, 2020, p. 15-16).

Seguindo, será apresentada uma outra citação do livro que corrobora com essa mesma ideia. A citação surge em um contexto narrativo imediatamente posterior a um episódio de conflito familiar ocorrido na casa de Henrique, quando ele tinha apenas 12 anos. Durante esse evento, seu tio Zé Carlos, policial civil, disparou um tiro no assoalho da cozinha após discutir com sua esposa. Após o incidente, Henrique foi para a escola, onde seu professor de Ciências mencionou: "o sol iria explodir dali a alguns tantos bilhões de anos" (Tenório, 2020, p. 16). A narrativa prossegue:

[...] Seu corpo estremeceu quando você soube que o fim do mundo era real. Então você passou semanas sofrendo pela humanidade, pelos astros, pelos planetas e pelo sistema solar. Você passou a sofrer por aqueles que viriam depois, sofreu antecipado por todas as gerações seguintes. A morte tomou um contorno cósmico e assombroso para o qual você não estava preparado[...] (Tenório, 2020 p. 16).

Nas citações, o narrador Pedro descreve a experiência da ansiedade que manifestar-se fisicamente no corpo, através de náusea, suores nas mãos, tremores e calafrios, sofrimento pela humanidade, pelos astros, planetas e sistema solar. Essas sensações físicas são inerentes da experiência emocional e psicológica da ansiedade. Desde jovem, Henrique aprende a reconhecer e nomear essa sensação como ansiedade, mas sua primeira interação com ela é profundamente corporal.

Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 497), a percepção é um acontecimento da corporeidade e, como tal, é fundamental para a existência. Ele argumenta que “das coisas ao pensamento das coisas, reduz-se a experiência”, ressaltando que a percepção não é simplesmente uma representação mental, mas um processo intrinsecamente ligado ao corpo. O corpo é o meio pelo qual experimentamos o mundo e damos sentido às nossas experiências. Isso reflete diretamente na descrição de Pedro na narrativa, onde a experiência da ansiedade é sentida e compreendida através das reações do corpo.

As citações em análise, alinham-se com a ideia de que o corpo e a mente não são entes separados, mas estão intrinsecamente integrados. A ansiedade não é apenas um estado mental; é vivida através das reações físicas do corpo. A percepção e a interpretação dessa experiência são moldadas pela corporeidade do sujeito. A náusea, os suores e os tremores são mais do que sintomas físicos; são manifestações da existência do sujeito em sua totalidade, onde corpo e mente se entrelaçam.

A experiência do sujeito com a ansiedade pode ser entendida como uma manifestação da filosofia de Merleau-Ponty (1999). A percepção da ansiedade é um evento da corporeidade, onde o corpo não apenas sente, mas interpreta e dá sentido à experiência. A corporeidade, nesse

sentido, é o campo criador de sentidos, onde a existência é vivida e compreendida através desse fenômeno.

Continuando nossa análise, Henrique, aos 19 anos, é chamado para uma entrevista de emprego. Bruno, homem branco e proprietário de um escritório de advocacia é o responsável pela entrevista. Depois que Bruno percebeu certa subserviência de Henrique, pois este não conseguia olhá-lo nos olhos, falou que não gostava de negros, e de forma persistente, repetiu a frase. A narração segue:

[...] Até aquele momento você nunca havia sofrido racismo, assim, tão descaradamente, não que você se lembre. Mas você não se chocou, pois uma espécie de inércia tomou conta de seu corpo, você não sabia reagir. Na época, você nem sabia muito bem o significava ser negro. Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada. Naquele momento você era apenas um corpo negro. Mas no fundo sabia que estava diante de um escroto [...] (Tenório, 2020, p. 20 e 21).

A citação descreve a experiência subjetiva de um indivíduo negro diante do racismo, ressaltando um momento de inércia e confusão, onde a consciência racial ainda não está plenamente formada. Nesse andamento, o indivíduo se vê diminuído a "apenas um corpo negro," carente de uma compreensão mais ampla sobre sua própria identidade racial ou sobre os sistemas de opressão que o cercam. Essa desumanização e alienação são decisivas para entender a construção da identidade racial e os impactos do racismo na formação dos indivíduos negros.

Recorremos às ideias de Karl Marx (2004, p. 83), em sua reflexão sobre o trabalho e a necessidade acendida pelo capitalismo. No sistema capitalista, o homem precisa ser útil ao sistema, vendendo sua força de trabalho, o que procede em sua desumanização e alienação. O trabalhador se torna uma mercadoria, um objeto cuja força de trabalho é utilizada para originar o lucro para os proprietários dos meios de produção. Essa transformação do corpo em um instrumento do capitalismo se manifesta nas relações de poder entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores.

A passividade de Henrique, sua hesitação em confrontar o empregador olho a olho, evidencia de forma clara essa dinâmica exploratória em que Henrique é apenas mais um empregado, um corpo sujeito às relações meramente financeiras e de poder.

No fragmento do romance, a desumanização ocorre através do racismo, mas ao mesmo tempo uma desumanização potencializada pelas relações de trabalho e econômicas, onde o indivíduo negro é reduzido a um corpo objeto. Antes de tomar consciência da sua negritude e das dinâmicas de opressão racial, o indivíduo experimenta uma forma de inércia, onde a

identidade é imposta externamente. Já para o filósofo, a alienação ocorre através do capitalismo, onde o trabalhador é reduzido a um vendedor de sua força de trabalho, alheio ao produto de seu trabalho e ao processo produtivo como um todo.

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalhador não produz somente mercadorias, ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isso na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (Marx, 2004, p. 80, grifo do autor).

A citação em análise, foca na identidade racial, destacando a importância da conscientização sobre o racismo e a negritude para superar a inércia inicial. Por sua vez, a outra perspectiva aborda a identidade de classe, onde a consciência de classe emerge quando os trabalhadores reconhecem sua posição dentro das relações de produção capitalistas.

Evidenciamos uma relação de poder dupla tanto racial como econômica, marcada pela supremacia branca que domina e desumaniza os corpos negros. As violências simbólica e física sustentam essa relação de poder. A relação de poder é econômica, com a burguesia (donos dos meios de produção) dominando e explorando o proletariado (trabalhadores). A força de trabalho é mercantilizada e utilizada para gerar lucro para a classe dominante.

Ao refletir sobre a relação do corpo com o trabalho e a necessidade gerada pelo capitalismo, podemos expandir essa análise para incluir as dinâmicas raciais. Henrique fica imóvel, não sabe reagir a uma ofensa racista direta. Assim, a desumanização e a alienação se mostram como fenômenos que afetam indivíduos de maneiras complexas e interseccionais. Portanto, podemos perceber várias formas de opressão e exploração que podem desumanizar os indivíduos, seja através de relações raciais ou econômicas.

Na perspectiva de Foucault, o corpo está profundamente imerso em um campo político, onde as relações de poder o investem, marcam e dirigem. Essas relações exigem sinais, cerimônias e sujeitam o corpo a trabalhos e dominação. Ele argumenta que o corpo só se torna uma força útil quando é tanto produtivo quanto submisso, destacando a interdependência entre a utilidade econômica e a submissão política.

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; [...] o corpo só se torna força

útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso [...] (Foucault, 1991, p. 28).

A inércia sentida por Henrique é uma manifestação do controle e da dominação. A incapacidade de reagir não é apenas um resultado da surpresa ou falta de experiência, mas uma consequência direta do investimento político do corpo, que é condicionado a uma certa submissão e passividade diante da violência e discriminação. Foucault (1991, p. 28) enfatiza que “essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia [...] pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser útil [...]”.

Além disso, o emprego econômico do corpo como força de produção repercute com a ideia de que o corpo negro, na sociedade racista, é visto e tratado não apenas como um ser humano, mas como uma entidade economicamente útil ou socialmente marginalizada. Essa marginalização avigora a dominação e a submissão, impedindo que o corpo negro se mova livremente ou reaja contra a opressão.

Segundo Mbembe (2014, p. 148), na democracia liberal, a igualdade formal pode ser insuficiente para superar o preconceito historicamente enraizado. Após a alforria dos escravizados, o antigo opressor frequentemente mantém uma postura de desprezo em relação àqueles que, por tanto tempo, foram colocados em posição de inferioridade. Essa igualdade formal, sem a desconstrução efetiva do preconceito, permanece ilusória, funcionando apenas como uma aparência que não altera as estruturas de exclusão e discriminação.

Assim, a análise revela que as relações de poder não apenas afetam a forma como os corpos são percebidos, mas também como eles são capazes de agir e reagir. A experiência passada por Henrique elucida essa realidade: um corpo negro que, em uma ocasião de discriminação, se vê imobilizado pela internalização das dinâmicas de poder e racismo. E isso, ajuda a entender que essa imobilização não é um fenômeno isolado, mas parte de um sistema maior de controle e dominação que transforma o corpo em um objeto político e econômico.

Outra referência teórica que podemos utilizar para analisar o corpo de Henrique, paralisado ao se defrontar com o racismo, é Fanon.

Àquela altura, desorientado, incapaz de sair por ai com o outro, o branco implacável que me aprisionava, fui para longe da minha própria presença, muito longe, e me fiz objeto. O que mais seria isso pra mim, se não um descolamento, uma extração, uma hemorragia que fazia sangue negro coagular por todo meu corpo? Mesmo assim, eu não queria essa consideração, tematização. Queria simplesmente ser um homem entre os outros homens. [...] (Fanon, 2020, p. 128).

O autor revela uma alienação e a objetificação sofridas pelo sujeito negro. O autor fala de um estado de "desalojamento" e "extirpação", onde o indivíduo se distancia de sua própria presença autêntica devido à opressão racial. Essa alienação é dolorosa, comparável a uma "hemorragia" que mancha o corpo negro, simbolizando o sofrimento infligido pelo racismo. No entanto, o autor também expressa um desejo profundo de ser simplesmente um ser humano entre outros.

E sobre a parte final da citação, Tenório (2020, p. 20 e 21) “Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude [...]. Mas no fundo sabia que estava diante de um escroto [...]”. Fanon (2020, p. 132) aborda o impacto do racismo de uma perspectiva mais analítica e psicanalítica. Ele descreve a raiva e o ódio que sentia, não como uma emoção isolada dirigida por indivíduos, mas como um sentimento coletivo e irracional dirigido a ele por uma sociedade inteira. Ressalta ainda, que o contato com o irracional – neste caso, o ódio racial infundado – é profundamente perturbador para alguém que confia na razão como arma principal. Ele sugere que a irracionalidade do racismo é algo que traumatiza e neurotiza, pois é impossível de compreender ou justificar racionalmente. Mesmo na ignorância de Henrique não tendo conceitos plenamente formados da sua identidade negra, da importância em um primeiro momento da negritude, ele sabe que o comportamento de racista de Bruno é irracional, ele simplesmente acho “escroto” essa atitude.

Fanon expande a análise para um contexto mais amplo, mostrando como o racismo afeta a psique de forma profunda e duradoura. Percebemos a impotência e a frustração diante do ódio irracional. Essas reflexões destacam diferentes aspectos do impacto psicológico do racismo: o momento do encontro inicial com o preconceito, onde a vítima ainda não possui as ferramentas conceituais para compreender a agressão, e a percepção mais madura e analítica de como o racismo opera de maneira insidiosa e destrutiva.

Seguindo nossas análises, o narrador Pedro, lembra de um dos conselhos dado pelo seu pai Henrique. Pedro quando criança, não entendia muito bem o que pai queria dizer, mas depois de mais velho ele passa a entender a complexidade das palavras do pai. “[...] No entanto, agora eu sei que você estava me preparando [...]” (Tenório 2020, p. 61). Eram momentos profiláticos para um homem negro viver numa sociedade racista.

[...] Você sempre dizia que os negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida esteja medida pela cor, por mais que as atitudes e modos de viver estejam sob esses domínios, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não encaixa

nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantem vivos [...]. (Tenório, 2020, p. 61).

Mbembe (2014, p. 75 -76), questiona: “mas o que devemos entender como “negro”? Ele analisa a palavra “negro” como uma construção social e fenomenológica imposta pelo Ocidente e outras partes do mundo. Ele argumenta que esse termo não reflete uma realidade intrínseca, mas sim uma série de estereótipos e preconceitos historicamente enraizados que desumanizam e reduzem a complexidade dos indivíduos negros a características físicas e sensoriais específicas. Essa visão destaca como a identidade negra é moldada externamente, antes mesmo de qualquer interação com o capitalismo emergente dos séculos XV e XVI.

Podemos dizer que Tenório e Mbembe ressaltam a tensão entre a construção externa da identidade negra e a resistência interna a essas imposições. Enquanto Mbembe descreve como o termo “negro” é carregado de estigmas e construções sociais que tentam desumanizar, a personagem Henrique apresenta uma resposta a essa desumanização através da preservação de um espaço interno de afeto e identidade que transcende essas definições externas.

Henrique, ao abordar a humanidade e a subjetividade, complementa a reflexão de Mbembe sobre o que significa ser “negro” além das definições impostas. Mbembe questiona essas limitações, sugerindo a existência de uma humanidade prorrogada que transcende os estereótipos. Henrique ilustra como, mesmo diante das tentativas externas de definir e restringir, persiste uma subjetividade interna que resiste, preservando a vida por meio dos afetos.

Em contraste, Fanon apresenta um retrato mais pessimista, no qual a interioridade também está profundamente afetada pelas dinâmicas do racismo, sendo difícil alcançar um estado de verdadeira liberdade emocional.

A questão é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo que tanto o aproxima do comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva por se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confinam em um insularidade intolerável. [...]Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro tentará alcançar o santuário branco. A atitude refere à intenção (Fanon, 2020, p. 65-66).

Fanon apresenta um diagnóstico psicológico do impacto do racismo sobre a psique negra. Ele descreve como o negro, ao internalizar os valores e padrões da branquitude, vive uma dualidade: um desejo de alcançar o "santuário branco" e a frustração diante de uma rejeição sistêmica. Esse processo gera uma exacerbação afetiva, uma raiva e uma incapacidade de

comunhão que isolam o indivíduo. Essa situação é um sintoma da alienação racial, onde o negro é confinado a um lugar de inferioridade e luta para se livrar do peso do olhar do outro.

Pode-se considerar que o que Henrique chama de "afeto" é, de certa forma, o espaço onde a subjetividade negra pode resistir à alienação descrita por Fanon. Preservar esse "avesso" pode ser interpretado como uma tentativa de proteger aquilo que Fanon identifica como ameaçado: a capacidade de comunhão e a autenticidade emocional. Assim, enquanto Fanon oferece uma análise crítica do problema, Henrique propõe ao filho Pedro, uma estratégia de resistência, mesmo que simbólica, para enfrentar a desumanização racial.

A próxima citação sobre corpo, aparece depois de uma série de dificuldades no casamento dos pais de Henrique. Eles se separam e sua mãe tem a responsabilidade de trabalhar e cuidar dele, uma criança com menos de um ano de idade. Logo, Henrique é colocado em uma creche.

[...] Toda sua vida se resume naquele pedaço de seu corpo que agora grita. Na hora você não sabia, mas mais adiante saberá que aquela dor foi provocada. Saberá que as professoras da creche prenderam seus dedos apenas por maldade. Queriam ver até onde você aguentava. E no fim, também mais adiante, encontrará pessoas dispostas a saber até onde você vai. Até onde você suporta [...]. (Tenório, 2020, p. 70)

Um corpo que grita de dor. Voltamos as ideias de Foucault (1991, p. 34) sobre suplício, que é uma pena corporal de dor inexplicável. Remetemo-nos à barbárie e à tortura, à arte de torturar, de medir quantidade de sofrimento, e isso se torna mais cruel quando se trata de criança com menos de um ano de idade.

Com base em Foucault (2001, p. 15), revela-se uma visão de herança como um legado de instabilidade e falhas, o que pode ser diretamente relacionado ao processo de herança sofrido pelos negros devido à escravidão. Esta "perigosa herança" não se configura como um bem acumulado, mas sim como um conjunto de cicatrizes históricas, sociais e econômicas resultantes de gerações de opressão, violência e desumanização. Mas qual o motivo dessa agressão sofrida por Henrique enquanto criança? Em um primeiro momento, o narrador não compreende; somente no decorrer da narrativa fica subentendido que aquela dor foi provocada. E por que foi provocada? De acordo com uma das temáticas do livro *O avesso da pele*, que trata do racismo no Brasil, podemos relacionar que a escravidão deixou marcas profundas, criando uma herança de desigualdade e injustiça que continua a impactar as gerações seguintes. Henrique era uma criança preta na creche; qual a justificativa dessa tortura? Um descendente negro, mesmo sendo uma criança, pode ser torturado. Começa-se o processo de controle do corpo por uma punição provinda de uma herança.

Fanon (2020, p. 201) contribuiu com essa ideia ressaltando que as dinâmicas raciais na Europa, destaca como o homem negro é relegado a um papel simbólico que vincula estereótipos e preconceitos fortemente enraizados no inconsciente coletivo do homem ocidental. Na Europa, o negro é repetidamente associado a tudo que é considerado inferior, mal e indesejável. A cor negra é simbolicamente carregada com acepções negativas, representando o mal, o pecado, a miséria, a morte, a guerra e a fome. Essa constituição simbólica não é apenas uma abstração cultural, mas tem consequências reais e palpáveis para os indivíduos negros, que são desumanizados e marginalizados com base nesses estereótipos. Essa visão alterada reforça uma divisão racial que justifica a opressão e a exclusão social dos negros, alimentando um ciclo contínuo de discriminação e desigualdade, que se dá na figura nas figuras das professoras que dão a entender que internalizaram esse processo patológico de superioridade branca que oriunda desse pensamento europeu.

Fanon (2020, p. 159) oferece outra leitura desse processo de quando a criança negra sai de sua casa, de seu lar cercado pelos seus semelhantes e penetra em uma nova instituição. Ele argumenta que uma criança negra, mesmo crescendo em uma família amorosa e normal, é transformada em algo "anormal" ao entrar em contato com o mundo branco. Esse contato é permeado por estereótipos e preconceitos.

A próxima citação em análise é o momento do assassinato brutal de Henrique. Para ampliarmos a análise dessa citação é importante contextualizar, a situação que a precede. O capítulo do livro que Henrique morre, chamasse *A barca*, que é uma gíria, apelido utilizados por moradores de periferias e favelas que faz referência a viaturas policiais e que praticamente, vem da referência da mitologia grega: “[...] O barqueiro Caronte aguardava na margem e só aceitava a bordo da sua barca os mortos que tivessem sido sepultados[...]” (Pouzadoux, 2001, p. 26). Enfim a barca é responsável por matar, levar os mortos. Maicon, um policial desse grupo foi assassinado, e um outro policial desse mesmo grupo, vem tendo sonhos: “[...] É a terceira noite seguida que ele sonha a mesma coisa: o apartamento sendo invadido por homens negros.” (Tenório, 2020, p. 166)

Henrique, depois de ter dado uma de suas melhores aulas de literatura dos últimos tempos, sai exultante da escola de período noturno. Logo em seguida, leva mais uma abordagem policial em sua vida.

[...] Então, você abriu a pasta, ignorando os gritos do policial, os gritos de *larga a pasta, porra*. Você ignorou porque agora era sua vez. Era sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta. O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras

dores que tocaram seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele, pelo policial que vinha tendo pesadelos com homens negros invadindo a sua casa [...] (Tenório, 2020, p. 177, grifo do autor).

Na citação do romance, vemos Henrique desafiando o comando policial ao abrir a pasta, um ato que desencadeia uma resposta violenta do policial. Esta passagem é marcada pelo medo e preconceito racial, evidenciado pelos pesadelos do policial com homens negros invadindo sua casa.

Assim, a nossa leitura gira em torno do suplício e como castigo corporal eram utilizados como instrumentos de poder e controle social. A referência a seguir elucida a ideia de que o suplício deve ser marcante e inesquecível para a vítima, gravando no corpo dela os sinais da punição:

[...] o suplício faz parte de um ritual. É um elemento na liturgia punitiva, e que obedece a duas exigências. Em relação à vítima, ele deve ser marcante: destina-se, ou pela cicatriz que deixa no corpo, ou pela ostentação de que se acompanha, a tornar infame aquele que é sua vítima; o suplício, mesmo se tem como função ‘purgar’ o crime, não reconcilia; traça em tomo, ou melhor, sobre o próprio corpo do condenado sinais que não devem se apagar; a memória dos homens, em todo caso, guardará a lembrança da exposição, da roda, da tortura ou do sofrimento devidamente constatados [...] (Foucault, 1991, p. 34-35, grifo do autor).

A ação de Henrique ao abrir a pasta, desconsiderando os gritos do policial, pode ser visto como um momento de resistência, onde ele tenta reverter a dinâmica de poder, assumindo um papel ativo. No entanto, essa resistência é rapidamente eliminada pelo uso da força letal, caracterizando o suplício.

Os tiros que Henrique recebe, especialmente o terceiro, dado pelo policial atormentado por pesadelos com homens negros, elucidam o uso da violência como um instrumento para marcar o corpo da vítima. Essa marca não é apenas física, mas também simbólica, uma lembrança permanente do controle estatal e da punição infligida.

Os pesadelos do policial com homens negros invadindo sua casa cogitam um medo racial profundamente enraizado, que alimenta e explica a violência policial. O livro *Vigiar e Punir* não aproxima diretamente do racismo, mas sua crítica do poder e do controle social pode ser aplicada para entender como o racismo e perpetua certas práticas punitivas.

O suplício de Henrique não só procede em dor física, mas também em uma infâmia que transcende seu ato de resistência. A brutalidade da polícia, ao ser exposta e lembrada, avigora essa submissão. A memória dessa violência se torna um instrumento de controle social, mantendo a ordem através do medo.

Sob as ideias de Mbembe (2018, p. 29), podemos compreender que a violência policial contra a população negra, reflete o legado do terror colonial, perpetuando um imaginário construído historicamente, que associa corpos negros a uma condição de ameaça ou subalternidade. Essa lógica de opressão, conforme indicado na citação, não segue normas legais ou institucionais rígidas, mas opera por meio de um sistema simbólico que normaliza práticas violentas. A construção de ficções que desumanizam a população negra, ao posicioná-la como inimiga em um suposto "estado de guerra", legitima o uso desproporcional da força, contribuindo para a reprodução de um racismo estrutural. Assim, a violência policial torna-se mais do que um ato isolado; é a materialização contemporânea de um terror colonial que transforma narrativas ficcionais em realidades opressoras.

Na perspectiva de Fanon (2020, p.177), o negro é atingido através de sua corporeidade. O ato de linchamento, ou neste caso, o extermínio, é dirigido ao corpo negro, tendendo não apenas causar dor física, mas também reforçar a subjugação e a desumanização do indivíduo. Henrique, ao ser alvejado, é reduzido a um alvo físico para a expressão da violência racial.

Os pesadelos do policial, onde ele vê homens negros invadindo sua casa, exemplificam a fobia do preto que Fanon (2020, p. 178) menciona: “Ter fobia no negro é ter medo do biológico. São animais. Vivem nus. E só Deus sabe...[...]”. Esta fobia não é apenas um medo do indivíduo negro, mas sim um medo do que ele representa biologicamente. Para o policial, os homens negros não são vistos como seres humanos completos, mas como ameaças biológicas³⁵ que precisam ser controladas ou suprimidas. Essa desumanização é comprovada quando Henrique é alvejado, não como um ser humano com direitos e dignidade, mas como uma ameaça a ser neutralizada.

Os pesadelos recorrentes do policial com homens negros invadindo sua casa revelam um medo racial profundamente enraizado. Esse medo é irracional e alimentado por estereótipos e preconceitos, identificado como uma forma de desumanização. O policial projeta seus medos e inseguranças sobre os homens negros, vendo-os como ameaças biológicas que devem ser eliminadas. Isso justifica, em sua mente, a violência extrema usada contra Henrique.

Formou-se nas profundezas do inconsciente europeu um recôncavo excessivamente negro, onde repousam as pulsões mais imorais, os desejos menos confessáveis. E

³⁵ Toda aquisição intelectual exige uma troca perda do potencial sexual. O branco civilizado preserva a nostalgia irracional de épocas extraordinárias de desregramento sexual, espetáculos orgíacos, estupros impunes, incestos irrefreados. Essas fantasias, em certo sentido, respondem ao instinto vital de Freud. Projetando suas intenções no negro, o branco se comporta “como se” o negro realmente as tivesse. Quando se trata do judeu, o problema é evidente: desconfia-se dele porque quer possuir as riquezas ou se instalar nos postos de comando. O negro, por outro lado, está fixado no genital; ou, pelo menos, foi onde o fixaram. Dois domínios: o intelectual e o sexual. (Fanon, 2020, p. 178)

como todo homem se eleva em direção à brancura e à luz, o europeu quis rejeitar este incivilizado que tentava se defender. Quando a civilização europeia entrou em contato com o mundo negro, com esses povos selvagens, todo o mundo concordou: esses pretos eram o princípio do mal (Fanon, 2020, p. 201).

A colonização violenta, assinalada pela subjugação do negro e pelas múltiplas perversidades impostas, deixou marcas profundas no inconsciente coletivo que transcendem as fronteiras europeias. Esse legado colonial, sustentado por práticas disciplinadoras e punitivas, contribuiu para a internalização de um imaginário social que associa a negritude à criminalidade e à subordinação. Esse tipo de pensamento, enraizado no inconsciente, revelar-se de maneira concreta na conduta de policiais em contextos pós-coloniais, onde as práticas de violência e controle se perpetuam como reflexo das dinâmicas de poder estabelecidas durante a colonização.

A resistência de Henrique, ao abrir a pasta, é brutalmente suprimida pela violência policial, que é tanto uma expressão de poder quanto de medo irracional. A desumanização do corpo negro é evidente na maneira como Henrique é tratado como uma ameaça biológica e não como um ser humano. A violência física infligida a ele é uma tentativa de reimpor a ordem racial e manter o controle social, perpetuando o ciclo de opressão e subjugação dos negros.

Ao realizar uma leitura conclusiva sobre a personagem em análise, podemos identificar um corpo que “não vai parar de morrer”, marcado pela ansiedade, imaturidade e dificuldade em compreender plenamente um ato racista escancarado, mas que, em seu íntimo, reconhece a natureza "escrota" desse ato. É um corpo que carrega as cicatrizes de uma violência colonial incalculável, que morre em ato de resistência e que está exausto de ser subjugado. “[...] E creio que um homem que se posiciona contra essa morte é, de certo modo, um revolucionário [...]” (Fanon, 2020, p. 236). Henrique, por meio de sua expressividade corporal e de seus posicionamentos, representa um corpo inquieto e sensível, que superou as barreiras social e moralmente impostas.

3.2 Martha – corpo e salvo conduto

Martha, uma mulher negra, foi casada com Henrique, com quem teve um filho, Pedro, o narrador de *O Avesso da Pele*. Sua trajetória é marcada por intensos dramas pessoais que não apenas refletem a narrativa quase auto ficcional do romance, mas também dialogam com as vivências e os desafios históricos enfrentados por mulheres negras. A representação de Martha

evidencia os impactos do racismo e da interseccionalidade de opressões que atravessam os corpos e as subjetividades dessas mulheres na sociedade brasileira.

A infância de Martha é apresentada de forma sucinta e marcada por eventos traumáticos: “a mãe dela morreu atropelada. “É tudo que sei é que ela estava bêbada, às três da manhã, caminhando no meio-fio de uma rua na Cidade Baixa de Porto Alegre [...]” (Tenório, 2020, p. 40). Poucos meses após a morte da mãe, seu pai faleceu devido a um ataque cardíaco fulminante. Aos dez anos, Martha já era órfã e responsável por cuidar de três irmãos mais novos. A família passou a viver com uma tia em uma quitinete apertada, mas, aos 12 anos, Martha foi adotada por Madalena, amiga de sua tia. Apesar de sua nova realidade, as adversidades da infância deixaram marcas profundas em sua constituição socioemocional. Pedro, o narrador, demonstra empatia ao argumentar que não culpa sua mãe pelos desafios afetivos que ela carrega, reconhecendo as lacunas e os traumas de sua trajetória.

Embora a história de Marta tenha um início marcado por eventos dramáticos, a primeira menção ao seu corpo é permeada por uma interação afetiva com o ambiente marinho. Madalena, sua mãe adotiva, conduz Marta para residir em um morro com vista para o mar, o que sugere uma conexão simbólica entre o corpo e a paisagem natural.

[...] Entretanto, quando minha mãe levantava os olhos e percebia a vista, quando pela manhã, lá de cima do morro, olhava para o mar, seu corpo era invadido por uma espécie de plenitude. Algo que ela ainda não havia experimentado. O mar como remédio. É com ele que minha mãe irá conversar pelos próximos anos. A proximidade com o mar será uma condição de seguir, embora ela não soubesse [...] (Tenório, 2020, p.43).

Na citação, podemos perceber uma relação simbólica entre Martha e o espaço natural, representado pelo mar. Marta, ao contemplar a vista do alto do morro, experimenta uma sensação de perfeição inédita, diferentemente da sua triste vida. O mar é descrito como um remédio, uma metáfora que aponta para seu papel terapêutico e transformador. A proximidade com o mar, mesmo sem plena consciência disso, torna-se fundamental para a continuidade da sua vida. Essa conexão sugere uma dimensão afetiva, na qual a paisagem natural atua como elemento regenerador, permitindo que a personagem estabeleça um diálogo existencial com sua realidade.

Fanon (2020, p. 153) ao refletir sobre a experiência do racismo, descreve a imposição simbólica de uma amputação identitária, comparando-a à aceitação resignada de uma deficiência física. No entanto, ele rejeita essa limitação com vigor, reivindicando para si uma

existência marcada pela profundidade e pela vastidão, afirmando-se como uma dádiva, ainda que a sociedade espere dele uma postura de humildade associada à condição de subalternidade.

A personagem Martha, sendo analisada a luz de Fanon, desponta um diálogo profundo entre os temas de resistência, transcendência e condição humana. Martha é uma figura cheias de traumas, mas que encontra no mar um refúgio e uma cura. O mar, descrito como remédio, torna-se símbolo de conexão e força, oferecendo à personagem uma plenitude inédita, ainda que ela não compreenda inteiramente a dimensão transformadora dessa proximidade.

Essa questão da “eu sou a dádiva”, que Fanon cita, ecoa como uma exigência de dignidade e profundidade humanas, contrapondo-se à “humildade dos enfermos” recomendada por uma sociedade colonizadora e racista. Assim como o mar expande a alma de Martha, Fanon evoca uma alma “tão vasta quanto o mundo”, transcendendo as mutilações impostas pelo racismo. Essa potência dialoga diretamente com o que o mar representa para Martha: a possibilidade de transcender os limites de um corpo e uma história marcados pelo sofrimento, de se reconectar com algo maior e afirmar a si mesma, ainda que de maneira silenciosa.

Seguindo as citações da personagem, Martha na sua adolescência já havia recebido alguns adjetivos relacionados a sua pessoa, primeira ela era Martha, depois Marthinha e agora tinha recebido um novo que era “negra”, e assim segue:

[...] Era o tempo em que as praias se enchiam de turistas. Minha mãe estava com treze anos quando escutou um homem que tinha idade para ser seu avô dizer que ela era uma mulatinha muito gostosa. E, ao ouvir aquilo, minha mãe se assustou, porque jamais tinha sido chamado assim. Achou nojento, nunca tinha pensado que seu corpo sua pele pudessem atrair a atenção dos homens daquela forma. E assim ela ganhava outros adjetivos que carregaria pelo resto da vida: “mulatinha”. E nessa época ela percebeu que seus seios ganharam massa, suas pernas e bunda também, como se uma espécie de fermento fizesse seu corpo crescer alheio a sua vontade, e minha mãe não sabia muito bem o que fazer. Então, ela passou a se cobrir do jeito que podia. Imitava Madalena, ao usar maiô [...] (Tenório, 2020, p. 54).

Para complementar essa ideia da “mulatinha”, citada acima, vamos integrar a ideia da visão desse corpo negro com outra citação. Martha, na adolescência, começou a namorar com Vitor “[...] Os pais de Vitinho incentivaram o namoro, porque viam em minha mãe uma pessoa boa, que, embora fosse pretinha, era bonita e poderia até dar netos bonitos, eles pensaram. [...]” (Tenório, 2020, p. 65). Outra citação que coaduna com essas mesmas ideias é a fala da mãe de Vitor, sua sogra: “[...]Agora você é da família e isso significa que pode ajudar a manter a casa de seus sogros limpa também. Uma moreninha forte igual a você pode ajudar bastante. [...]” (Tenório, 2020, p. 78).

A análise histórico-filosófica dessas passagens citadas acima, perpassando pela perspectiva de Lélia Gonzalez, revela como o racismo e o patriarcado confluem para objetificar, explorar e alienar corpos negros, especialmente os corpos femininos. Gonzalez, em sua obra, articula o duplo papel social imposto à mulher negra como “doméstica” ou “mulata”, categorias que cristalizam a violência simbólica e a exploração econômica dentro da sociedade brasileira.

O processo de exclusão da mulher negra é patenteado, em termos de sociedade brasileira, pelos dois papéis sociais que lhe são atribuídos: “domésticas” ou “mulatas”. O termo “doméstica” abrange uma série de atividades que marcam seu “lugar natural”: empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc. Já o termo “mulata” implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada “produto de exportação”, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais. Temos aqui a enganosa oferta de um pseudomercado de trabalho que funciona como um funil e que, em última instância, determina um alto grau de alienação. Esse tipo de exploração sexual da mulher negra se articula a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira. Que se pense no processo de apropriação das escolas de samba por parte da indústria turística, por exemplo, e no quanto isso, além do lucro, se traduz em imagem internacional favorável para a “democracia racial brasileira” (Gonzalez, 2020 p.33, grifo do autora).

Quando Martha, aos treze anos é reduzida à categoria de "mulatinha", termo que, como observa Gonzalez, reforça a hipersexualização da mulher negra. A experiência de Martha, ao ser percebida sexualmente desde a adolescência, revela o processo histórico de desumanização associado ao corpo negro. O comentário do homem mais velho, referindo-a como "gostosa", exemplifica como o patriarcado e o racismo agem em conjunto para colonizar o corpo feminino, transformando-o em um produto acessível e desejável, enquanto retira sua subjetividade. Gonzalez denuncia essa lógica como parte de um sistema que folcloriza e comercializa a mulher negra, tornando-a um produto de exportação.

A reação de Martha ao tentar se cobrir indica uma tentativa de autoproteção e negação de sua própria corporeidade. Esse gesto, aparentemente simples, reflete implicações profundas sobre como o racismo e a opressão de gênero moldam as práticas corporais e subjetivas das mulheres negras. Gonzalez (2020, p. 56) enfatiza que, quando uma pessoa negra é vista como objeto de entretenimento, ligado à atributos corporais como força, resistência física, ritmo, sexualidade, esse corpo é alienado e não se enquadra na perspectiva socialmente construída de humanidade. Ao esconder seu corpo, Martha busca escapar do estereótipo imposto a ela, mas, ao mesmo tempo, fragiliza sua autoaceitação, tanto como mulher negra quanto como adolescente em formação. Vale lembrar que, com apenas treze anos, Martha está em um processo de transformação próprio da adolescência, período em que ainda não compreende

plenamente que seu corpo pode ser visto de forma sexualizada, especialmente por um homem mais velho, algo que lhe causa estranhamento e repulsa.

A sogra de Martha utiliza a força física como justificativa para explorá-la como empregada doméstica informal. De acordo com Gonzalez (2020, p. 171), observamos que o papel de “doméstica” é historicamente infligido à mulher negra, marcando-a como força de trabalho subordinada, essencial para o funcionamento da economia doméstica, como também a pública. O comentário da sogra exemplifica o modo como o trabalho da mulher negra é naturalizado e desvalorizado, sendo visto como extensão de suas capacidades corporais, e não como fruto de suas escolhas ou habilidades.

Na passagem, onde os pais de Vitor consideram Martha como “pretinha bonita”, fica explicitado como o racismo é velado. A beleza de Martha é condicionada à sua adequação aos padrões eurocêntricos de feminilidade, evidenciando a lógica colonial que define o que é ou não desejável. Gonzalez descreve essa estrutura como um funil, que simultaneamente explora e aliena. Aqui, Martha é aceita na família de Vitor não por sua subjetividade, mas por seu potencial utilitário de gerar “netos bonitos”.

Complementando a ideia da hipersexualização do corpo da mulher negra, Vitor chega em casa drogado e questiona sua esposa Martha sobre onde ela havia aprendido a “trepar” como uma puta, alegando que nunca tinha visto uma mulher virgem gemer e se movimentar daquele jeito na cama. Ele a chama de “piranha” e enfatiza: “[...] Meu pai bem que avisou que as pretas não prestam [...]” (Tenório, 2020, p. 100).

O comportamento de Vitor ao agredir verbalmente Martha evidencia a perpetuação de estereótipos racistas que, segundo Gonzalez (2020, p. 143), operam em níveis consciente e inconsciente. A associação de Martha à figura hipersexualizada da “mulata para fornicar” reflete a herança colonial, onde mulheres negras eram erotizadas e desumanizadas, relegadas a papéis de servidão ou objetos de prazer. A fala “Meu pai bem que avisou que as pretas não prestam” cristaliza a dimensão consciente mencionada por Gonzalez, em que expressões populares reproduzem a inferiorização de corpos negros.

Para Gonzalez, a folclorização da cultura negra como no exemplo das escolas de samba apropriadas pela indústria do turismo é parte de uma estratégia que, enquanto celebra uma falsa integração, oculta as desigualdades raciais e de gênero. As passagens do romance de Tenório em relação a corporeidade de Martha, dialogam diretamente com essa crítica, mostrando como a mulher negra é ao mesmo tempo objetificada e relegada a papéis subalternos, enquanto a sociedade perpetua a ilusão de harmonia racial.

Desde a tenra idade, Martha é desafiada a resistir às intempéries sociais, econômicas e raciais que a cercam. Seu corpo carrega as marcas desse processo de reificação social, evidenciado em momentos em que ela sente vergonha de si mesma, seja pelos abusos sofridos pelo esposo ou pela objetificação imposta por sua sogra, que a reduz ora a uma força de trabalho, ora a um corpo sexualizado. Esses traumas, profundamente arraigados, deixam cicatrizes psicológicas ao longo da narrativa. No entanto, é possível perceber que a corporeidade de Martha transcende as regras moralmente impostas. Apesar das inúmeras situações traumáticas que enfrentou, ela se reafirma como sobrevivente, desafiando as estruturas opressoras que buscaram subjugar-la.

3.3 Lúcia – ambiguidade corporal

Lúcia, aos dezessete anos, vivia no morro e, nesse período, tornou-se a melhor amiga de Martha. Juntas, compartilhavam confidências sobre namoros e as descobertas próprias da adolescente. Tinham uma certa cumplicidade, mesmo sendo uma amizade que não se prolongou por muito tempo.

[...] Lúcia era muito divertida e debochada. Já havia namorado alguns meninos do morro e não era mais virgem. Não tinha receio de mostrar o corpo; quando minha mãe menstruou pela primeira vez, foi Lúcia quem a acalmou e disse que seria assim todos os meses; mesmo que Madalena já tivesse dito isso a ela, foi Lúcia que a deixou mais tranquila [...]. (Tenório, 2020, p. 62-63)

Lúcia é descrita como uma jovem divertida, desinibida e segura de si, encarna uma corporeidade que desafia os valores tradicionais, sobretudo no que diz respeito à virgindade. Sua postura frente ao próprio corpo e à menstruação, ao tranquilizar Martha, representa uma forma de empoderamento que destoa da repressão sexual historicamente promovida pela Igreja Católica. Agostinho (Agostinho, 1980, p. 55) expressa o conflito interno entre o desejo carnal e o ideal de pureza espiritual, um dilema central na construção da corporeidade no Ocidente. Para ele, o prazer sexual, associado ao "borbulhar da juventude" e à "lodosa concupiscência", é fonte de desordem e distanciamento de Deus, marcando a sexualidade como algo a ser controlado e reprimido. Essa perspectiva influenciou profundamente a valorização da virgindade, especialmente para as mulheres, como símbolo de pureza e virtude.

Podemos dizer que a personagem Lúcia, faz uma ruptura com essas normas históricas. Enquanto Agostinho enfatiza o pecado ligado ao corpo e ao prazer, Lúcia representa uma vivência da corporeidade mais naturalizada e livre de culpas religiosas, evidenciando as

transformações culturais e sociais em torno da sexualidade. Entretanto, a herança de repressão ainda paira como um pano de fundo que influencia inconscientemente a maneira como esses temas são vivenciados e julgados na contemporaneidade.

Mas essa citação referente a Lúcia, se torna um pouco ambígua. E assim, podemos fazer uma outra leitura tendo como referência a violência simbólica exercida sobre a mulher, em especial a mulher negra. A análise parte de um contexto histórico-cultural em que a hipersexualização do corpo feminino é uma constante, sendo que essa questão se agrava no caso das mulheres negras devido às interseções de raça e gênero.

Lúcia é apresentada como uma jovem que não tem receio de mostrar o corpo. Essa caracterização pode ser entendida como a reprodução de estereótipos culturais que associam as mulheres à sua sexualidade de maneira central, frequentemente ignorando sua subjetividade e complexidade. Mesmo sem uma descrição explícita de sua cor, a construção de Lúcia se alinha a um padrão narrativo que reflete e reforça a hipersexualização feminina.

Se Lúcia for entendida como uma mulher negra, a análise ganha ainda mais densidade. Gonzalez (2020, p.66) pontua que a mulher negra é muitas vezes endeusada no espaço público, como símbolo de sensualidade, especialmente no contexto carnavalesco, mas que essa "glorificação" carrega uma agressividade simbólica e prática, manifestada em sua invisibilidade e subjugação em outros espaços, como no trabalho doméstico. No caso de Lúcia, sua liberdade em exibir o corpo e sua aparente autonomia sexual podem ser mal interpretadas como escolhas puramente pessoais, quando, na verdade, podem ser reflexo de uma imposição cultural que associa a identidade feminina à sua sexualidade.

Portanto, ao concluir sobre a ambiguidade presente na expressividade corpórea de Lúcia, é possível perceber que ela tanto questiona a reificação social que associa o corpo feminino à hipersexualização quanto revela uma forma de insubordinação. Essa insubordinação pode ser relacionada aos princípios cristãos que, de maneira mais sutil ou explícita, pode influenciar a nossa construção subjetiva.

3.4. Saharienne – “mete o pé na porta”

Durante nossa pesquisa, as entrevistas de Jeferson Tenório foram fundamentais para nos aproximarmos de temas pertinentes ao livro. Uma curiosidade interessante é a personagem Saharienne: segundo o autor, em entrevista, ela foi inspirada em uma canção de Chico César.

Tenório (2021, 37min 38s)³⁶ revelou que: “ainda vou ter uma personagem com esse nome Saharienne.”

Pedro, o narrador de *O Averso da Pele*, demonstra encantamento por Saharienne e registra uma fala dela durante um debate sobre racismo estrutural, ocorrido no Diretório Acadêmico da universidade onde ambos estudavam.

[...] Em determinado momento, ela pediu a palavra e disse coisas duras e contundentes sobre a condição da mulher negra na sociedade, sobre os processos de aceitação do próprio corpo, do próprio cabelo, fiquei pasmo com jeito dela falar, era se como cada palavra e expressão estivessem todas no lugar [...] (Tenório, 2020, p.104-105).

A primeira leitura que podemos fazer dessa personagem é com referência a do seu próprio criador, o autor Jeferson Tenório, em entrevista³⁷ ele fala que Saharienne representa uma nova geração marcada por um amplo conhecimento aliado a uma delicadeza ao abordar questões complexas, como o racismo. O autor ressalta que a personagem não apenas ensina o narrador Pedro, um jovem universitário ainda em busca de amadurecimento, mas também o próprio escritor durante o processo de criação. Enquanto Pedro tenta alcançar a profundidade de Saharienne, ela já possui vivências e referências amplas, discutindo temas como cinema e diretores como Truffaut.

Fazendo uma leitura, da potência discursiva da personagem Saharienne na perspectiva de Fanon, podemos compreender que o processo de transformação é um exemplo do que Fanon (2020, p. 227-228), chama de restituir ao outro sua realidade humana. Para romper o círculo infernal de desumanização e objetificação do outro, é necessário que ambos os lados, tanto o oprimido quanto o opressor, se reconheçam-se mutuamente como sujeitos. Esse reconhecimento implica não apenas ouvir, mas validar as experiências e as falas do outro como expressão de uma humanidade compartilhada.

O impacto que a fala de Saharienne provoca em Pedro, evidencia uma ruptura com a percepção desumanizante que muitas vezes recai sobre corpos negros e femininos. Ao ouvir e reconhecer a legitimidade de sua voz, Pedro não apenas atribui à mulher seu lugar de sujeito, mas também transforma sua própria percepção. Esse é o ponto central de Fanon que é o reconhecimento mútuo é um movimento dialético, onde ambas as partes se transformam e reconfiguram suas relações. Esse retorno não é automático e exige uma mudança profunda no

³⁶ TENÓRIO, Jeferson. Pílulas Literárias/Jeferson Tenório. [Entrevista cedida a] Lilia Schwarcz. YouTube. 03 de mar. 2021. Vídeo (1h 43min 36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CqW5zuK4U2w>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

³⁷ Idem. (38 min 12s).

imaginário coletivo e nas estruturas sociais, muitas vezes mantidas por narrativas coloniais e patriarcais.

Assim, a fala de Saharienne reflete um momento de resistência e tentativa de mudança, onde a mulher negra, ao reivindicar sua humanidade, desencadeia um processo de reconhecimento que pode ser visto como um passo em direção à reciprocidade mencionada por Fanon. A fala dela, carregada de força e verdade, quebra barreiras e promove uma transformação que não é apenas pessoal, mas potencialmente coletiva, iluminando a necessidade de uma prática constante de mediação e reconhecimento mútuos para superar os legados de opressão.

Fazendo uma leitura na perspectiva de Gonzalez (2020, p. 210), podemos crer que a fala da personagem Saharienne, simboliza a reconstrução de uma autoimagem que confronta as imposições do modelo estético ocidental, que Gonzalez identifica como o "veneno mortal" do branqueamento. Esse modelo não só despreza as características físicas negras, mas também contribui para a desvalorização das narrativas e histórias dessa comunidade, alimentando uma ideologia que reforça a marginalização. Esse processo histórico de opressão, em que a estética branca foi exaltada como ideal, relegou a estética negra ao status de subalternidade. Esse processo não apenas gerou um profundo impacto psicológico, mas também promoveu o apagamento cultural e histórico. A fala de Saharienne, ao se posicionar sobre o corpo e cabelo, atua como um contra discurso, superando as normas moralmente impostas, subordinadas às relações de poder sobre o corpo.

3.5 Elisa – corpo mutilado.

Elisa, casada e professora de inglês, trabalha na mesma escola que Henrique. Após superar um câncer de mama, que resultou na retirada de um dos seios. Depois de dois anos de convivência e conversas nas salas dos professores, Elisa e Henrique iniciaram um relacionamento amoroso, tornando-se o último amor da vida dele.

[...] Por algum momento ela te olhou como quem avalia se aquela é a melhor situação para te contar. Então, ela se levanta, se afasta um pouco de você, abre a camisa e tira o sutiã. E você olha para a cicatriz dela, para o seio mutilado. Faz um grande esforço para não se mostrar surpreso. Depois diz que para você ela continua linda. Então ela te olha com afeto, vocês se abraçam e se beijam, em seguida você beija o seio dela e depois a cicatriz. Vocês fazem sexo algum tempo. Depois, exaustos, Elisa, abraçada em você, diz que precisa muito daquilo, que, desde que tinha retirado a mama, o marido não a tocava. E que, apesar disso, ela sabe que ele ainda a ama, mas que perdeu o interesse no corpo dela [...] (Tenório, 2020, p.139-140).

Essa citação, que se refere ao corpo mastectomizado de uma mulher, desvia da linha de pensamento que vínhamos traçando ao longo da pesquisa. No entanto, percebemos que ela carrega uma sensibilidade e um afeto fundamentais para o contexto do estudo. Trata-se do corpo de uma mulher, marcada por uma doença severa, o câncer de mama, mas que, ao mesmo tempo, é um corpo sexualizado, um corpo que sente e expressa desejo.

Sobre a criação do corpo feminino e suas representações sociais e simbólicas, Foucault (1991, p. 126) analisa um período histórico da cultura ocidental, onde foram criados os chamados "corpos dóceis". Esses corpos eram treinados e moldados pela disciplina em instituições como exércitos, prisões e escolas. Episódios como o modo de marchar, a forma de escrever e a postura eram ensinadas dentro dessas instituições, mas acabaram ultrapassando seus muros e se tornando um padrão aplicado a todos os corpos na sociedade. Para Foucault, um "corpo dócil" é aquele que pode ser controlado, usado, transformado e aperfeiçoado. Ele afirma que, em qualquer sociedade, os corpos estão sujeitos a poderes que os restringem com regras, proibições e obrigações. No entanto, isso não significa que esses controles não enfrentem resistências. Existem disputas e contrapontos que desafiam esses discursos que buscam normatizar os corpos.

Entre as instituições que disciplinam os corpos, está a medicina. No período de formação da chamada medicina social, entre os séculos XVIII e XIX. Foucault (1991, p.188-189) destaca que esse poder disciplinador da medicina influenciou várias áreas da sociedade, ditando como as pessoas deveriam agir e se comportar. A medicina não se limitou a tratar o corpo físico, mas também ajudou a moldar uma conduta e uma moral dos corpos, tanto de homens quanto de mulheres. No entanto, como o conhecimento médico-científico daquela época era predominantemente produzido por homens, os discursos sobre o corpo feminino e sua medicalização refletiam uma visão moral. Eles colocavam a mulher como um ser mais "natural" e "orgânico", enquanto o homem era visto como "cultural" e "histórico".

Aureliano (2009)³⁸ afirma que as questões que envolvendo corpo, gênero e saúde tornam-se indissociáveis nos estudos sobre mulheres com câncer de mama, pois todo o contexto de significação da doença está intimamente ligado à questão do corpo feminino, da representação social que ele envolve, estando a mama associada à sexualidade, à maternidade e à feminilidade da mulher. E quando essa unidade do corpo feminino é quebrada com a

³⁸ AURÉLIANO, Waleska de Araújo. "... e Deus criou a mulher": reconstruindo o corpo feminino na experiência do câncer de mama. *Estudos Feministas*, Florianópolis - SC, 17(1): 296, p. 49-70, Jan. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/T8GDvyqYM3f5rPyT6wwcNyG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 06/12/2024.

mastectomia, o fragmenta em partes, e é preciso repensar esse corpo, atualizá-lo para que ele seja o mesmo um novo corpo, modificado, mas ainda o principal e primeiro instrumento que possibilita à pessoa a sua relação com os outros. As identidades sociais da mulher que enfrenta o câncer de mama passam por transformações significativas, desde o momento de revelar a doença aos outros até as mudanças nas relações de trabalho e familiares. Essas alterações na percepção e construção das identidades estão ligadas à modificação do corpo, que, sendo social e culturalmente construído, tem sua apresentação impactada pela perda de um elemento tanto físico quanto simbólico, como a mama, o que o torna duplamente significativo. Reconfigurar a maneira de se enxergar (o que pode ser tanto positivo quanto negativo) também envolve reposicionar-se em suas ações, rerepresentar-se e representar-se social e simbolicamente.

Adentrando na leitura do corpo da personagem, Elisa ao abrir a camisa e revelar a cicatriz deixada pela mastectomia, ilustra como o corpo feminino, social e culturalmente construído, é profundamente impactado pela perda de um elemento carregado de significados simbólicos, como a mama. A mutilação corporal ultrapassa a dimensão física, afetando as representações de feminilidade, sexualidade e também de identidade.

O ato de Henrique beijar não apenas o seio de Elisa, mas também sua cicatriz, pode ser interpretado como um gesto de aceitação e atualização dessa nova corporeidade. Este gesto rompe com o olhar tradicional que fragmenta o corpo feminino após a mastectomia e o redefine como um novo corpo, que embora transformado, continua sendo o meio de relação da mulher com o mundo e com os outros.

Quando Elisa afirma que precisava daquele momento de intimidade, podemos entender que é uma forma dela lidar com a rejeição do marido. Assim, ela evidencia o processo de reconstrução da sua identidade feminina. A perda da mama, com seu significado físico e simbólico, impacta diretamente os papéis sociais e íntimos das mulheres. Isso mostra a necessidade de repensar não apenas a maneira como a mulher se vê, mas também como ela se relaciona com os outros. No caso de Elisa, a relação com o marido parece ter sido profundamente afetada pela mudança em seu corpo. Embora ela diga que ele ainda a ama, a ausência da mama e a cicatriz parecem ter abalado a percepção que ele tinha do corpo dela, antes alinhada aos padrões simbólicos tradicionais. Essa situação pode revelar como o corpo feminino é moldado por construções sociais e culturais, e que influenciam significativamente as relações íntimas, especialmente quando o corpo passa por alterações que desafiam essas expectativas.

A narrativa de Tenório humaniza e sensibiliza o leitor para a complexidade das experiências vividas por Elisa, refletindo a ideia de Aureliano sobre a necessidade de repensar

o corpo feminino pós-mastectomia, reconhecendo e respeitando sua nova configuração. Nesse contexto, o texto evidencia que Elisa supera as regras moralmente impostas ao corpo feminino ao reconfigurar sua identidade corporal após a perda de uma mama. Mesmo enfrentando a rejeição no plano do desejo sexual por parte do marido, ela desafia o paradigma tradicional do casamento, abrindo caminho para vivenciar sua plenitude corporal e subjetiva, rompendo com as expectativas sociais que limitam sua autonomia e reafirmando sua existência.

3.6 Pedro – objetos e memórias

Pedro é o personagem narrador do *O avesso da pele*. Na narrativa ele diz que perdeu a virgindade com dezessete anos como uma colega de escola chamada Tamires, que tinha 15 anos. Pedro a descreve como uma adolescente negra, cabelos curtos e de olhos grandes.

[...]Nós não chegamos a tirar completamente a roupa porque tínhamos vergonha do nosso corpo. A Tamires achava que tinha os seios grandes demais, então durante toda a transa ela usou uma blusa e sempre a puxava para baixo, com receio de que eu visse os seus seios. Eu também continuei de camisa, porque achava meu corpo muito magro e não queria que ela reparasse na saliência dos meus ossos. [...]. Começamos a nos beijar e a passar mão um no corpo do outro [...] (Tenório, 2020, p.111).

Os personagens envolvidos na cena acima são negros e carregam em seus corpos as marcas de uma opressão social que transcende as inseguranças individuais. A vergonha que ambos sentem ao expor seus corpos reflete a internalização de padrões estéticos impostos por uma cultura de embaquecimento, uma lógica colonial que reduz corpos negros a objetos de julgamento e subordinação. A mulher, com seus cabelos curtos e olhos grandes, e o homem, com seu corpo magro e ossos salientes, experimentam o peso de um mundo que não celebra suas características, mas as marginaliza.

Então nos coube enfrentar o olhar branco. Um peso fora do comum passou a nos oprimir. O mundo real disputava o nosso espaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é uma atividade puramente negacional. É um conhecimento em terceira pessoa. Ao redor do corpo reina uma atmosfera de clara incerteza [...] (Fanon, 2020, p. 126).

Fanon argumenta que o homem negro, ao tentar se situar em um mundo dominado pela branquitude, enfrenta dificuldades para construir um esquema corporal próprio, pois o corpo é constantemente negado ou medido por padrões alheios. Essa lógica é perceptível na narrativa de Tenório, onde os personagens não vivenciam plenamente seus corpos como fontes de prazer e expressão, mas como objetos de vergonha e ocultação. A blusa de Tamires, constantemente

puxada para baixo, e a camisa mantida pelo narrador, podem simbolizar barreiras físicas que podem também ser psíquicas impostas pelo racismo e pelos padrões hegemônicos de beleza.

Gonzalez (2020, p.210) destaca que a ideologia do branqueamento estético não apenas distorce a percepção que as pessoas negras têm de si mesmas, mas também falseia a história coletiva. Na narrativa de Tenório, essa ideologia se manifesta como um mal que condiciona os personagens a vivenciarem seus corpos em um estado de desconexão, mais preocupados em evitar o julgamento externo do que em explorar e afirmar suas potências corporais. Essa negação de si reforça a alienação histórica na qual a beleza negra é subjugada e desvalorizada.

As atitudes das personagens não são apenas manifestações de insegurança pessoal, mas reflexos de uma estrutura social que associa traços físicos negros a valores negativos, como Gonzalez (2020, p.210) aponta ao denunciar expressões como "cabelo ruim" e "feições grosseiras". O cabelo curto de Tamires é uma escolha que poderia representar força e afirmação, mas é ressignificado pela vergonha em relação ao próprio corpo.

O encontro descrito por Tenório, portanto, não é apenas íntimo, mas também um campo de disputa simbólica, onde os personagens negociam suas identidades corporais em meio a um "peso fora do comum", como descreve Fanon. Apesar da tentativa de se conectarem fisicamente, ambos permanecem presos às inseguranças impostas por uma sociedade que não valoriza seus corpos em sua totalidade. Esse momento revela o impacto profundo e contínuo do racismo e da colonialidade na vivência do corpo negro, não apenas no espaço público, mas também nas experiências mais íntimas e pessoais.

A outra citação do personagem Pedro aborda a despedida de seu pai, já falecido e enterrado. Pedro narra *O avesso da pele* de dentro do apartamento do pai, enquanto revira seus objetos e tenta reconstruir a trajetória de sua vida.

[...]Então precisei juntar pedaços e inventar uma história. Preciso arrancar tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida. Para isso, não me limito ao que vocês me contaram, nem ao que estes objetos me dizem sobre você. Não acho que devemos lidar apenas com a lógica dos fatos. Prefiro uma verdade inventada, capaz de me pôr de pé. Eu sei que está história pode estar apenas na minha cabeça, mas é ela que me salva [...] (Tenório, 2020, p. 183).

Pedro expressa a necessidade de inventar uma história para transformar a ausência em vida. Essa "verdade inventada" que o salva não se prende aos fatos concretos ou à lógica do que foi contado ou percebido. Ele prioriza um sentido criado, íntimo e, ao mesmo, tempo restaurador, capaz de sustentá-lo emocionalmente. Esse movimento é essencialmente

fenomenológico, pois demonstra como a consciência transforma a experiência do mundo e do passado em algo que responde às demandas existenciais do indivíduo.

[...] acreditamos que há uma verdade do passado, apoiamos nossa memória em uma imensa memória do mundo, na qual figura a casa tal como ela verdadeiramente era naquele dia e que funda seu ser do momento. Considerado em si mesmo — e enquanto objeto ele exige que o consideremos assim —, o objeto nada tem de envolto, ele está exposto por inteiro, suas partes coexistem enquanto nosso olhar as percorre alternadamente, seu presente não apaga seu passado, seu futuro não apagará seu presente. Portanto, a posição do objeto nos faz ultrapassar os limites de nossa experiência efetiva, que se aniquila em um ser estranho, de forma que para terminar crê extrair dele tudo aquilo que ela nos ensina. É este êxtase da experiência que faz com que toda percepção seja percepção de algo (Merleau-Ponty, 1999, p. 108).

Merleau-Ponty, aborda a percepção como uma experiência que transcende o objeto em si. Ele argumenta que o objeto não é apenas um conjunto de partes coexistentes no presente, mas uma entidade que carrega seu passado e potencial futuro. A percepção, portanto, é sempre uma relação ativa, na qual o sujeito projeta sentido no objeto e, simultaneamente, extrai dele algo que o transcende.

Pedro, entrelaça à subjetividade e ao desejo de sobrevivência emocional. Ao reinterpretar o passado, ele não procura fidelidade integral aos acontecimentos, mas sim uma história que lhe permita seguir em frente, devido a morte brutal sofrida pelo seu pai. Essa fala dialoga com a ideia de Merleau-Ponty de que a experiência perceptiva é "um êxtase", ou seja, uma forma de sair de si mesmo e mergulhar naquilo que é percebido, ampliando os limites do que é conhecido.

Ao entrar no apartamento do pai, Pedro através dos objetos, vai rememorando seu falecido pai, seguindo as ideias de Merleau-Ponty o objeto não é apenas um conjunto de partes coexistentes no presente, mas uma entidade que carrega seu passado e potencial futuro. A percepção é sempre uma relação ativa, na qual o sujeito projeta sentido no objeto e, simultaneamente, extrai dele algo que o transcende. E que não deixa de ser a perspectiva de Pedro, em tornar sua vida suportável no futuro.

Merleau-Ponty (1999, p. 193), ainda discute a temporalidade do corpo, que, estando sempre "aqui" e "agora", não se transforma em passado. Mesmo que a recordação de momentos anteriores (como a infância ou a experiência de uma doença) possa parecer apagada, ela não desaparece, mas se manifesta no presente, "encaixada" na posição atual do corpo. Cada instante vivido carrega vestígios do anterior, entrelaçando temporalidades que coexistem na percepção.

De forma análoga, Pedro apresenta a memória como fragmentada, mas ainda viva e capaz de ser reorganizada. Ele "junta pedaços e inventa uma história" para lidar com a ausência, mostrando que o passado, ainda que incompleto, (traumas raciais; sua mãe super protetora;

ausência do pai e sua morte violenta) continua moldando sua existência no presente. A ausência, portanto, é experimentada corporalmente, e a necessidade de transformá-la em vida reflete a tentativa de reintegrar a memória ao corpo no agora.

Trazendo uma outra leitura desse corpo na perspectiva de Gonzalez (2020), ela afirma que existe uma tensão entre consciência que está vinculada ao discurso dominante e à lógica do encobrimento e a memória, que inclui o não saber que emerge como ficção e verdade. Ela aponta que a memória tem um caráter insurgente e resistente, sendo capaz de desestruturar o discurso ideológico ao recuperar histórias silenciadas. A memória, portanto, se torna um campo de luta, onde o "não saber que conhece" restitui uma verdade suprimida.

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancas do discurso da consciência (Gonzalez, 2020, p. 65).

Tanto a citação de Lélia Gonzalez, como na narrativa de Pedro, convergem na ideia de que a verdade ficcionalizada possui um papel crucial na reconstrução da subjetividade e na preservação da memória. Para Pedro, essa invenção é necessária para superar a ausência e reestabelecer o sentido de viver. Para Gonzalez, a memória é igualmente inventiva, desafiando o discurso dominante por meio de suas astúcias e mancas.

O narrador Pedro precisa dessa inventividade para superar a dor da perda do seu pai. Para Gonzalez, essa mesma inventividade vai além da esfera pessoal e se transforma em um ato coletivo, como no caso dos negros, que utiliza a memória insurgente para subverter os discursos oficiais que apagam a história da diáspora africana, resgatando tradições, oralidades e histórias de resistência que foram silenciadas. Assim, seja no nível individual, como no ato de reconstruir-se frente a uma perda pessoal, ou no nível coletivo, como nos movimentos culturais que reivindicam a memória, essa inventividade, e não é escapismo, mas um poderoso gesto de ressignificação e resistência que transforma a realidade.

No contexto da narrativa de Pedro, observa-se um ato de resistência vinculado à memória, que permeia sua busca de superação ao longo de toda a obra. No entanto, é importante considerar que, durante sua adolescência, em momentos como a descrição da perda de sua virgindade, ocorre uma reprodução das normas socialmente reificadas. Nesse episódio, Pedro

reflete uma reificação social moralmente imposta, característica de uma fase de transição marcada pela internalização de valores hegemônicos. Esse comportamento evidencia que o processo de conscientização de sua corporeidade como homem negro ainda estava em um estágio inicial de amadurecimento. A partir dessas experiências, percebe-se que a construção da resistência de Pedro passa por um desenvolvimento gradual, no qual ele vai, aos poucos, reconhecendo e confrontando as imposições sociais que moldam sua identidade.

A construção narrativa, que explora a perspectiva onisciente de Pedro sobre seu pai Henrique, os dramas vivenciados por sua mãe e os conflitos de sua própria trajetória, revela elementos que dialogam diretamente com a corporeidade enquanto resistência às imposições de poder. Essas experiências, combinadas às reflexões de Pedro sobre seu corpo como espaço de resistência, podem ser interpretadas como uma recusa às normas e restrições moralmente impostas pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos a leitura do corpo nas personagens em *O Avesso da Pele*, aproximamo-nos das perspectivas dos Estudos Culturais, pois exploramos a corporeidade como um campo de resistência e de construção identitária. Norteadas pelas reflexões de Frantz Fanon, constatamos, sobretudo, que o corpo negro é um espaço ainda marcado pelas amarras coloniais. Dessa forma, a obra proporciona diálogos fundamentais sobre herança colonial, relações de poder, controle e liberdade, revelando como a literatura pode ser um instrumento potente de crítica e reflexão sobre as estruturas sociais e históricas que ainda reverberam no presente.

O avesso da pele, destaca-se pela profundidade afetiva e a busca pela humanização dos corpos negros, aspectos evidentes nas passagens analisadas nesta pesquisa. A obra propõe uma transformação do estigma historicamente associado ao corpo negro, desafiando estruturas coloniais e estereotipadas. Henrique, o protagonista, é um homem negro e professor de literatura, características que já rompem com determinados estereótipos sociais. Ele carrega lembranças de dores vividas na infância em um contexto de violência estrutural, mas também revela uma sensibilidade que se expressa na apreciação da música de Luiz Melodia e na empatia pelas dores de Martha. Apesar de suportar um relacionamento até o limite do possível, Henrique busca afirmar uma identidade que transcende as imposições de uma herança colonial. Ele recusa reproduzir o modelo pré-determinado de comportamento e existência associado ao corpo negro, reivindicando autonomia perante a sociedade e a si mesmo.

Tenório constrói esse protagonista dentro de um viés estético e artístico alinhado à literatura, evidenciando sua própria postura como um pesquisador e entusiasta dedicado a esse campo. Além disso, o autor reafirma sua crença no impacto transformador que a literatura pode exercer na vida das pessoas, promovendo reflexões e rupturas com discursos opressores.

Nessa perspectiva, aproximamo-nos de uma compreensão mais profunda sobre a questão da censura do livro *O Avesso da Pele*, uma vez que Jeferson Tenório expõe feridas ainda abertas da construção histórica do Brasil. O autor, em entrevistas, afirma que o país ainda não resolveu questões fundamentais, como o legado da escravidão e os traumas da ditadura militar. Ao mencionar assuntos como: os problemas do ensino público, a violência física e psíquica do racismo, a violência policial contra a população negra e, ao mesmo tempo, buscar uma humanização dos negros, o autor toca em pontos sensíveis que incomodam setores da sociedade que perpetuam uma narrativa de falsa superação desses dois grandes entraves históricos. E, muitas vezes, esses setores detentores de poder simbólico e material buscam manter uma imagem de que o Brasil superou seu passado colonial e autoritário, desconhecendo

as estruturas racistas e violentas que continuam a moldar a nossa realidade social. Portanto, a censura pode ser entendida como uma reação incômoda que, mais uma vez, tenta silenciar vozes que afrontam a narrativa hegemônica. De forma sensível e humana, Tenório não apenas denuncia as mazelas históricas, mas, através da arte da literatura, consegue atingir um arcabouço de conflitos que ainda persiste em nossa sociedade.

Durante a pesquisa, investigamos a relação entre um conto tradicional do orixá Ogum e o enredo geral do livro *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório. Apesar de buscarmos o conto citado pelo autor em entrevistas, não encontramos registros escritos dele, o que reflete a característica das tradições afro-religiosas, frequentemente preservadas na oralidade e transmitidas em práticas comunitárias nos terreiros, com variações regionais ou de acordo com as comunidades que as cultivam. A narrativa do romance inicia-se e encerra-se com menções a Ogum, sugerindo uma conexão simbólica. No conto, Ogum auxilia uma criança perdida na floresta a superar um abismo que a separa dos pais. De forma análoga, em *O Averso da Pele*, Pedro, ao reconstruir a história de seu pai, Henrique, tanto para si mesmo quanto para os leitores, encontra um caminho para superar seus próprios abismos. Para essa jornada, ele conta com o ocutá do pai e com a força de Ogum, que o impulsionam a enfrentar suas lutas pessoais.

Com base no que foi mencionado, podemos inferir que a moral do conto de Ogum – que enfatiza a superação e o retorno às raízes ancestrais como forma de enfrentar os desafios da vida – reverbera no romance. Assim, o livro não apenas oferece uma oportunidade de reflexão sobre a ancestralidade, mas também contribui para a reavaliação do papel histórico e contemporâneo do negro na sociedade brasileira. Ao mobilizar a tradição oral para dialogar com a escrita, Tenório insere na narrativa literária um recurso de resistência cultural, capaz de questionar as estruturas coloniais que historicamente tentaram silenciar essas vozes.

E essas informações sobre o ato de resistir, coadunam com os resultados da nossa pesquisa, pois a maioria das personagens carregam o viés de resistência. A partir do momento que nós lançamos a investigar o corpo/corporeidade nas personagens do *O avesso da pele*, tínhamos o intuito de compreender quais são os elementos presentes nessas personagens que podem contribuir para a reprodução da reificação social, manifestada corporalmente; e em que medida esses personagens podem evidenciar a dimensão de um corpo cuja expressividade seja capaz de superar as normas moralmente impostas, subordinadas às relações de poder sobre o corpo.

De acordo com o conceito de reificação social, estrutura intimamente ligada ao processo de alienação dos indivíduos, Jeferson Tenório traça em *O Averso da Pele* uma busca pela identidade das personagens negras. Em entrevistas, o autor esclarece que Pedro, Henrique e

Martha são, de certa forma, representações dele mesmo, refletindo sua própria trajetória como homem negro em busca de autoconhecimento e compreensão de suas origens. Essa jornada também representa um esforço para se desvencilhar das amarras coloniais. Paralelamente, Tenório incorpora uma forte crítica social em sua obra, na qual praticamente todas as personagens são atravessadas por dramas que vão além da questão racial, abordando também desigualdades econômicas. Esses aspectos refletem a reificação social vivida pelas personagens, marcada por uma desumanização progressiva das relações e pela reprodução de dogmas moralmente impostos, seja por influências judaico-cristãs ou pelo sistema capitalista e suas dinâmicas de poder.

Tenório nos mostra que a superação da alienação é possível, embora represente um processo doloroso e marcado pela resistência. Essa superação é simbolizada em personagens como Saharienne, Pedro e até mesmo Henrique, cuja morte pode ser interpretada como um rompimento com as amarras da reificação social. No entanto, os custos dessa libertação são elevados, pois envolvem enfrentar preconceitos e desumanizações profundamente enraizadas. O autor ressalta a importância de preservar o "avesso", ou seja, o íntimo onde os preconceitos não podem atingir, e de valorizar os afetos, que frequentemente são negados às pessoas negras. Esses afetos, ainda que muitas vezes marcados por relações familiares e amorosas atravessadas por traumas sociais, tornam-se uma forma de resistência. Enquanto Frantz Fanon oferece uma análise crítica do problema da desumanização racial, Tenório propõe uma estratégia simbólica de resistência que valoriza a dimensão afetiva como um contraponto à opressão.

Tendo como base teórica central o livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020), de Frantz Fanon, deparamo-nos com a complexidade da psicanálise, um dos pontos fundamentais de sua abordagem. Ao analisarmos a trajetória de formação do autor Jeferson Tenório, percebemos que essas questões psicanalíticas estão presentes em alguns de seus personagens. Em determinados momentos, essa presença ocorre de forma sutil, enquanto, em outros, o autor evidencia a relação entre pessoas negras e a psicanálise, como na cena em que o casal Martha e Henrique decide fazer terapia juntos. Tenório destaca a dificuldade que psicanalistas brancos enfrentam para compreender o universo das pessoas negras e seus sofrimentos decorrentes do processo de desumanização. Nas entrevistas analisadas, ao ser questionado sobre essa questão, o autor pontua que psicólogos e psicanalistas brancos podem, sim, atender pacientes negros, desde que se preocupem em incluir a questão racial em sua formação. Nesse sentido, um dos entraves encontrados em nossa pesquisa – e que poderia ser aprofundado – refere-se à relação entre a psicanálise e os personagens de *O Avesso da Pele*, um aspecto que merece ser investigado futuramente.

Percebemos, também, que o corpo não é um mero objeto subordinado à consciência, mas uma entidade sensório-motora que interage com o mundo e revela subjetividades. No contexto das nossas personagens analisadas, a corporeidade adquire um caráter político, econômico e cultural, carregando as marcas de uma história colonizadora, assim percebemos a desumanização desses corpos. Entretanto, é justamente através desse corpo — portador de memórias, afetos e resistências — que a subjetividade das personagens buscam se reafirmar e reescrever sua história. O corpo negro, ao habitar o espaço social, escola, relações amorosas, relações de trabalho, transcende a condição de objeto e se torna um veículo de enfrentamento às imposições coloniais, na busca ressignificação de sentidos e de reconstrução de identidades. Dessa forma, a corporeidade negra das personagens analisadas, atua como um campo de luta simbólica e concreta contra as estruturas de opressão.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**, De magistro = Do mestre. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).
- ALMEIDA, José Maurício Gomes. **“Literatura e mestiçagem”**. In: SANTOS, Wellington de Almeida (org). *Outros e outras na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Caetés, 2001. p. 89-110
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 6.ed., São Paulo, Ática, 1974.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini, *et al.* 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BARRETO, Afonso Henrique de Lima. **Clara dos Anjos**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg; Revisão: Alice Kyoko Miyashiro. São Paulo: Perspectiva. 1987.
- BARTHES, Roland. **A morte do autor. O Rumor da Língua**. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Magia e Técnica, Arte e Política. Tradução de S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v.1).
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero**. 1. ed. Tradução Heci Regina Cadiane. São Paulo: Boitempo, 2024.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CÂNDIDO, Antônio; ROSENVELT, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Emílio Sales. **A Personagem de Ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva. 2021.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: BoiTempo, 2008.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: Uma introdução**. São Paulo: BECA produções culturais Ltda. 1999.

CUTI, Luiz Silva. **“O leitor e o texto afro-brasileiro”** In: FIQUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas: Mazza, 2002. p. 19-36.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Minas Gerais, MG: Literafro, 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso: 01/02/2024.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n.25, p.17-31, agos/dez. 2009.

FAEDRICH, Anna Martins. **Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea**. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Lisboa de Mello. 2014. (Doutorado na área de Teoria da Literatura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014).

FANON, Franz. **Alienação e liberdade**. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu. 2020.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Sebastião Nascimento com colaboração Raquel Camargo. São Paulo: Ubu. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 16. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramallete. 19. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos**. Flávia Rios e Márcia Lima (org.). Rio de Janeiro: Schwarcz S.A. 2020.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1973.
- HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica**. 1. Ed. Tradução de Márcio Suzuki.. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2006.
- HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.
- JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução V. Rohden; A. Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- LUKÁCS, György. **História e consciência de classe: estudo sobre dialética marxista**. Tradução Rodnei Nascimento. São Paulo: editora Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas, v. 1).
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PLATÃO. **O Banquete**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Negro Brasileiro Negro. Rio de Janeiro – RJ, v.25, n.15, p.159-177. Jan./jul. 1997.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Os Pré-Socráticos: Vida e Obra**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996. (Os pensadores).

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

SCHULLER, Donaldo. **Teoria do Romance**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

TENÓRIO, Jeferson. **Estela sem Deus**. 2. ed. São Paulo: Companhias das Letras, 2022.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. 1. ed., São Paulo: Companhias das Letras, 2020.

TENÓRIO, Jeferson. **O beijo na parede**. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.